

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

RODRIGO MAZER ETTO

A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA LINGUAGEM DE ADOLESCENTES
PRIVADOS DE LIBERDADE

PONTA GROSSA
2018

RODRIGO MAZER ETTO

A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA LINGUAGEM DE ADOLESCENTES
PRIVADOS DE LIBERDADE

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Orientadora: Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos.

PONTA GROSSA
2018

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Etto, Rodrigo Mazer
E85 A influência de fatores sociais na
 linguagem de adolescentes privados de
 liberdade/ Rodrigo Mazer Etto. Ponta
 Grossa, 2018.
 156f.

 Dissertação (Mestrado em Estudos da
 Linguagem - Área de Concentração:
 Linguagem, Identidade e Subjetividade),
 Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Prof^a Dr^a Valeska Gracioso
 Carlos.

 1.Variação linguística. 2.Fatores
 sociais. 3.Adolescência em conflito.
 4.Preconceito linguístico. I.Carlos,
 Valeska Gracioso. II. Universidade
 Estadual de Ponta Grossa. Mestrado em
 Estudos da Linguagem. III. T.

CDD: 806.90

RODRIGO MAZER ETTO

A INFLUÊNCIA DE FATORES SOCIAIS NA LINGUAGEM
DE ADOLESCENTES PRIVADOS DE LIBERDADE

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Área de Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 9 de abril de 2018.

Profa. Dra. Valeska Gracioso Carlos - Orientadora
Doutora em Estudos da Linguagem
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche
Doutora em Linguística
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profa. Dra. Ligia Paula Couto
Doutora em Educação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Jorge e Maria.

Seus exemplos de conduta e suas manifestações de confiança irrestrita permitiram-me dar esse grande passo em direção a minha realização profissional e pessoal.

A possibilidade de mudança profissional que sempre me indicaram e sugeriram, juntamente com o amor incondicional que depositaram em meu coração foram a base na qual me apoiei para o ingresso na área acadêmica.

Certamente, sem vocês dois nenhuma transformação ocorreria em minha vida.

Muito obrigado pela paciência que sempre tiveram para comigo, por serem meu porto seguro e terem renovado meus ânimos nos momentos mais ‘escuros’ que enfrentei.

Este trabalho também é dedicado ao meu querido irmão Rafael, sua esposa Carolina, minhas sobrinhas Letícia e Isabela, pois a forma carinhosa e pacienciosa com que fui acolhido em sua residência, juntamente com seus imprescindíveis conselhos e incentivos, renovaram-me a coragem nos momentos de indecisão, insegurança e dificuldades.

De coração, o meu eterno agradecimento a todos vocês.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Valeska Gracioso Carlos, que desde o meu ingresso no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem demonstrou confiança no meu projeto de pesquisa e, corajosa e carinhosamente, aceitou o desafio de me orientar no estudo da linguagem em um contexto tão delicado, como o de privação de liberdade. Obrigado pelo aconselhamento e direcionamento dispensados, e por ter confiado a mim seus conhecimentos teóricos e práticos.

À Profa. Dra. Maria de Lourdes Rossi Remenche e à Profa. Dra. Lígia Paula Couto, pelas valiosas orientações, correções e por terem aceitado carinhosamente colaborar com este trabalho.

À Profa. Dra. Djane Antonucci Correa, que ofereceu importantes esclarecimentos quanto ao trâmite judicial necessário para a realização da pesquisa, contribuindo muito para a concretização desse trabalho.

À diretora do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa, senhora Vera Lúcia Kawanate, pela autorização para realização da pesquisa e por se mostrar favorável ao desenvolvimento deste trabalho.

Aos participantes dessa pesquisa, pois sem a contribuição deles essa dissertação não se realizaria.

“O adolescente infrator será sempre resultado de uma sociedade que descuida das suas crianças e jovens. É preciso terminar esse ciclo de vitimação: a sociedade abandona, cria uma vítima que é a criança, e essa mesma criança cria outras vítimas quando começa a furtar, roubar, violentar, assassinar.”

(Mário Sérgio Cortella)

ETTO, Rodrigo Mazer. **A influência de fatores sociais na linguagem de adolescentes privados de liberdade**. Ponta Grossa. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

RESUMO

Este trabalho investigou a linguagem utilizada por adolescentes que cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade no Centro de Socioeducação de Ponta Grossa e teve por objetivos verificar a influência de fatores sociais – extralinguísticos – como nível de escolaridade, convívio e tempo de internação do falante no uso de uma variedade linguística caracterizada pela presença de palavras com sentido figurado; identificar a presença ou ausência dos termos e expressões coletados em um dicionário de Língua Portuguesa, comparando o significado contido no dicionário com o sentido dado aos termos pelos entrevistados e, por fim, analisar algumas narrativas sob a ótica do preconceito linguístico. Esta pesquisa realizou-se através da aplicação de entrevistas semiestruturadas a oito adolescentes internos do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa. A análise dos fatores sociais possibilitou constatar que a variável ‘tempo de internação superior a seis meses’ foi a que apresentou maior uso da variedade linguística em estudo, seguida das variáveis ‘nível de escolarização superior ao sexto ano do E. F.’, ‘possibilidade de convívio’, ‘tempo de internação de até seis meses’, ‘nível de escolarização de até o sexto ano do E. F.’ e ‘não possibilidade de convívio’. Dos 260 termos e expressões obtidas na etapa de coleta de dados, 156 não constam no referido dicionário, o que representa 60% do total de itens obtidos; 64 constam no dicionário com sentido diverso do utilizado pelos informantes – 24,5%; 40 estão dicionarizados com o mesmo sentido – 15,5%. A primeira parte da entrevista semiestruturada – as entrevistas narrativas de experiência pessoal – permitiu constatar que metade dos entrevistados já sofreram discriminação e preconceito devido à variedade linguística utilizada. As investigações entre linguagem e fatores extralinguísticos e sua relação com o comportamento social dos falantes podem contribuir para a compreensão do universo vocabular dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, e colaborar com as práticas daqueles que trabalham com jovens, buscando compreender melhor suas particularidades, com a finalidade de auxiliá-los e conduzi-los nessa constante busca de experimentação de novas sensações e de tudo que se apresenta como novo. Dessa forma, a presente pesquisa pode contribuir para os estudos sociolinguísticos, no sentido de possibilitar a criação de ferramentas pedagógicas que auxiliem tanto o processo de ensino-aprendizagem escolar dos adolescentes em conflito, quanto a desconstrução do preconceito linguístico, o qual acaba por reforçar a posição social (marginal) desses adolescentes.

Palavras-chave: Variação linguística. Fatores sociais. Adolescência em conflito. Preconceito linguístico.

ETTO, Rodrigo Mazer. **The influence of social factors on the language of adolescents deprived of their liberty.** Ponta Grossa. 2018. 156 f. Dissertation (Master in language studies). Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2018.

ABSTRACT

This study investigated the language used by adolescents who comply socioeducational measures of deprivation of liberty in the Socioeducation Center of Ponta Grossa and had as objectives to verify the influence of social factors - extralinguistic - as level of schooling, conviviality and length of stay of the speaker in the use of a linguistic variety characterized by the presence of words with figurative meaning; identify the presence or absence of terms and expressions collected in a Portuguese language dictionary, comparing the meaning contained in the dictionary with the meaning given to the terms by the interviewees and, finally, to analyze some narratives from the point of view of linguistic prejudice. This research was carried out through the application of semi-structured interviews to eight adolescents from the Centro de Socioeducação de Ponta Grossa. The analysis of social factors made it possible to verify that the variable 'hospitalization time of more than six months' was the one that presented the greatest use of the linguistic variety under study, followed by the variables 'schooling level higher than the sixth year of E. F.', 'possibility of living', 'length of stay of up to six months', 'level of schooling up to the sixth year of E. F.' and 'no possibility of conviviality'. Of the 260 terms and expressions obtained in the data collection stage, 156 are not included in the dictionary, which represents 60% of the total items obtained; 64 are in the dictionary with a different meaning from that used by the informants - 24.5%; 40 are worded with the same meaning - 15.5%. The first part of the semi-structured interview - narrative interviews of personal experience - showed that half of the interviewees have already suffered discrimination and prejudice due to the linguistic variety used. The investigations between language and extralinguistic factors and their relation with the social behavior of the speakers can contribute to the understanding of the vocabulary universe of the adolescents who fulfill socioeducative measures, and to collaborate with the practices of those who work with young people, seeking to better understand their particularities, with the purpose of assisting them and leading them in this constant search for experimentation of new sensations and of everything that presents itself as new. In this way, the present research can contribute to the sociolinguistic studies, in the sense of enabling the creation of pedagogical tools that help both the teaching-learning process of adolescents in conflict, as well as the deconstruction of linguistic prejudice, which reinforces the (marginal) social position of these adolescents.

Keywords: Linguistic variation. Social factors. Adolescence in conflict. Linguistic prejudice.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Vista externa do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa.....	24
FIGURA 2– Centro de Socioeducação de Ponta Grossa.....	26
GRÁFICO 1 – Campos semânticos.....	72
GRÁFICO 2– Distribuição do corpus quanto à dicionarização.....	89
GRÁFICO 3– Quantidade de itens lexicais utilizados exclusivamente.....	99
GRÁFICO 4– Quantidade de itens lexicais utilizados exclusivamente.....	111
GRÁFICO 5 – Quantidade de itens lexicais utilizados exclusivamente.....	120
GRÁFICO 6 – Usos exclusivos dos seis grupos.....	124
GRÁFICO 7 – Total de itens lexicais utilizados por cada grupo.....	129

LISTA DE TABELAS

TABELA 1- Distribuição do corpus segundo o fator‘nível de escolarização’	92
TABELA 2- Distribuição do corpus segundo o fator‘convívio’	102
TABELA 3- Distribuição do corpus segundo o fator‘tempo de internação’	114
TABELA 4- Variantes linguísticas exclusivamente utilizadas.....	126

LISTA DE SIGLAS

A	ALFA
B	BRAVO
C	CHARLIE
CENSE	CENTRO DE SOCIOEDUCAÇÃO
D	DELTA
E	ECO
G	GOLF
H	HOTEL
IPEA	INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 APONTAMENTOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA E OS ADOLESCENTES EM INTERNAÇÃO	17
1.1 A infração na Adolescência	20
1.2 O Centro de Socioeducação de Ponta Grossa – PR.....	23
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
2.1 Língua e Cultura.....	28
2.2 Dimensão social da linguagem.....	33
2.3 Variação Linguística.....	36
2.4 A Sociolinguística.....	41
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	46
3.1 Abordagem qualitativa.....	48
3.2 Etnografia	49
3.3 Etapas do processo de coleta de dados	53
3.4 Seleção dos informantes	58
3.4.1 O fator ‘convívio’	60
3.4.2 O fator ‘nível de escolarização’	62
3.4.3 O fator ‘tempo de internação’	64
3.5 A entrevista semiestruturada.....	66
3.5.1 A entrevista narrativa	66
3.5.2 Questionário semântico-lexical	69
4 ANÁLISE DOS DADOS	71
4.1 Campos semânticos.....	71
4.2 Dicionarização do corpus	74
4.3 Relação entre fatores sociais e usos linguísticos	91
4.4 Análise da relação entre fatores sociais e variação linguística	123
5 PRECONCEITO LINGUÍSTICO	133
CONSIDERAÇÕES FINAIS	140
REFERÊNCIAS	146
ANEXO I – FICHA DO INFORMANTE	152
ANEXO II – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	154

INTRODUÇÃO

Constituindo-se na mais eficiente forma de interação entre as pessoas, a língua possibilita a construção de relações entre os indivíduos e, destes, com a sociedade em que se encontram inseridos. É através do uso da língua que as pessoas revelam suas crenças, sua cultura, seus valores e seu pertencimento a determinados grupos sociais, por isso, para estudar uma língua, é preciso considerar seu contexto sociocultural de utilização, porque sempre os falantes de línguas estão inseridos em suas comunidades de fala.

Paralelamente, é necessário considerar que as línguas, sejam elas quais forem, não são fixas ou imutáveis, pelo contrário, estão em constante processo de mudança, em decorrência de transformações na sociedade que a utiliza, ou seja, existe uma clara relação entre as transformações que uma língua sofre com as mudanças sociais e, portanto, com as mudanças na comunidade de seus falantes.

Devido ao seu caráter heterogêneo que possibilita a coexistência de modos diferentes de se dizer a mesma coisa, as línguas sofrem mudanças diacrônicas e sincrônicas, ou seja, sofrem variações de acordo com o espaço, o tempo e com a situação social do falante. Essas mudanças são mais comuns na linguagem falada, como os vários exemplos de variações linguísticas do português falado no Brasil e podem ocorrer no campo morfossintático, pragmático-discursivo, semântico-lexical e fonético-fonológico.

Considerando a heterogeneidade presente nos fenômenos linguísticos, este trabalho objetiva analisar a relação entre fatores extralinguísticos e a linguagem praticada por adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade.

A variedade linguística utilizada por esses adolescentes permite que o falante entenda e seja entendido pelos integrantes do grupo ao qual faz parte, possibilitando a criação de uma identidade linguística que diferencie seu grupo dos demais grupos sociais. Em sua maioria, essas variações ocorrem no plano semântico-lexical da língua e passam uma ideia de informalidade. São termos criados a partir da linguagem comum, mas com significados diferentes, com alteração do seu sentido original.

Os membros desse grupo de falantes expressam oposição aos valores tradicionais da sociedade, como o uso dessa variedade linguística, que se transforma em um jogo de adivinhação a quem não pertence ao grupo, sendo que, muitos termos originados dessa variedade são encontrados nas letras de músicas que exaltam e representam grupos sociais, como o rap, o funk e o hip-hop. O cinema nacional também aborda essa linguagem utilizada por pessoas privadas de liberdade, possibilitando uma maior aproximação do espectador com

a realidade dos seus grupos de falantes, como por exemplo, os filmes “Carandiru”, “Cidade de Deus” e “Tropa de Elite II”.

A decisão em estudar e analisar as variações de linguagem usadas por adolescentes em regime de internação se deve principalmente a três fatores. Primeiramente, pelo fato deste pesquisador ter atuado profissionalmente como agente de segurança penitenciária durante 15 anos em uma unidade prisional paulista, destinada a presos considerados primários, ou seja, aqueles indivíduos que foram condenados a penas privativas de liberdade pela primeira vez. Devido a esse critério de condenação primária, os detentos, em sua maioria, tinham idade que variava dos 18 aos 25 anos, que segundo a Organização Mundial de Saúde, é um período definido como pós-adolescência ou juventude.

O segundo fator que motivou esse trabalho é o ambiente fechado de uma instituição destinada ao cumprimento de medidas socioeducativas, onde a privação de liberdade, a segregação social, a restrição de circulação, a permanente sensação de estar sendo vigiado e o contato forçado e diário entre indivíduos com históricos de vida ligados à violência propiciam o surgimento e a adoção de uma linguagem especial, codificada.

E a terceira motivação relaciona-se com o fato dos adolescentes serem mais propensos à mudança que os adultos, visto que, a adolescência, fase que marca a transição entre a infância e a idade adulta, é caracterizada por transformações físicas, psicológicas e sociais, exigindo do adolescente uma mudança de comportamento e a aquisição de competências que possibilitem seu futuro ingresso na fase adulta.

Durante o período em que foi exercida tal atribuição profissional, a observação e a interação com a população carcerária permitiram constatar a importância que os sentenciados davam à linguagem que utilizavam, pois, em muitas ocasiões, foi possível perceber que o conhecimento ou desconhecimento desse código linguístico facilitava ou dificultava a comunicação entre os presos e também fortalecia ou enfraquecia sua identificação com relação ao pertencimento a um grupo social específico: aqueles indivíduos condenados a penas privativas de liberdade em virtude de crimes praticados.

Assim, por já ter experiência no trato com pessoas submetidas, via condenação judicial, à privação de liberdade, surgiu a ideia de estudar a relação entre a linguagem praticada por adolescentes em regime de internação e alguns fatores sociais que incidem sobre tal variação linguística.

De acordo com os fatores sociais que caracterizam uma comunidade de falantes, seus integrantes assumem determinados comportamentos linguísticos, pois, cada grupo social

estabelece o tipo de linguagem que é praticada por seus integrantes, visando a identificação do falante ao grupo a que pertence.

Ao explicar a relação entre práticas linguísticas e identificação a grupos, Bortoni-Ricardo (2005, p. 33) afirma que “ser nordestino, ser mineiro ou ser carioca, entre outros, é motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar o linguajar de sua região e praticar seus hábitos culturais”.

Tal relação entre usos linguísticos e pertencimento a determinados grupos de falantes também se verifica no ambiente de um Centro Socioeducativo, pois a variedade linguística praticada pelos adolescentes internos reforça o caráter identitário dessa linguagem quanto ao grupo social a que pertencem seus falantes.

A escolha em realizar esta pesquisa na área da sociolinguística justifica-se em virtude da evidente correlação entre práticas linguísticas e comunidades de falantes, dado que toda “língua falada está totalmente inserida e interligada à sociedade. Não há sociedade sem língua e nem língua sem uma sociedade para que esta se manifeste” (TARALLO, 2003, p. 19).

Tendo como sustentação teórico-metodológica a Sociolinguística Variacionista (WEINREICH, LABOV; HERZOG, [1968] 2006), também conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística, cujo princípio básico é a relação entre língua e sociedade e o principal objetivo é o estudo das regras variáveis, este trabalho, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas, buscou compreender a sistematicidade da variação linguística praticada por adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de internação, na tentativa de analisar a influência de fatores extralinguísticos como nível de escolaridade, convívio e tempo de internação do falante no uso dessa linguagem.

Sendo de natureza qualitativa, a presente pesquisa foi realizada através de uma perspectiva etnográfica, baseada na observação, descrição e análise de fatores socioculturais em relação aos fenômenos linguísticos, uma vez que esse método permite estudar descritivamente aspectos socioculturais de uma comunidade de falantes. A abordagem qualitativa, por possibilitar a imersão do pesquisador na comunidade estudada, se mostrou metodologicamente eficaz, pois, o mesmo teve, como fonte direta de dados, o ambiente sociocultural do grupo de falantes em que se encontrava integrado.

A perspectiva etnográfica exigiu do pesquisador uma observação participativa para descrever e analisar os diversos aspectos da vida do grupo em estudo, objetivando uma visão geral do contexto pesquisado. Dessa forma, através da observação direta e do registro das falas dos participantes, por meio da gravação das narrativas em áudio, complementadas por observações anotadas na ficha do informante, o corpus coletado foi posteriormente transcrito,

o que permitiu analisar a diversidade linguística do grupo em estudo, visto que, foram utilizadas como ferramentas de geração de dados entrevistas semiestruturadas, fato que localiza este trabalho na área da Sociolinguística, que tem como objeto de pesquisa a análise de fatores sociais que influenciam a diversidade linguística.

A abordagem teórico-metodológica da Sociolinguística permitiu a identificação, e posterior análise, de itens semântico-lexicais próprios da linguagem praticada por adolescentes em regime de internação, pois, através dessa perspectiva, é possível “que a gente conheça o estado atual, real da língua, como ela é de fato usada pelos falantes, por meio da frequência de uso da variante X e da variante Y”. (BAGNO, 2007, p. 51).

Segundo Mollica, a Teoria da Variação e Mudança Linguística instrumentaliza a análise sociolinguística, porque “esta linha é adotada em função de ser considerada teoricamente coerente e metodologicamente eficaz para a descrição da língua em uso numa perspectiva sociolinguística” (MOLLICA, 2004, p. 11).

Assim, este trabalho utilizou a modalidade de coleta sistemática de itens lexicais, através da aplicação de entrevistas semiestruturadas aos adolescentes internos do CENSE¹ de Ponta Grossa, em razão dessa ferramenta de coleta de dados permitir a obtenção de elementos narrativos sobre representações e significados atribuídos pelos sujeitos da pesquisa, as suas experiências adquiridas.

A presente dissertação se divide em cinco capítulos.

A primeira parte do capítulo I tratará da fase da adolescência segundo a teoria de Erikson (1994), de alguns trabalhos como o de Peres (1998) e Donas (2001), e de acordo com os critérios definidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Também será abordado o problema do crescente número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de privação de liberdade no Brasil, utilizando para isso, dados do mais recente Levantamento Anual do SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (BRASIL, 2015a), referentes ao ano de 2014, e dados de 2016 do Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito (BRASIL, 2016), os quais indicaram que dobrou o número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas no Brasil, em comparação aos quatro anos anteriores.

¹Espaço de atendimento ao adolescente em cumprimento de medida judicial, o Centro de Socioeducação de Ponta Grossa têm abrangência regional e oferta os programas de internação e/ou internação provisória. É destinado a adolescentes de ambos os sexos em cumprimento de medidas socioeducativas de internação. Localiza-se na Rua José Ferreira de Menezes, lote 40, Ponta Grossa – PR. Disponível em <http://www.dease.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1> . Acesso em 05 de abril de 2017.

O capítulo II discorrerá sobre a fundamentação teórica utilizada. Considerando que o código linguístico praticado pelos internos do CENSE reflete os aspectos socioculturais dos adolescentes, foram utilizados os aportes teóricos de Sapir (1971 [1921]) e Coelho e Mesquita (2013) para tratar da relação entre língua e cultura. A concepção de linguagem como fato social teve como referências as teorias de Coseriu (1982, 1987) e também de Sapir (1987 [1947]).

Sendo a linguagem dos internos uma variação da Língua Portuguesa, o tópico ‘Variação linguística’ baseou-se nos estudos de Bortoni-Ricardo (2004) e Bagno (2007). Encerrando o capítulo, o tópico ‘Sociolinguística’ fundamentou-se nos trabalhos de Labov (2008 [1972]), em que recorreu-se a Tarallo (2003) para melhor interpretação da teoria laboviana.

O terceiro capítulo tratará dos procedimentos metodológicos empregados na pesquisa, como a abordagem qualitativa (FLICK, 2013) e a etnografia (HALL, 1978; SOUSA, 2006; LOPES, 2003).

O capítulo IV tratará a análise dos dados em que o léxico coletado nas entrevistas foi agrupado de acordo com seus campos semânticos. Nesse tópico, o sentido dos termos e expressões oferecidos pelos entrevistados foi comparado com o significado comum, através da consulta ao Dicionário de Língua Portuguesa Houaiss Conciso (2011), no intuito de verificar se os itens obtidos nas entrevistas já se encontram ou não dicionarizados.

Considerando que os termos e expressões coletadas, cujos sentidos constam em dicionários, estão mais propensos a ser de conhecimento geral – não se restringindo somente aos falantes que compõem o grupo social em estudo, e os que ainda não estão dicionarizados tendem a ser exclusivos do código linguístico praticado pelos adolescentes em regime de internação, essa comparação possibilitou constatar a presença de alguns termos no referido dicionário, alguns dicionarizados com o mesmo sentido utilizado pelos entrevistados e outros com sentidos diversos. Tal comparação também possibilitou constatar a ausência de alguns termos no referido dicionário.

Através da relação entre a frequência de usos linguísticos e os fatores sociais ‘tempo de internação’, ‘convívio’ e ‘grau de escolarização’, esse capítulo analisa a influência desses três fatores extralinguísticos na linguagem praticada pelos adolescentes internos do CENSE de Ponta Grossa.

O quinto capítulo abordará a questão do preconceito e discriminação pela linguagem através dos aportes teóricos de Bagno (2004, 2007) e Monteiro (2000), e apresentará conceitos sobre norma padrão, de acordo com apontamentos de Faraco (2002, 2008).

1 APONTAMENTOS SOBRE A ADOLESCÊNCIA E OS ADOLESCENTES EM INTERNAÇÃO

Este capítulo traz informações sobre aspectos importantes da fase da adolescência, com destaque para aqueles tidos como mais significativos dessa etapa do desenvolvimento humano.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde² e a Organização Pan-americana de Saúde (1998), a adolescência se caracteriza como um processo biológico que envolve transformações orgânicas, no qual ocorrem o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade, abrangendo a faixa etária denominada pré-adolescência – indivíduos com idades entre 10 e 14 anos, e a adolescência – indivíduos com idades entre 15 e 19 anos.

Tal classificação por faixa etária, de acordo com as definições acima, deve-se simplesmente por motivos de estatística, já que essa fase é vista como um processo que se inicia antes dos 10 anos e não se finda aos 19 anos.

Para Donas (2001), o início da adolescência é biológico e determinado por meio de um processo de maturação sexual, enquanto que seu limite final é de ordem sociológica, a partir da concepção de que o adolescente passa a ser adulto no momento em que se torna independente dos familiares, por meio de sua liberdade econômica.

O trabalho intitulado “Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública” (PERES, 1998) aborda essa fase de desenvolvimento humano pela ótica da biomedicina. Segundo a perspectiva da biomedicina, a fase da adolescência é vista como uma etapa do desenvolvimento humano, caracterizada pelo movimento de transição entre a infância e a vida adulta, que ocorre na segunda década da vida de todos os indivíduos, sendo marcada por transformações biológicas da puberdade e relacionada à maturidade biopsicosocial. Tais mudanças ou transformações são consideradas essenciais na vida dos indivíduos, o que justifica considerar a adolescência como uma fase crítica, permeada por momentos de definições da própria identidade, seja a profissional, a sexual e as demais identidades sociais que representam um mesmo indivíduo, sendo que as crises relativas a essa fase da vida são muitas vezes consideradas e tratadas como patologias. Portanto, as dificuldades e desafios enfrentados pelo adolescente são considerados naturais, ou melhor, próprios das transformações em desenvolvimento.

² Informações retiradas do site da organização Mundial da Saúde. Disponível em http://www.who.int/topics/adolescent_health/es/. Acesso em 02/07/2017.

De acordo com Coutinho e Beserra (2001), as transformações físicas iniciais da adolescência surgem com o processo fisiológico individual da puberdade, que geralmente se manifesta dos 8 aos 14 anos de idade, fase essa que se caracteriza pelo desenvolvimento do corpo físico, por transformações que estabelecem a maturidade sexual, determinadas pela inter-relação de vários fatores neuroendócrinos.

As alterações emocionais, físicas, endócrinas e sociais ocorrem conjuntamente nessa fase, propiciando o surgimento de comportamentos e emoções novas, com complexas mudanças no desenvolvimento do ser humano, o que caracteriza a adolescência como uma fase de vulnerabilidade física, psicológica e social, com complexas mudanças no processo de desenvolvimento humano.

Ao estudar a relação entre adolescência e saúde, Miriam (2006) esclarece que a vulnerabilidade desse período da vida do adolescente vai exigir atenção especial dos seus familiares e das pessoas que com ele convivem, para que os dilemas e situações deparados possam ser enfrentados com o mínimo de danos à sua saúde e bem-estar.

Além de alterações físicas de um corpo em amadurecimento, a fase da adolescência também abrange mudanças cognitivas e emocionais, incluídas aí as frustrações e os conflitos interpessoais, pois, conforme aponta Erikson (1994), o adolescente em formação pode abandonar alguns aspectos das suas identificações anteriores e fortalecer outros.

Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a adolescência compreende indivíduos com idades entre 12 e 17 anos e 11 meses, sendo por isto não incluídos na categoria de autor de ato criminal, mas sim na autoria de ato infracional. Nesse sentido, descritivamente, não há diferença entre os atos, conforme regulamenta o artigo 103 do estatuto em questão, que define como ato infracional toda conduta descrita como crime ou contravenção penal, devido ao fato do adolescente não poder ser considerado penalmente responsável por ato criminal, como ocorre aos maiores de 18 anos.

Segundo o referido estatuto (BRASIL, 1990), essa inimputabilidade penal do adolescente decorre da compreensão de que o mesmo está em pleno desenvolvimento biopsicosocial e, por isso, não oferece condições, devido à imaturidade que caracteriza essa etapa da vida, para responder criminalmente por algum ato e pelas suas consequências. Por isso que, quando o adolescente é autor de ato infracional, a ele são impostas medidas socioeducativas em diversos graus de intervenção, mantendo o objetivo proposto pelo documento, que é o de preservar sua integridade mental e física.

As mudanças ocorridas na adolescência exigem uma forma de tratamento não padronizado, em virtude dos adolescentes terem, individualmente, modos particulares de

pensar, diferentes condições de acesso aos serviços sociais, históricos de vida distintos e padrões morais e de comportamento diferenciados de acordo com o grupo ao qual fazem parte.

A pressão do grupo ao qual pertence o adolescente - aqui nessa pesquisa, representado pela população de internos do CENSE, constitui-se em um importante fator que determina seu comportamento, devido ao seu desenvolvimento biopsicossocial, que é influenciado pelos aspectos socioculturais desse grupo, visto que, para ele, esse pertencimento significa possuir um comportamento social compatível com o dos demais integrantes, sendo que a sensação de não pertencimento pode acarretar alguns problemas, como o isolamento social com suas consequências negativas, dentre elas o desenvolvimento de quadros de transtornos emocionais e comportamentais (MIRIAM, 2006).

Pela não adequação às exigências do bom convívio em sociedade, os adolescentes cumprindo medidas de internação acabam formando um grupo social, cuja sensação de pertencimento os auxilia no processo de adaptação ao ambiente socioeducativo, sendo que sua não adequação às regras do grupo - sejam elas comportamentais ou linguísticas, dificultam tanto a convivência com seus pares, quanto a adaptação ao ambiente institucional.

Cada grupo social apresenta suas peculiaridades e seus encontros vão depender das características que os identificam como, por exemplo, os internautas, que elegem um local que possibilite o uso da tecnologia, como as *lan houses* ou os ‘cafés’ equipados com a moderna tecnologia da informática, e os atletas de diferentes práticas esportivas, que escolhem normalmente o ambiente esportivo para interagirem, como campeonatos e eventos desportivos. Já no caso dos adolescentes em regime de internação por decisão judicial, o local de encontro do grupo é a própria instituição em que estão lotados, não havendo a possibilidade de se reunirem em outros ambientes que não seja o da instituição.

No caso dos primeiros exemplos, os integrantes dos grupos podem, se quiserem, escolher frequentar determinados locais em detrimento de outros, por isso sentem-se donos de suas escolhas. Em contrapartida, os adolescentes internos no CENSE só possuem um único ambiente para a interação, em virtude da obrigatoriedade da convivência forçada, e isso reforça a união e o caráter identitário que qualifica esse grupo.

Estudando essa etapa da vida humana sob o prisma da psiquiatria, Raspanti (2002) aponta que os adolescentes, por serem marcados por profundas transformações psico-afetivas, constituem-se em um dos grupos mais sensíveis aos graves problemas sociais da atualidade, como a miséria, o analfabetismo, a prostituição, a violência, a desintegração familiar, a gravidez precoce, as drogas e a prática de atos infracionais.

Dessa forma, o adolescente deve ser visto como produto da construção sociocultural, que envolve sua subjetividade, seus valores e experiências e não pode ser padronizado, pois deve-se levar em conta suas especificidades de vida, considerando sua condição de igualdade ou desigualdade, que interferem na sua configuração biopsicossocial.

1.1A infração na Adolescência

Segundo o último Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (BRASIL, 2017), o Brasil ocupa a terceira posição no ranking mundial, com 726.712 presos, apresentando um aumento de 707% do número de pessoas presas em relação ao ano de 1990.

Esse grande número de pessoas encarceradas, aliado à alta taxa de reincidência de condenados no Brasil, que é de 24,4%, segundo a última pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (BRASIL, 2015b), que concluiu que um em cada quatro ex-condenados volta a ser preso em menos de cinco anos, contribuem para a crescente superlotação e a conseqüente crise do sistema penitenciário nacional, com destaque para as rebeliões que aconteceram nas duas primeiras semanas de 2017.

Tais semanas foram marcadas por rebeliões violentas em treze Unidades Prisionais do país, que deixaram um saldo de 138 detentos mortos e levantaram inúmeras discussões tanto no âmbito de políticas de segurança quanto das políticas sociais. Das treze Unidades Prisionais rebeladas no início de 2017, uma está localizada no estado do Paraná, a Penitenciária Estadual de Piraquara I.

Como citado anteriormente, a escolha por estudar a linguagem em um contexto de segregação social e privação de liberdade foi motivada por minha experiência de quinze anos atuando como agente de segurança penitenciária, em que pude constatar a importância que os sentenciados davam à linguagem prisional. A observação e o contato diário com a população carcerária permitiram-me perceber que a apropriação dessa variedade linguística, também chamada de linguagem prisional ou gíria prisional, além de ser muito valorizada, era também responsável por mudanças drásticas em seus comportamentos e posturas, pois esse código linguístico tem a finalidade de dificultar o entendimento de quem desconhece seus significados e possibilita que o falante se identifique como pertencente a um grupo, incorporando ideias e valores defendidos pela população carcerária.

Além do fato dos adolescentes serem mais propensos à mudança que os adultos, o interesse em estudar a linguagem utilizada por adolescentes em regime de privação de liberdade também teve relação com o fato de boa parte dos adultos condenados terem iniciado

suas atividades ilícitas na adolescência, que segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), abrange os indivíduos com idade entre 12 e 18 anos incompletos, havendo inclusive, muitos adultos condenados que já cumpriram medidas socioeducativas na fase da adolescência, segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (BRASIL, 2017). Esse documento constatou que 55% dos presos brasileiros têm entre 18 e 29 anos de idade, indicando que mais da metade da população carcerária nacional está compreendida na fase da pós-adolescência.

Essa relação entre indivíduos adultos encarcerados e seus históricos de ato infracional na adolescência, com o consequente cumprimento de medidas socioeducativas, deixa clara a importância dessa fase de desenvolvimento na construção de valores, ideias e comportamentos que irão influenciar o processo de formação do indivíduo, pois, segundo Erikson (1994) e Salles (2005), a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano na qual o indivíduo encontra-se vulnerável às influências do meio, por sofrer significativas modificações físicas, psíquicas e emocionais, sendo que, nessa etapa, muitos valores são contestados, repensados e modificados de acordo com o ambiente em que vivem.

Outro fator importante que também motivou o estudo com essa faixa etária é o crescente número de adolescentes cumprindo medidas privativas de liberdade no Brasil. De acordo com o Levantamento Anual do SINASE - Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (BRASIL, 2015a), referentes a 2014, dentro de um total de 201.032.714 brasileiros, a população total adolescente correspondia a 26.154.356 pessoas, sendo que destas, 23.066 adolescentes se encontravam cumprindo medidas privativas de liberdade.

Apesar de configurarem uma resposta à prática de um delito, as medidas socioeducativas apresentam um caráter predominantemente educativo, não punitivo, e estão previstas no artigo 112 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), sendo aplicáveis a adolescentes autores de atos infracionais e variam desde uma advertência até medidas restritivas ou privativas de liberdade.

Os dados de 2015 do Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito (BRASIL, 2016), indicaram o dobro de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas no Brasil, em comparação aos 96 mil registrados em 2014. Dos mais de 192 mil adolescentes cumprindo medidas socioeducativas, 58.079 adolescentes cumprem medidas privativas e restritivas de liberdade.

O documento mostra que há 225 mil medidas socioeducativas aplicadas a adolescentes infratores – neste caso o número também é maior que o de adolescentes, pois um juiz pode aplicar mais de uma medida ao mesmo tempo. De acordo com o cadastro, 36,5% das medidas se referem à liberdade assistida e outras 35,7% à prestação de serviços à comunidade.

Do total de medidas aplicadas, 29.794 referem-se à internação sem atividades externas (o que representa 13,2%), o que tem feito com que unidades fiquem superlotadas.

Do total de adolescentes no cadastro, 174 mil (mais de 90%) são do sexo masculino. A maioria tem 17 ou 18 anos. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) prevê uma internação máxima de três anos – aos 21 anos, a liberdade é compulsória. Há atualmente 4.843 jovens com essa idade (2,5% do total).

Alguns trabalhos apontam que a maioria dos adolescentes infratores são multirepetentes, apresentando um histórico de não adaptação ao ambiente e ao cotidiano escolar e indicam que as tentativas frustradas de aprendizagem podem levar à indisciplina (VICENTIN, 2005; CELLA, 2009).

Nesse sentido, esses autores afirmam que adolescentes envolvidos em atos infracionais têm uma tendência a apresentar poucos anos de estudo, com episódios de abandono escolar, devido à dificuldade em conciliar escola com trabalho, desestímulo quanto à aquisição de competências escolares (comprovado por reprovações repetidas), além de desentendimento com colegas e professores, e pouca supervisão familiar, no que se refere à vida escolar e pessoal do indivíduo.

Em seu trabalho intitulado “A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei”, Vicentin (2005) destaca que a infração na adolescência, além das profundas transformações no nível biológico, cognitivo e social características dessa fase, contribui para o surgimento de conflitos internos, exigindo do adolescente elaboração e ressignificação de sua subjetividade e da sua relação com o mundo exterior, que normalmente é conflitiva. Por não serem simples nem poucas, essas transformações indicam ser um período delicado e muito importante na estruturação dos seus valores e do seu caráter.

No caso dos adolescentes privados de liberdade, em virtude da prática de atos infracionais, além das transformações mencionadas anteriormente, adiciona-se o fato de estarem cumprindo medidas socioeducativas privativas de liberdade, estipuladas por decisão judicial, que os obriga ao convívio forçado, à restrição de circulação e à segregação social, elementos que favorecem a adoção de uma linguagem peculiar, que sofre as influências socioculturais do ambiente físico e do comportamento dos que fazem uso dessa variedade linguística.

Segundo Vicentin (2005), a presença constante da temática da violência nos meios de comunicação acaba por construir um imaginário sobre ela, que por produzir atitudes sociais a ela relacionadas, fazem com que a violência apareça como forma de linguagem. Nesse sentido, o comportamento infracional torna-se um discurso, traduzido em tentativa de afirmação, de ser incluído em determinado grupo, embora também aponte para a

desestruturação do adolescente diante de situações que exigem dele a adoção de comportamentos socialmente aceitáveis.

Dessa forma, os atos infracionais, apesar de representarem a revolta e o descaso pelas regras sociais, podem ser interpretados como pedidos de ajuda.

1.2 O Centro de Socioeducação de Ponta Grossa – PR.

O Estado do Paraná possui dezenove Centros de Socioeducação para menores infratores, distribuídos em dezessete cidades.

A opção por realizar esta pesquisa no CENSE de Ponta Grossa deve-se ao fato de tal instituição comportar adolescentes oriundos da referida cidade, o que possibilitaria melhor compreender a delicada e atual questão da violência na adolescência e sua consequência para os menores infratores da região e para a própria região dos Campos Gerais, e também pelo fato da proximidade entre essa unidade, onde foram coletados os dados, e a Universidade Estadual de Ponta Grossa, em que realizo atividades concernentes ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, no qual estou matriculado.

O Centro de Socioeducação de Ponta Grossa abriga adolescentes autores de cometimento de ato infracional, tanto os que cometeram pela primeira vez, quanto os reincidentes.

Após a detenção pela polícia, eles aguardam nessa instituição a intimação oriunda da Promotoria da Infância e da Juventude e da Polícia Civil, embora o prazo de detenção/internação para os menores ainda não julgados não possa ultrapassar 45 dias – prazo máximo permitido pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) para encerramento do processo.

Devido a esse fato, há muita rotatividade de adolescentes internados, embora a direção se esforce para que a lotação da unidade não ultrapasse a média de 80 indivíduos, que representa a capacidade total de internos que comporta, sendo que, nem sempre esse controle é possível de ser realizado, pois a demanda de adolescentes enviados à instituição não é determinada pela direção, e sim por decisões judiciais, no caso dos adolescentes já julgados, e detenções realizadas em flagrante pela polícia civil, no caso dos adolescentes provisórios.

Figura 1 –Vista externa do Centro de Socioeducação de Ponta Grossa



Fonte: O autor

O CENSE é composto por oito alas, denominadas de Casas Alfa, Bravo, Charlie, Delta, Eco, Fox, Golf e Hotel, sendo que, em três delas há um quarto duplo que dificilmente é ocupado por dois internos simultaneamente. Os quartos são amplos, trancados por cadeados, grades de ferro, e possuem uma pia de concreto com torneira de plástico, sanitários constituídos de bacia turca, chuveiro com água fria e cama de solteiro.

Na casa Alfa, ou alojamento A, há uma parte destinada a atividades como trabalhos manuais, desenhos, pinturas e determinados programas de televisão, que são autorizados em alguns horários pré-estabelecidos. Esse alojamento possui apenas quartos individuais e é destinado aos adolescentes com maior tempo de permanência no CENSE.

A casa Bravo, ou B, abriga adolescentes que não apresentam possibilidade de convívio entre si e são vistos com maus olhos pelo restante da população adolescente, devido ao fato de terem se envolvido em atos infracionais relativos a abuso sexual ou denunciado outros internos, os chamados ‘caguetas’- atitudes consideradas imperdoáveis e sujeitas a punições pelo restante da população, sendo que o contato desses adolescentes com o restante da população pode acarretar em risco de morte para os mesmos.

Alguns adolescentes entrevistados e lotados nas outras casas demonstraram desprezo e ódio com relação aos internos da casa Bravo, sendo que o entrevistado 3, quando perguntado sobre os internos residentes na casa B, sentenciou: ‘Se (eu) encontrar (um interno da casa Bravo) eu mato’.

Na casa C, ou Charlie, ficam os adolescentes que aguardam decisão judicial e foram privados de liberdade por terem sido autuados em flagrante delito durante os atos infracionais cometidos. Também chamados de provisórios, os internos dessa casa ficam no máximo 45 dias na instituição sem a conseqüente decisão judicial. O Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) determina que após 45 dias internados, os adolescentes ainda não submetidos à decisão judicial com relação aos atos infracionais praticados devem ser postos em liberdade.

A casa Delta também é destinada a adolescentes provisórios e possui estrutura similar à da casa C: não possui quartos duplos. Nas casas C e D os internos não são autorizados ao convívio mútuo, pois o caráter provisório desses adolescentes, ou seja, o pouco tempo que ficam e, legalmente, podem ficar na instituição, muitas vezes não possibilita aos educadores traçar um perfil psicológico, nem constatar se entre eles há alguma discórdia ou problema que poderia motivar alguma briga entre os alojados.

A quinta casa, a Eco, ou alojamento E, comporta adolescentes que já foram submetidos à medidas de internação via decisão judicial. Alguns entrevistados se referiam a essa casa como ‘casa de internação’ ou alojamento dos ‘condena’. O período de cumprimento das medidas socioeducativas de privação de liberdade varia entre os internos dessa casa, da mesma forma que acontece com os alojados na casa Alfa. Dos dez quartos dessa casa, um é duplo, como nas casas Fox e Hotel, embora os quartos duplos dessas três casas raramente sejam ocupados por dois adolescentes simultaneamente, pois a diretoria informou que os mesmos só são ocupados nos casos em que todos os quartos individuais já se encontrem lotados, o que raramente ocorre. A casa Fox possui as mesmas características estruturais das casas Eco e também é destinada aos adolescentes já condenados judicialmente.

Com relação à sétima casa, chamada de Golf ou G, os educadores e a equipe técnica informaram que esse alojamento é destinado ao pré-convívio, ou seja, os adolescentes recém-chegados são ali lotados para que o corpo funcional e os técnicos possam verificar se há condições e possibilidade de convívio entre os novos internos e o restante da população de adolescentes.

Finalizando a descrição e finalidades de cada alojamento, a casa H, ou Hotel, destina-se aos adolescentes do sexo feminino, homossexuais e transgêneros. No período de coleta de dados havia nessa casa quatro adolescentes femininas, dois adolescentes de orientação homoafetiva e dois transgêneros, sendo que uma das internas, a informante 2, sem ser indagada a respeito, fez questão de se declarar lésbica no início da entrevista. A casa Hotel

possui 9 quartos individuais e um duplo, que raramente é ocupado por dois menores simultaneamente.

Figura 2 – Centro de Socioeducação de Ponta Grossa



Fonte: **Adaptado** de DEASE. Disponível em <http://www.desenvolvimentosocial.pr.gov.br/galeria/1219/19280/Centro-de-Socioeducacao-Cense-de-Ponta-Grossa.html>.

A rotina do Centro Socioeducativo de Ponta Grossa começa logo pela manhã, quando os adolescentes são despertados no mesmo horário e recebem para o desjejum, uma xícara com leite e café, ou chá e um pão com manteiga ou fruta. Depois, limpam seus quartos e permanecem fechados até que os educadores sociais os retirem para as atividades programadas da instituição, como escolarização, prática de esportes, oficina de trabalhos manuais, recreação e atendimentos com a equipe técnica (psicólogas, assistentes sociais e psicopedagogas). Essas atividades têm duração de uma hora aproximadamente, sendo que após suas realizações, os internos retornam aos seus alojamentos para receberem suas refeições, que são servidas em forma de marmita, em embalagem de alumínio.

Após o horário de almoço, o período da tarde segue o mesmo funcionamento da manhã, sendo importante informar que todas as atividades são realizadas separadamente com cada ala, pois não é permitido o convívio diário entre adolescentes de alas distintas, nem entre os lotados em casas provisórias. A interação entre os internos de alojamentos distintos só é permitida em atividades como comemorações de datas festivas ou em visitas a locais externos ao CENSE.

No final da tarde é servido um lanche, pão com frios, suco e fruta, e no início da noite é entregue o jantar – marmita. Próximo às 20:00 h é servido mais um lanche, constituído por frutas e suco.

É incomum, considerado procedimento de alto risco, o deslocamento de internos durante a noite, com exceção aos casos de necessidade de atendimento médico, em que os internos são encaminhados para hospitais próximos com escolta policial.

A direção, o corpo técnico e a equipe de educadores sociais que atuam na instituição, além de zelarem pela própria segurança e a dos internos, também atendem os familiares destes, realizam atividades e elaboram relatórios psicossociais que são de suma importância para a situação jurídico-processual dos adolescentes.

Os sábados e domingos são reservados às visitas dos familiares dos internos, que são realizadas em ambiente destinado para esse fim. Após o período de visitaçã, visando evitar a entrada de objetos não autorizados, os adolescentes não podem carregar nada do que foi trazido pelos familiares para seus quartos – a alimentação trazida pela família deve ser consumida durante o horário de visitas.

A direção da instituição informou-me que todas as atividades realizadas no CENSE têm como fundamento dois conceitos importantes: educação e segurança, que se reforçam mutuamente, pois, segundo a diretoria, em uma unidade sem segurança não se educa e sem educação não se consegue obter segurança. Nesse sentido, os procedimentos de movimentação e deslocamento interno e externo dos adolescentes são organizados e acompanhados pelos educadores sociais, para que se mantenha a ordem e se evite situações adversas como brigas e fugas, que podem prejudicar o processo socioeducativo em construção.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo apresenta alguns apontamentos teóricos que fundamentaram essa pesquisa. A relação entre língua e cultura baseou-se na teoria de Sapir (1971 [1921]) e Coelho e Mesquita (2013). O tópico seguinte ‘A dimensão social da linguagem’ fundamentou-se na teoria de Coseriu (1982, 1987) e Sapir (1987 [1947]). A abordagem do tema ‘Variação linguística’ baseou-se nos estudos de Bagno (2007) e Bortoni-Ricardo (2004), e o tema ‘Sociolinguística’ baseou-se em Labov (2008 [1972]).

2.1 Língua e Cultura

Através do uso da língua, o homem pode comunicar-se e influenciar seus semelhantes, exteriorizar seus sentimentos e pensamentos, conhecer outras culturas e revelar a sua, ou seja, através da língua o homem constitui-se como ser social, político e ideológico, visto que, como aponta Bakhtin (2006, p. 36), “a palavra é o fenômeno ideológico por excelência [...] o modo mais puro e sensível da relação social”.

Dessa forma, a língua possibilita a identificação de grupos sociais, pois tem o poder de expressar a realidade da comunidade que a utiliza, permitindo que essa comunidade transmita sua cultura. Há, portanto, uma relação clara entre língua e cultura, sendo que, para se estudar o comportamento linguístico de determinado grupo humano, é preciso observar a cultura, os hábitos e as peculiaridades que envolvem tal grupo.

Edward Sapir (1987 [1947]) foi um antropólogo interessado nas associações entre língua e cultura, que juntamente com seu discípulo Benjamin Lee Whorf – um engenheiro químico que acabou por se apaixonar pela Linguística, formulou uma teoria que pregava que a estrutura e o vocabulário de uma língua são capazes de moldar os pensamentos e percepções de seus falantes - e que, portanto, cognição e língua são inseparáveis.

Uma manifestação popular dessa teoria é a ideia de que povos esquimós do norte do Canadá saberiam identificar variações e tipos de neve que pessoas de outros contextos culturais não poderiam, porque sua língua teria uma gama muito maior de palavras para falar de água congelada. A ideia é tentadora - afinal, soa coerente que pessoas que passam 24h por dia em contato com a neve a conheçam tão bem assim.

Nesse sentido, o presente estudo, envolvendo adolescentes em regime de privação de liberdade, pode revelar importantes aspectos linguísticos desse grupo social, pois as características ambientais a que estão sujeitos, como a restrição de circulação, o convívio

forçado com outros internos e a constante vigilância, somadas às características socioculturais dos internos, como o afastamento familiar e social, históricos de vida ligados à violência, obediência às regras paralelas da população geral de internos e a contestação e violação das regras de boa convivência, defendidas pela sociedade civil, influenciam no modo como esses adolescentes veem o mundo, se comportam, e na maneira como exprimem seus valores e ideais através da linguagem. Tal influência cultural e ambiental encontra respaldo em Coelho e Mesquita (2013, p. 26), quando estes apontam que a linguagem não é somente um mero conjunto de signos e regras de combinação desses signos, “haja vista ser atravessada por aspectos da ordem do físico, do sociocultural, do psicológico e do linguístico”.

A linguagem praticada pelos internos do CENSE reflete muitos aspectos culturais que determinam o comportamento dos adolescentes, os quais puderam ser verificados nas entrevistas, como por exemplo, o cuidado que um adolescente deve ter ao iniciar sua fala em grupo, no período da refeição - situação que exige do adolescente usar a frase: ‘Licença pra falar’, para que não seja reprimido pelos outros, pois o momento da alimentação é considerado sagrado e seu respeito é tido como regra básica para uma boa convivência entre os internos.

O mesmo cuidado ocorre quando um interno necessita usar o banheiro do alojamento: nesse caso, ele também pede autorização para os demais residentes através da frase ‘Licença para usar o boi’, pois caso haja algum interno se alimentando, a autorização para usar o banheiro só será concedida após o término da alimentação.

Essa interação física e linguística entre os internos permite que eles se identifiquem uns com os outros e sejam influenciados pelo meio sociocultural em que se encontram, o que permite inferir que língua e cultura estão relacionadas, visto que, “é por meio da língua que a cultura se constrói e é difundida e é também por meio dela que ocorrem os processos de identificação” (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 2).

Outro aspecto que revela a relação entre cultura e linguagem, presente nesse ambiente institucional, é a tradição de submeter um recém-chegado a um interrogatório realizado pelos internos com mais tempo na instituição: assim que um novato é admitido na instituição, um grupo formado por internos com maior tempo no CENSE o interroga, na intenção de obter informações sobre seu passado e sobre possíveis dívidas e desavenças com outros internos, sendo que, o conhecimento ou desconhecimento da linguagem utilizada pelos internos pode auxiliar ou prejudicar o entendimento e os argumentos do novato, que, após essa interpelação, se não apresentar condições de conviver com os demais, ‘pede seguro’ aos educadores, ou seja, é transferido para algum alojamento em que o convívio não é permitido, visando a preservação de sua integridade física.

Essas características culturais que influenciam o comportamento dos internos apoiam-se na teoria de Eagleton (2005, p. 55), quando este aponta que “cultura é o complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico”. Dado o caráter etnográfico dessa pesquisa, é oportuno reforçar a existência de uma relação intrínseca entre cultura e língua, pois sendo um ser social, o homem tem grande necessidade de

interagir com a realidade em que está circunscrito, pois necessita comunicar-se com o outro. Por meio desta comunicação, ele partilha sua visão de mundo, suas experiências, sentimentos, conhecimentos, enfim, sua cultura. Portanto, a língua de um grupo é parte de sua cultura. (COELHO; MESQUITA, 2013, p. 33)

Por fazer parte da cultura presente no CENSE, a linguagem praticada pelos internos é rapidamente assimilada pelos adolescentes recém-chegados, sendo que alguns já a praticavam antes de serem detidos e enviados à instituição, e outros adotam essa linguagem durante o cumprimento da medida socioeducativa, fato que confere com o posicionamento de Sapir (1971 [1921], p. 22), para quem a linguagem não é uma capacidade comunicativa herdada, mas sim uma função cultural que se assimila por meio de usos sociais, ou seja, a linguagem constitui-se em um completo sistema funcional relacionado à constituição psicobiofísica humana, e nas próprias palavras de Sapir, a linguagem “é um método puramente humano e não-instintivo de comunicação de ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos voluntariamente produzidos”.

Esse autor conceitua a língua como um sistema simbólico, ou melhor, um procedimento para expressão de vários tipos de experiências possíveis. Para ele, apesar de todas as línguas apresentarem plenitude formal e se constituírem por um conjunto de regras e expressões, as línguas são variáveis, pois seu caráter sociocultural permite que elas sejam transformadas durante o processo da fala, em conformidade com as necessidades dos seus falantes.

Com relação à fala, Sapir defende que sua complexidade abrange o sistema nervoso, os órgãos de audição e articulação, e por possuir função significativa, ele define a fala como um “sistema auditivo do simbolismo linguístico provido de significado” (SAPIR, 1971 [1921], p. 32). Para Sapir, falar

[...] é uma atividade humana que varia, sem limites previstos, à medida que passamos de um grupo social a outro, porque é uma herança puramente histórica do grupo, produto de um uso social prolongado. Varia como variam todos os esforços criativos – não tão conscientemente talvez, mas pelo menos tão evidentemente quanto às religiões, às crenças, os costumes e às artes dos diferentes povos. (SAPIR, 1971 [1921] *apud* CARLOS, 2015, p. 41)

Dessa forma, é possível constatar que, para Sapir, os conceitos de língua e fala não são dissociados, pelo contrário, eles se interrelacionam mutuamente, sendo considerados como produto sociocultural e histórico-ambiental.

Considerando a influência do contexto ambiental nos usos linguísticos, para Sapir (1987 [1947], p. 44), o termo ‘ambiente’ se refere às influências que independem da vontade dos indivíduos, como, e principalmente, as de caráter físico, embora “convém compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos como os sociais”.

O CENSE representou o ambiente físico e social que influenciou a variação linguística praticada pelos internos, cujas características físico-sociais já foram expostas anteriormente. Nesse sentido, afirma Sapir:

[...] por fatores físicos se entendem aspectos geográficos, como topografia da região (costa, vale, planície, chapada ou montanha), clima e regime de chuvas, bem como o que se pode chamar a base econômica da vida humana, expressão em que se incluem a fauna, a flora e os recursos minerais do solo. Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a forma de organização política e a arte. (SAPIR, 1987 [1947], p. 44)

O autor reconhece essa influência ambiental e sociocultural através de três níveis de fala: o nível morfossintático – relativo aos processos de formação e classificação das palavras; o fonético-fonológico – referente ao sistema de sons que se operam para a construção de palavras; e o nível semântico-lexical – relacionado ao conteúdo ou assunto (SAPIR, 1987 [1947], p. 45). O presente estudo teve como foco o terceiro nível proposto por esse linguista, no intuito de possibilitar identificar o sentido do léxico utilizado pelos internos do Centro Socioeducativo (análise semântico-lexical).

Considerando a influência do ambiente físico e sociocultural nas escolhas lexicais, afirma Sapir:

o léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as ideias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade, pois o léxico de uma língua é o que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. (SAPIR, 1987 [1947], p. 45)

Estudar o léxico utilizado na linguagem dos internos implica também resgatar sua cultura e seus valores, considerando-se que esse léxico concentra e acumula as aquisições culturais que retratam a comunidade em que estão inseridos. Para Ferreira (2008, p. 307), o léxico não pertence a uma cultura só – ele é marcado pelas várias culturas com que os falantes já entraram em contato.

Oliveira e Isquierdo definem o léxico como:

[...] um saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constituindo-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, as transformações socioeconômicas e políticas ocorridas em uma sociedade. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9)

A partir de pesquisas sobre a relação entre ambiente e usos linguísticos, Sapir (1987 [1947]) afirma que o léxico das línguas dos povos indígenas da América pode ser comparado aos léxicos de certos estratos sociais de países tidos como civilizados.

Uma outra constatação da relação entre língua e cultura no contexto do CENSE está relacionada com a forma que os internos exigem que se fale dos seus familiares. É regra muito importante a ser obedecida por toda a população de internos a menção respeitosa tocante ao assunto ‘família’, ou seja, para se referir a algum familiar alheio, o adolescente deve pedir ‘Licença com a família’, para que o interlocutor não sinta que houve falta de respeito com seus familiares. Esse fato foi observado com o informante 3, que, quando inquirido por mim se tinha namorada, respondeu: ‘Pra falar da família tem que pedir licença, professor!’.

Dessa forma, é possível verificar que o ambiente social, com seus valores e regras próprias, também se reflete na língua, posição que confere com a de Sapir:

uma grande porção, senão a maioria dos elementos que constitui os elementos físicos se encontra universalmente distribuídos no tempo e no espaço, de tal sorte que não há limites naturais para a variabilidade dos materiais léxicos na medida em que dão expressão a conceitos provenientes do mundo físico. Já uma cultura, ao contrário, se desenvolve por inúmeros caminhos e pode atingir qualquer grau de complexidade. Não é, portanto, de surpreender que os léxicos de povos muito diferentes, em caráter e grau de cultura participem dessa larga diferença. (SAPIR, 1987 [1947], p. 51)

Pelo posicionamento de Sapir, é possível inferir que o contexto ambiental exerce uma influência direta e material sobre a língua, que no caso desta pesquisa, permitiu constatar uma influência similar do ambiente institucional do CENSE na linguagem dos adolescentes internos, já que essa linguagem, apesar de não se configurar em um outro idioma, principalmente por não possuir sintaxe própria, caracteriza-se como um vocabulário diferenciado, que reconhece e reflete o contexto ambiental no seu léxico.

Dessa forma, afirmam Oliveira e Isquierdo:

Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define também fatos de cultura. (OLIVEIRA; ISQUERDO, 2001, p. 9)

Embora se constitua em um espaço não-natural, por se tratar de uma invenção antropocultural, o ambiente físico do CENSE resulta em várias limitações aos adolescentes. A composição desse ambiente: celas (um termo relacionado eufemisticamente a xadrez) – ou alojamentos, alambrados, grades de ferro, muros altos, torres e câmeras de vigilância, é a principal motivadora dos comportamentos linguísticos e sociais dos internos e também dos educadores sociais, professores e técnicos que executam suas atividades nesse local.

Esse meio limitador de um dos direitos mais primitivos do ser humano – o de ir e vir, faz surgir diferentes necessidades e obrigações, como o respeito pelas normas e horários pré-estabelecidos, que se não são obedecidos, ocasionam sanções disciplinares aos internos. Outras necessidades originadas por esse ambiente são aquelas relacionadas às regras de conduta e convivência estipuladas pelos próprios internos, as quais também exigem atenção e obediência para que se evitem sanções paralelas, criadas pela própria comunidade em estudo.

2.2 Dimensão social da linguagem

Ao tratar da relação entre linguagem e sociedade, o romeno Eugenio Coseriu afirma que:

A linguagem é um fato social e a língua simplesmente se impõe aos falantes. Na verdade a linguagem é antes fundamento[...], e a língua não é obrigatória como imposição externa, mas como obrigação livremente assumida [...]. A linguagem, portanto, é também expressão da intersubjetividade e, precisamente, no duplo sentido da solidariedade com uma tradição histórica da solidariedade contemporânea comum a comunidade falante, que também é histórica. E a liberdade da linguagem é liberdade histórica, liberdade do homem como ser histórico [...]. Isso nos esclarece porque a linguagem se apresenta sempre como língua, ou seja, como linguagem que se desenvolveu e que se realiza historicamente. A linguagem é apreensão do ser, mas não por meio de um sujeito absoluto, nem do indivíduo empírico, e sim por meio do homem histórico que, precisamente por isso, é ao mesmo tempo um ente social. (COSERIU, 1982, p. 29-30)

Ainda abordando a linguagem, esse autor de mais 50 livros considera que “a essência da linguagem está no diálogo” e, como considera que “a linguagem como falar é um falar com o outro”, ele conclui que a linguagem “está intimamente vinculada àquilo que os interlocutores têm em comum” (COSERIU, 1982, p. 18). Essa posição de Coseriu se mostrou pertinente para esse trabalho, pois a linguagem dos internos representa um código linguístico de uso restrito

praticado por elementos de um grupo social que têm em comum muitos aspectos, como o fato de estarem segregados da sociedade em virtude de atos infracionais praticados e terem experiências de vida ligadas à violência.

Por outro lado, Coseriu defende que a língua não se apresenta pronta, como uma coisa feita, mas sim como uma associação de modos de fazer, sendo portanto, “construída em cada conjuntura social num determinado momento histórico” (COSERIU, 1982, p. 23). Isso se aplica à variedade linguística praticada pelos internos em estudo, devido sua variação ser relacionada à conjuntura social de um ambiente socioeducativo caracterizado por fatores sociais específicos como privação de liberdade, restrição de circulação e vigilância constante, tanto por parte da atuação direta dos educadores quanto pela presença de câmeras de vigilância eletrônicas.

Com relação à fala, Coseriu (1982) a entende como a manifestação individual da língua, que possibilita ao falante se identificar como integrante de uma comunidade historicamente estabelecida, ou como alguém que, momentaneamente, manifesta uma prática linguística pertencente à determinada comunidade de falantes, como é o caso dos adolescentes internados, que através de suas falas, demonstram seu pertencimento ao grupo composto pela população geral de internos do CENSE.

Considerando a língua enquanto idioma, Coseriu (1987) defende um fracionamento triplo da mesma em Sistema, Norma e Fala. Esse fracionamento vai do mais concreto (fala, uso individual da norma) ao mais abstrato (língua, sistema funcional), passando por um grau intermediário: a norma (uso coletivo da língua). Para este autor, há realizações consagradas pelo uso e que, portanto, são normais em determinadas circunstâncias linguísticas, previstas pelo sistema funcional, sendo que o sistema representa uma “série de possibilidades, de coordenadas, de caminhos abertos e fechados: pode ser considerado um conjunto de imposições, mas também, e talvez melhor, um conjunto de liberdades” (COSERIU, 1987, p. 74). E acrescenta:

O sistema é sistema de possibilidades, de coordenadas que indicam os caminhos abertos e os caminhos fechados de um falar compreensível numa comunidade; a norma, [...], é um sistema de realizações obrigatórias, consagradas social e culturalmente: não corresponde ao que se pode dizer, mas ao que já se disse e tradicionalmente se diz na comunidade considerada. O sistema abrange as formas ideais de realização dum língua [...] a norma, em troca, corresponde à fixação da língua em moldes tradicionais; e neste sentido, precisamente, a norma representa a todo momento o equilíbrio sincrônico (externo e interno) do sistema. (COSERIU, 1987, p. 50)

A partir dos apontamentos de Coseriu (1987), é possível compreender que o sistema corresponde à estrutura de uma língua, contendo os fundamentos indispensáveis ao seu funcionamento, e conseqüentemente, propiciando ao falante os meios necessários para sua manifestação e compreensão por todos que partilham do mesmo sistema.

Com relação à norma, Coseriu (1987, p. 74) a define como “uma série de realizações obrigadas, de imposições sociais e culturais, variando de acordo com a comunidade”. O referido autor acrescenta que

[...] dentro de uma mesma comunidade linguística nacional e dentro do mesmo sistema funcional é possível comprovar várias normas (linguagem familiar, língua literária, linguagem erudita, linguagem popular, etc), distintas, sobretudo no que concerne ao vocabulário, mas amiúde também nas formas gramaticais e na pronúncia [...]. (COSERIU, 1987, p. 75)

No tocante à linguagem dos internos do CENSE, é possível inferir que é à norma que os adolescentes se prendem de forma imediata, conforme os valores e usos do grupo social de que participam e do local em que vivem. A norma seria assim um primeiro grau de abstração de suas falas. Considerando-se a língua (o sistema) um conjunto de possibilidades abstratas, a norma seria então um conjunto de realizações concretas e de caráter coletivo da língua.

Para o presente estudo, o conceito de norma de Coseriu (1987) se mostrou pertinente por poder ser aplicado a um tipo de uso linguístico, caracterizado pela presença de itens lexicais utilizados com sentido figurado, que se realiza na prática cotidiana coletivamente, em situações concretas de interação social.

A norma representa obrigações impostas numa dada comunidade sócio-linguístico-cultural. Inclui elementos não relevantes, mas normais na fala de uma comunidade. Dessa forma, ela constitui-se como realização coletiva, tradição, repetição de modelos anteriores, estabelecendo códigos e subcódigos para diferentes grupos de uma mesma sociedade. Apesar de a norma ser convencional, torna-se uma opção dentro de um grupo a que pertence o falante, preserva seus aspectos comuns e elimina tudo o que, na fala, é inédito e individual. Com relação à norma, afirma Marcos Bagno:

[...] uma abordagem antropológica da questão da norma é a constatação de que a língua é um fato social. Sabe-se que a língua serve para comunicar. Ora, a comunicação implica, por definição, a existência de vários falantes. Quanto à definição do ato de comunicação, digamos que ele se apresenta como uma interação entre um emissor e um receptor, sendo o conteúdo desta interação suscetível de tomar as formas mais variadas. (BAGNO, 2001, p. 147)

Portanto, é possível inferir que as várias normas se relacionam com variadas realizações linguísticas concretas, presentes em todos os sistemas linguísticos, pois nenhuma língua é homogênea, pelo contrário, as línguas são marcadas pelo fenômeno da variação. Outro detalhe a ser observado refere-se ao fato das variações linguísticas não serem casuais e nem acidentais, pois possuem motivações histórico-sociais que funcionam como um importante mecanismo de nivelamento com os grupos de falantes.

Nesse sentido, Coseriu considera o fenômeno da variação linguística como produto de fatores sócio-históricos, incluindo os ambientais, que se refletem na língua através da fala.

2.3 Variação Linguística

Este capítulo aborda a questão da variação linguística e sua evidente presença na vida em sociedade e na singularidade dos indivíduos que a compõem. Segundo Heráclito de Éfeso³ ‘O homem não pode banhar-se duas vezes no mesmo rio’, pois as águas do rio estão sempre em movimento, sendo assim, é possível inferir que da mesma forma que acontece com o movimento das águas de um rio, as línguas estão em mudança constante (BAGNO, 2007).

Atualmente, com a rapidez das mudanças sociais, o acesso fácil a variados meios de comunicação e a tendência a se popularizar certos usos linguísticos - antes considerados errados ou inadequados, a linguagem padrão institucional encontra-se inserida numa tendência renovadora da linguagem usual, informal.

Para além da linguagem padrão, existem inúmeras variações linguísticas em uso por diversos grupos de falantes que compõem uma sociedade. Essas variações estão associadas a certas características, como o nível de instrução, o sexo e a idade dos indivíduos que compõem os grupos sociais, com diferenciações decorrentes de uma série de fatores intra e extralinguísticos relacionados ao falante.

Muitas dessas variações não se constituem em uma linguagem de classes, e sim de origens comuns, em que a hierarquização de forças presentes na sociedade ocasiona uma gradação de valores nas variedades linguísticas em relação ao status social de seus grupos de falantes. Essa gradação, baseada na diferenciação entre língua padrão e língua usual ou popular, hierarquiza os diversos grupos sociais, principalmente aqueles constituídos por adolescentes privados de liberdade, que usam uma variedade da Língua Portuguesa bem

³Heráclito de Éfeso foi um filósofo pré-socrático considerado o pai da dialética. Recebeu a alcunha de ‘Obscuro’ principalmente em razão da obra a ele atribuída por Diógenes Laércio, ‘Sobre a Natureza’, em estilo obscuro, próximo ao das sentenças oraculares. Mundo ciência. Filosofia. Disponível em <<http://www.mundociencia.com.br/filosofia/heraclito.htm>>. Acesso em 01/02/2017.

distanciada das prescrições da norma padrão, sendo esse distanciamento relacionado com a tipologia de linguagem corriqueira, em que são transmitidos os valores culturais desses indivíduos. E esses valores acabam por identificar e acompanhar as mudanças estruturais que ocorrem na sociedade atual como um todo, tanto sofrendo seus efeitos, quanto influenciando a produção de outros efeitos profundos na língua.

A Língua oficial falada no Brasil dispõe de muitas variedades para os indivíduos e grupos sociais se comunicarem, sendo uma delas a linguagem praticada pelos internos do CENSE, que faz com que o processo comunicativo desses adolescentes se realize de maneira eficaz, ou seja, possibilita a compreensão da mensagem pelos integrantes desse grupo social, permitindo um eficaz processo de interação comunicacional, por meio de uma linguagem peculiar, em que as palavras adquirem sentidos diversos do original.

Essa diversidade de formas linguísticas dentro da Língua Portuguesa encontra respaldo em Faraco (2008), quando esse autor afirma que uma língua é constituída por um conjunto de variedades, não sendo apenas uma unidade da linguagem, mas uma entidade cultural e política. Essa concepção de língua confere com a definição de norma dada por Coseriu (1987, p. 74) que define essa expressão como aquela de “como se diz” e não a de “como se deve dizer”. De acordo com esse pensamento, pode-se considerar norma como um conjunto de fatores linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma comunidade, e não regras que determinem como se deve falar (FARACO, 2008).

Vale a pena reforçar que a linguagem praticada pelos internos do CENSE é influenciada pelo contexto cultural em que se localiza essa comunidade de falantes, determinando a posição social de seus integrantes, o que confere com o posicionamento de Possenti (1997), ao afirmar que a variedade linguística nada mais é do que o reflexo da sociedade, onde esta possui uma variedade social, caracterizando então, o papel dos indivíduos e dividindo-os em grupos, classes.

O Brasil é uma sociedade onde a distribuição de renda ocorre de modo desigual, promovendo essa divisão de classes sociais, que se reflete diretamente na aquisição da língua, pois essa sociedade está dividida em vários grupos, caracterizada pelas mais diversas causas: social, etária, gênero, profissional - em que tais grupos fazem usos diferenciados da língua.

Bortoni-Ricardo (2004) define essa divisão de classes como ‘domínios sociais’:

Um domínio social é um espaço físico onde as pessoas interagem assumindo certos papéis sociais. Os papéis sociais são um conjunto de obrigações e de direitos definidos por normas socioculturais. Os papéis sociais são construídos no próprio processo de interação humana. Quando usamos a linguagem para nos comunicar,

também estamos construindo e reforçando os papéis sociais próprios de cada domínio [...]. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.23)

A linguagem dos adolescentes internos é definida por normas socioculturais que ligam esses indivíduos a um papel social, caracterizado pela contestação e não adequação aos valores e regras defendidas pela sociedade mais ampla, e os localizam à margem da sociedade, provocando uma divisão que também se reflete na língua, conforme define Bortoni-Ricardo:

[...] as variedades faladas pelos grupos de maior poder político e econômico passam a ser vistas como variedades mais bonitas e até mais corretas. Mas essas variedades, que ganham prestígio porque são faladas por grupos de maior poder, nada têm de intrinsecamente superior às demais. O prestígio que adquirem é mero resultado de fatores políticos e econômicos. O dialeto (ou variedade regional) falado em uma região pobre pode vir a ser considerado um dialeto “ruim”, enquanto o dialeto falado em uma região rica e poderosa passa a ser visto como um “bom” dialeto. (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 34)

Para essa autora, as variedades com maior poder e prestígio nada têm de superior às demais, a não ser pela sua ideologia dominante, que está associada à política e à economia. A divisão linguística ocorre da seguinte maneira: de um lado estão as variedades estigmatizadas e do outro lado está a variedade prestigiada.

Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 47-49), existem alguns fatores que podem influenciar no uso de uma determinada variação linguística, como por exemplo:

Grupos etários: “[...] diferenças sociolinguísticas intergeracionais; os avós falam diferentes dos filhos e dos netos etc. [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47). Tais mudanças se devem à constante transformação que a sociedade sofre com o tempo.

Gênero: “[...] essas variações entre repertórios feminino e masculino são relacionadas aos papéis sociais que, conforme já apreendemos, são culturalmente condicionados” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.47). Dependendo do gênero de quem fala, há uma determinada cobrança e receptividade diferenciada do modo como certas colocações são realizadas.

Status socioeconômico: “[...] desigualdades na distribuição de bens materiais e de bens culturais, o que se reflete em diferenças sociolinguísticas [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48). A má distribuição de renda e a conseqüente realidade de comunidades carentes e necessitadas influenciam no modo como essas pessoas fazem uso da língua.

Grau de escolarização: O tempo e o grau de escolarização do indivíduo influenciam em seu repertório linguístico, pois, ao permanecer mais tempo na escola, o indivíduo tem maior

contato com os mais variados gêneros textuais, o que possibilita uma ampliação e diversificação do seu vocabulário.

Mercado de trabalho: “As atividades profissionais que um indivíduo desempenha também são um fator condicionador de seu repertório sociolinguístico [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p.48). Dependendo de onde trabalha, o ambiente mais ou menos formal interfere nos usos linguísticos, pelo maior ou menor monitoramento de sua fala.

Rede social: “[...] cada um de nós adota comportamentos semelhantes ao das pessoas com quem convivemos em nossa rede social [...]” (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 49). O modo como as pessoas com as quais convivemos interagem com a língua e a empregam em seu cotidiano interferirá em nosso comportamento.

Em sua obra intitulada ‘A formação social da mente’, Vygotsky (1998) afirma que o meio social é determinante no desenvolvimento humano, ou seja, o ambiente em que o indivíduo está inserido influencia direta e/ou indiretamente no desenvolvimento da linguagem, que ocorre por imitação, uma reprodução do que se é vivenciado.

Dessa forma, foram escolhidos dois fatores propostos por Bortoni-Ricardo (2004) – ‘grau de escolarização’ e ‘rede social’ (considerada, para fins dessa pesquisa, como a possibilidade de convívio do entrevistado com outros adolescentes residentes no mesmo alojamento) – e optou-se por um terceiro fator - ‘tempo de internação’ (que corresponde ao maior ou menor tempo de exposição aos fatores socioambientais da instituição socioeducativa).

A variedade linguística praticada pelos internos do CENSE também é conhecida como gíria de grupo, e consiste numa forma peculiar de expressão que se diferencia da variedade padrão, sobretudo no aspecto semântico-lexical, em que as palavras adquirem outros sentidos, dificultando a compreensão de quem não pertence ao referido grupo.

Esse vocabulário surge em decorrência do isolamento social do adolescente interno e indica uma reação e contestação aos valores e padrões socioculturais impostos pela ideologia da sociedade mais ampla, visto que, “falando diferente, estropiando a linguagem usual, ele agride o convencional, opõe-se ao uso aceito pela maioria, e deixa marcado seu conflito com a sociedade” (PRETI, 1984). Dino Preti (2004), considerado um dos maiores estudiosos da gíria, classifica essa linguagem em: gíria comum – aquela que migrou da condição de linguagem de grupo restrito para a linguagem comum da sociedade, e gíria de grupo – aquela praticada, restritamente, por integrantes de um grupo social específico.

Nesse sentido, apesar deste trabalho ter como foco a linguagem utilizada pelo grupo de internos do CENSE – a gíria de grupo, também será possível constatar a presença da gíria

comum, pois muitos termos e expressões oriundos dessa linguagem já se encontram dicionarizados e, portanto, acessíveis à sociedade mais ampla, como verificado no subitem ‘Dicionarização do corpus’.

Pela perspectiva de signo de grupo, essa variedade linguística pode ser definida como um vocabulário restrito aos internos que compartilham o mesmo grupo social – ligado à vida no crime e ao conseqüente cumprimento de medidas socioeducativas, sendo que o domínio do seu caráter secreto pode significar a inclusão do falante no referido grupo.

Para Preti (1984), o caráter criptológico da gíria de grupo possibilita a constante renovação do seu vocabulário, que é usado como forma de identificação do falante para marcar seu conflito com a sociedade. Essa posição coincide com o apontamento de Remenche (2003, p. 24), quando esta afirma que a gíria é “uma linguagem que utiliza palavras ou frases não convencionais que expressam coisa nova ou velha, através de uma nova forma de expressão”.

Apesar de todo o preconceito que sempre cercou a gíria, especialmente a gíria de grupo, essa visão discriminatória tem diminuído, principalmente, com os estudos sociolinguísticos, que se fundamentam na heterogeneidade presente na linguagem.

Somado a isso, tem-se como meios de propagação da gíria, a internet que, com o advento das redes sociais, tem sido uma grande divulgadora da linguagem de muitos grupos, e os grupos musicais ligados ao funk, rap e hip-hop, que têm vencido as barreiras sociais das favelas e invadido o público jovem da classe média com suas linguagens características.

Dessa forma, tem aumentado o interesse pelo estudo desse fenômeno linguístico, pois conforme afirma Preti:

Além de dicionários, aparecem estudos do fenômeno gírio despojados dos velhos preconceitos, natural consequência, também, das novas correntes linguísticas, em especial, da Sociolinguística, com a teoria referente às variações representadas pelos dialetos sociais. (PRETI, 1994, p. 76)

A presente pesquisa apresenta um interesse linguístico pelo caráter social dessa linguagem, que, através de uma perspectiva sociolinguística, objetivou analisar de que forma alguns fatores sociais podem determinar ou influenciar a linguagem dos adolescentes internos do CENSE, em que foi traçado um caminho “partindo-se do próprio vocabulário recolhido, de suas variações, do estudo de suas áreas semânticas, dos processos morfológicos de sua formação, para chegar-se à compreensão das variantes socioculturais que o produziram” (PRETI, 1984, p. 13).

2.4 A Sociolinguística

Constituindo-se em uma subárea da Linguística, a Sociolinguística procura estudar a relação entre língua e o contexto social em que é utilizada, tendo como foco principal os empregos linguísticos concretos, considerando-se o caráter heterogêneo das línguas (MOLLICA, 2004).

Surgida nos EUA em meados de 1960, através dos estudos de William Labov, a Sociolinguística tem como principal fundamento a heterogeneidade presente em todos os fenômenos linguísticos, ou seja, ela parte do pressuposto que toda língua sofre variações de acordo com o tempo, com o espaço e com a situação social do falante.

No ano de 1964, na Universidade de Los Angeles, William Bright (1985) coordenou, com a participação de outros linguistas, uma escola teórica da Sociolinguística, definindo, como objeto dessa nova área de estudos, a diversidade linguística. Conforme destaca Monteiro (2000), Bright definiu os fatores condicionantes do fenômeno da diversidade linguística como aqueles ligados ao falante, ao destinatário, às suas identidades sociais e ao contexto em que se dá a comunicação, mas ainda restou à Sociolinguística um papel complementar, ou subordinado às três áreas que lhe deram origem: a Linguística, a Sociologia e a Antropologia.

O pesquisador William Labov foi um dos linguistas participantes desse grupo e, desde o início, se recusava a usar o termo Sociolinguística, pois para ele só existia um tipo de linguística, a social, não havendo motivo para destacar o caráter social da língua na nomenclatura dessa nova área de estudos (LABOV, 2008 [1972]).

Morales (1993, p. 20) desenvolve melhor a conceituação de Bright (1985) ao abordar os diversos conjuntos dimensionais que considera condicionante dessa diversidade linguística, em que, à frente da dimensão diacrônica – referente às motivações historicamente condicionadas de variação, também se apresenta como importante a extensão dessa diversidade, e conclui com uma dimensão chamada de aplicabilidade – que se refere aos diversos subtópicos do processo de investigação linguística. Com relação a essas dimensões, Morales afirma que

Esse conjunto consta de três fatores que basicamente integram o sistema de comunicação: 1) identidade social do emissor; 2) do receptor e; 3) condizente à situação comunicativa. Este conjunto se encarregaria de estudar e mostrar os casos em que essas condições determinam ou condicionam a diversidade linguística: os dialetos de grupo (pensando em tribos indígenas), as diferenças entre as falas de

homens e mulheres, entre inferiores e superiores, o chamado *baby talk* etc. (MORALES, 1993, p. 20) - (Tradução minha)

Dessa forma, é possível inferir que existem vários fatores que podem determinar as variações linguísticas - chamadas por Fernando Tarallo de variantes linguísticas, que são “diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade” (TARALLO, 2003, p. 8). O mesmo autor denomina de variáveis linguísticas o conjunto das variantes.

Esse conceito sociolinguístico de variantes linguísticas foi aplicado nessa pesquisa, visto que, durante as entrevistas, foram obtidas tanto a variante formal – termos e expressões cujos sentidos coincidem com o significado literal desses itens lexicais, quanto a variante informal – a gíria, composta por itens lexicais com sentido figurado, sendo que a coexistência dessas duas variantes segue o pensamento de Tarallo (2003), quando este aponta que as variantes linguísticas permitem que se diga a mesma coisa com o mesmo valor real, mas de maneiras diversas.

Por meio de uma pesquisa realizada em 1963 na ilha de Martha’s Vineyard, Estado de Massachusetts, EUA, Labov estudou as alterações fonéticas dos primeiros elementos dos ditongos /ay/ e /aw/ do inglês falado pelos habitantes da ilha.

Os resultados de sua pesquisa indicaram que os nativos da ilha usavam uma linguagem com alto grau de centralização dos ditongos anteriormente citados, e que essa utilização estava intimamente relacionada à estrutura sociocultural dos vineyardenses, pois tal emprego fonético dos ditongos /ay/ e /aw/ demonstrava a intenção dos falantes em serem aceitos e pertencerem ao grupo dos nativos da ilha. Essa pesquisa de Labov concluiu que “quando um homem diz /rɛɪt/ ou /hɛʊs/, está inconscientemente expressando o fato de que pertence à ilha: de que ele é um dos nativos a quem a ilha realmente pertence” (LABOV, 2008 [1972], p. 57).

Dos três grupos étnicos estudados em Martha’s Vineyard, os ascendentes portugueses, os remanescentes indígenas e os descendentes ingleses, Labov constatou que os primeiros apresentavam maior centralização desses ditongos, devido ao fato de se identificarem mais intimamente com o modo de vida dos nativos da ilha. O segundo grupo étnico, os indígenas, também apresentou um alto grau de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/, demonstrando que esse grupo pretendia se identificar como um vineyardense e representando com isso, uma forma de lutar contra a discriminação que sofriam pelos outros habitantes da ilha. O terceiro grupo, dos descendentes ingleses, não apresentou em suas falas

uma maior centralização dos ditongos analisados, devido ao fato de, em sua maioria, deixarem definitivamente a ilha para realizarem estudos superiores.

Dessa forma, as pesquisas de William Labov (2008 [1972]) possibilitaram a constatação do caráter heterogêneo das línguas, pelo entendimento de que o fenômeno da variação linguística é passível de sistematização, não sendo, portanto, caótico, pois, para os estudos sociolinguísticos:

[...] a língua passou a ser vista como um instrumento social de comunicação, sendo os atos linguísticos eminentemente sociais e pragmáticos; instrumentos para se estabelecer e manter o relacionamento entre os indivíduos em sociedade. (MODESTO, 2004, p. 1)

Existe, portanto, uma relação intrínseca entre língua e sociedade, considerando-se que a língua é influenciada por fatores internos ao sistema e fatores externos, como muito bem afirma o referido autor quando conclui que “não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 21).

As pesquisas sociolinguísticas podem estudar diversos tipos e níveis de variação, tanto no contexto individual, quanto no coletivo, podendo ser realizadas nos diversos segmentos linguísticos, como o estudo da variação diacrônica (histórica), da variação social (diastrática), da variação regional (diatópica) e da variação pessoal (diafásica).

A variação diastrática, ou social, relaciona-se aos vários fatores intrinsecamente relacionados à identidade dos falantes e às características socioculturais da comunidade de falantes. Assim, a situação, o tema, o contexto e os interlocutores são considerados fatores extralinguísticos, os quais condicionam os usos linguísticos. Esse fato foi constatado em outro estudo de Labov (2006 [1966]), quando este analisou o fenômeno de estratificação social da língua inglesa falada por trabalhadores de lojas de departamentos localizadas na cidade de Nova Iorque, e constatou que os vendedores e clientes da loja que gozavam de maior status social eram os que apresentavam maior porcentagem de utilização do /r/ pós-vocálico - variação linguística que representava maior prestígio social.

A pesquisa realizada na ilha de Martha’s Vineyard e o estudo feito nas lojas de departamento em Nova Iorque constam no livro “Padrões Sociolinguísticos” (LABOV, 2008 [1972]). Os resultados desses trabalhos apontam que o processo de mudança linguística está diretamente ligado, ou melhor, correlacionado a fatores extralinguísticos (externos à língua), e demonstram que o maior ou menor prestígio de determinada variante linguística está

relacionado com o maior ou menor prestígio da classe social que utiliza tal variante, pois quanto maior o status de uma classe social, maior será o prestígio da variante linguística adotada, sendo que, em contrapartida, os grupos de menor status apresentarão usos linguísticos desprestigiados pelas classes dominantes.

A Sociolinguística de Labov, conhecida como Teoria da Variação e Mudança Linguística, norteou os passos deste estudo com os adolescentes, pois, além de conceber a língua como reflexo da identidade social do falante, os postulados labovianos possibilitaram a análise da relação entre fatores sociais e o fenômeno da variação na linguagem praticada pelos internos do CENSE.

A sociolinguística é uma das vertentes da linguística que se propõe a estudar a língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando a investigação aos aspectos linguísticos e sociais. Nesse sentido, aponta Mollica (2004):

[...] A sociolinguística considera em especial como objeto de estudo exatamente a variação, entendendo-a como um princípio geral e universal, passível de ser descrita e analisada cientificamente. Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais [...]. (MOLLICA, 2004, p.10)

O linguista William Bright (1974, p. 17), também defendendo a relação entre língua e sociedade, declara que “a tarefa do sociolinguista é mostrar a variação sistemática da estrutura linguística e da estrutura social e, talvez, um relacionamento causal em uma direção e outra”. Considerando a diversidade linguística como reflexo e produto da diversidade e segmentação social dos usuários das línguas, o autor acrescenta que “a diversidade linguística é precisamente a matéria da sociolinguística” (BRIGHT, 1974, p. 17).

Portanto, a proposta teórico-metodológica da Sociolinguística utilizada nesta pesquisa buscou verificar as variações que ocorrem na linguagem dos internos, tendo como principal objetivo a análise da relação entre fatores externos ao sistema linguístico e a variedade linguística praticada na comunidade de fala, representada pelos adolescentes do CENSE, considerando que, para Labov (1983), a língua é um sistema dinâmico porque está condicionada a fatores internos (estrutura da língua) e externos (social).

Dessa forma, é fundamental avaliar a importância de cada um destes fatores condicionantes, visto que, “o pressuposto básico do estudo da variação no uso da língua é o de que a heterogeneidade linguística [...] não é aleatória, mas regulada, governada por um conjunto de regras” (MOLLICA; BRAGA, 2004, p. 15).

Em suma, esses são os aspectos teóricos metodológicos de uma pesquisa sociolinguística construídos a partir dos pressupostos labovianos.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Em geral, as pesquisas linguísticas têm se pautado no paradigma empirista por se utilizar basicamente de métodos experimentais para captação e análise de dados linguísticos, sem levar em consideração algumas questões importantes, como a inserção da língua num contexto humano e social, com o fim básico de levar à comunicação ou, ainda mais partidariamente, à interação.

Conforme já explicitado, na década de 60, William Labov (2008 [1972]) implementou um novo viés de estudos da língua, adicionando à visão essencialmente estruturalista o componente da heterogeneidade linguística. Isso significa que a língua passou a ser vista como um sistema heterogêneo, mutável, variável e dinâmico, e que, para estudar esse sistema, é preciso considerar e identificar quais fatores sociais podem afetar a estrutura linguística, além dos próprios fatores internos ao sistema. O fundamento de uma pesquisa sociolinguística é analisar a diversidade linguística, sistematizando os fatores que influenciam nessa diversidade. Por isso, com base na teoria da relação entre língua e sociedade, foi utilizado um questionário semântico-lexical para a etapa de coleta de dados.

Segundo Denzin & Lincoln (2006), as pesquisas sociolinguísticas de cunho essencialmente qualitativo são provenientes de tradições antropológicas sociais anglo-saxãs e da etnologia francesa, com preocupações culturais e psicológicas muito fortes, com vistas a entender o outro. Embora tenha utilizado ferramentas sociolinguísticas quantitativas para a identificação da frequência de usos linguísticos segundo os aspectos sociais definidos, a metodologia adotada também considerou alguns aspectos que definem uma pesquisa qualitativa, como a compreensão pelo princípio do conhecimento e a construção da realidade em que a língua é utilizada, pois, para Flick (2013), no método qualitativo as perspectivas de todos os participantes da pesquisa são relevantes e não apenas a do pesquisador.

A clássica investigação de Labov (2008 [1972]) sobre a mudança sonora em uma ilha de Massachussets, nos EUA, apresenta-se como um exemplo de pesquisa com características quali-quantitativa. O próprio autor afirma que “o trabalho relatado neste capítulo diz respeito à observação direta de uma mudança sonora no contexto de vida da comunidade na qual ela ocorre” (LABOV, 2008 [1972], p. 19) e, ao mesmo tempo, descreve a cultura, a história, a sociedade e a língua da comunidade da ilha, antes de apresentar os resultados obtidos por métodos estatísticos sobre a centralização dos ditongos /aw/ e /ay/.

Dessa forma, esse pesquisador lançou mão de artefatos quantitativos e, para interpretar os resultados numéricos, precisou conhecer e compreender aquela comunidade e

sua história por meio da imersão naquele ambiente. E acrescenta que “a técnica de entrevista não foi controlada com o rigor que se esperaria: foram feitas muitas mudanças na estrutura da entrevista à medida que o estudo progredia” (LABOV, 2008 [1972], p. 62), postura comum em estudos qualitativos.

Considerando que a ciência, assim como todas as áreas do conhecimento humano, necessita de uma busca incessante do diálogo, do holismo, da aceitação e da compreensão da complexidade do pensamento científico, do respeito às tradições e da abertura ao novo, Gunther (2006) defende que dificilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas, possíveis de serem analisadas pelo método qualitativo.

Assim, entende-se como possível, desejável e aceitável uma relação entre as perspectivas qualitativas e quantitativas nas pesquisas sociolinguísticas, pelo fato de que “a escolha das práticas da pesquisa depende das perguntas que são feitas, e essas perguntas dependem de seu contexto” e, ainda, “do que está disponível no contexto e do que o pesquisador pode fazer naquele cenário” (DENZIN & LINCOLN, 2006, p. 18).

A metodologia de pesquisa utilizada para a fase de coleta de dados foi de natureza qualitativa, realizada através de um prisma etnográfico, pois o método qualitativo “parte de análises de fenômenos que estão acontecendo, caracterizando-o como análise fenomenológica” (COSTA, 2008, p. 5), e a perspectiva etnográfica possibilitou-me ser colocado no lugar do interno participante, de forma imaginária e afetiva, conforme orienta Sousa (2006).

Para a análise semântico-lexical do corpus coletado, utilizei uma abordagem qualitativa, baseada na etnografia – considerada como o estudo da cultura de uma comunidade ou de um povo, no intuito de verificar o sentido dos termos e expressões utilizados pelos participantes e sua possível dicionarização. A perspectiva qualitativa também foi empregada na análise das ocorrências de preconceito linguístico, registradas nas entrevistas narrativas.

Para a análise da relação entre os três fatores sociais e a linguagem praticada pelos internos, utilizei uma abordagem de natureza quantitativa, através da observação das frequências de usos de termos e expressões com sentido figurado por cada grupo, orientando-me nos postulados da sociolinguística Laboviana, pois acredito que as porcentagens, as generalizações e o objetivismo são importantes suportes para se entender determinados contextos particulares.

Como a presente pesquisa se trata de um estudo sociolinguístico, considerei pertinente responder cinco questões propostas por Tarallo em seu livro “A pesquisa

Sociolinguística” (TARALLO, 2003), como passos a serem seguidos após a escolha do objeto de estudo - a relação entre fatores sociais e variação linguística.

O referido autor sugere que primeiramente se escolha o tipo de comunidade a ser estudada. Optei pelos internos do CENSE de Ponta Grossa, pelo ambiente fechado e o contexto de privação de liberdade que caracterizam tal comunidade de falantes, e pela proximidade entre essa instituição e a Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde realizo meus estudos como aluno do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.

A segunda pergunta refere-se às características da comunidade escolhida. A restrição de circulação, os históricos de vida relacionados à violência, a segregação social, a contestação e a não adequação às regras sociais estabelecidas por instrumentos legais, fazem com que os adolescentes internados assumam comportamentos peculiares, tanto no aspecto linguístico, quanto no gestual.

A indagação seguinte se refere à quantidade de informantes que participarão do estudo. Foram selecionados oito adolescentes internos para as entrevistas.

A quarta pergunta de Tarallo (2003) diz respeito a como organizar os informantes. Os futuros entrevistados foram divididos em grupos, segundo três aspectos: nível de escolaridade, tempo de internação e convívio.

Por fim, o autor questiona como entrar em contato com os participantes. Nesse estudo, foram necessárias três autorizações. A descrição dos passos relativos a essa fase está pormenorizada no tópico ‘Etapas do Processo de Coleta de Dados’.

3.1 Abordagem qualitativa

A presente pesquisa adotou a metodologia qualitativa, por esse método se apresentar como o mais indicado para as especificidades deste trabalho, pois não tem a finalidade de gerar dados estatísticos, mas de permitir o entendimento da natureza de um fenômeno social, baseado em dados coletados e confrontados com o referencial teórico.

Dessa forma, o método qualitativo mostrou-se adequado para o estudo das variações linguísticas, pois possibilitou a obtenção de dados descritivos através de uma maior proximidade entre o pesquisador e o fenômeno analisado, enfatizando o processo de interação. De acordo com Uwe Flick (2013, p. 23), a vantagem da abordagem qualitativa é que “a análise detalhada e exata de alguns casos pode ser produzida, e os participantes têm muito mais liberdade para determinar o que é importante para eles e para apresentá-los em seus contextos”.

Em seu livro “A pesquisa qualitativa em educação”, Bogdan e Biklen (1994) abordam o conceito de pesquisa qualitativa, e declaram que esse método enfatiza mais o processo de pesquisa do que o produto final, pois se preocupa em apresentar a perspectiva dos participantes, permitindo a obtenção de dados descritivos a partir de um contato mais próximo entre pesquisador e a situação estudada.

Como a aplicação das entrevistas teve o pesquisador como principal instrumento e utilizou, como fonte direta de dados, o próprio ambiente natural em que a variação linguística estudada é praticada, o método qualitativo se mostrou pertinente aos objetivos propostos, pois “os pesquisadores qualitativos escolhem os participantes propositadamente e integram pequenos números de casos segundo sua relevância” (FLICK, 2013, p. 23).

Flick (2013, p. 23) afirma que no método qualitativo “espera-se que os participantes respondam às questões abertas espontaneamente e com suas próprias palavras”, por isso, com frequência, os pesquisadores optam em trabalhar com narrativas de experiência pessoal dos entrevistados.

Assim, os resultados podem ser mais precisos, o que confere certa importância à abordagem qualitativa, conforme aponta Lopes (2003) em seu trabalho intitulado “Narrativas das adolescentes em conflito com a Lei”:

é pela observação do comportamento que se descobrem as palavras escritas e faladas que serão estudadas pelo pesquisador. Não há preocupação com números, porcentagens e estatísticas. Importa o que o pesquisador observou e apreendeu em determinado grupo social. (LOPES, 2003, p. 34)

O método qualitativo pode ser utilizado de maneiras diversas, como por exemplo, na pesquisa-ação, na etnografia e em estudo de caso. Esta pesquisa utilizou a etnografia, devido esse método propiciar uma análise descritiva de muitos aspectos socioculturais do grupo social em questão, possibilitando um maior entendimento da linguagem utilizada pelos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade.

3.2 Etnografia

O termo etnografia tem origem grega, e é constituído pela junção de dois radicais: *ethnoi* que significa os outros, e *grafos*, que significa escrita, descrição. Dessa forma, ao adotar a perspectiva etnográfica neste trabalho, significa que o mesmo teve como metodologia de pesquisa a escrita e a descrição sobre os outros, sendo estes, representados pelos adolescentes internos do CENSE.

Segundo Sousa (2006), esse método qualitativo de pesquisa primeiramente surgiu nas Ciências Antropológicas e também se caracteriza pelo estudo, descrição e interpretação de povos e suas culturas, tendo seus primeiros trabalhos sido realizados entre o final do século XIX e início do século XX, os quais visavam o estudo da cultura de determinados povos, através de uma perspectiva interpretativista do objeto analisado.

Na atualidade, o método etnográfico é bastante utilizado em áreas como a Sociologia, a Educação e a Linguística, pelo fato da sua metodologia ser baseada na observação, descrição, análise e interpretação de aspectos socioculturais de determinados grupos sociais.

A etnografia baseia-se no pressuposto de que há uma tendência a ver significados em objetos, pessoas e eventos, de modo que, para descrever adequadamente o comportamento humano, devem-se incorporar os modos pelos quais esse comportamento pode ser interpretável como ação significativa, sendo que, segundo esse método, as relações das pessoas com o mundo seriam mediadas por diferentes tradições e estratégias de atribuição de significados às coisas. Assim, os etnógrafos estariam interessados em aprender o significado de objetos, pessoas e eventos em diferentes situações, papéis, grupos ou sociedades, e o meio de se fazer isso seria tentar interpretar ações, através de inferências sobre esse conhecimento local tácito, baseado no que as pessoas dizem ou fazem, bem como nos artefatos que elas produzem.

Ludke e André (1986, p. 17), ao citarem o sociólogo Stuart Hall (1978), indicam algumas recomendações ao pesquisador etnógrafo:

a pessoa precisa ser capaz de tolerar ambiguidades; ser capaz de trabalhar sob sua própria responsabilidade; deve inspirar confiança; deve ser pessoalmente comprometida, autodisciplinada, sensível a si mesmo e aos outros, madura e consciente; e deve ser capaz de guardar informações confidenciais. Desde o contato inicial com os participantes, o observador deve se preocupar em se fazer aceito, decidindo quão envolvido estará nas atividades e procurando não ser identificado com nenhum grupo particular.

As recomendações anteriores foram de muita importância para a obtenção dos dados, sendo que realmente assumi o papel de pesquisador interessado no estilo de vida e no ambiente da instituição, e tomei o cuidado de deixar claro que não estava ali representando grupos particulares, como servidores da instituição, policiais ou assistentes sociais, indicando aos internos que o objetivo era estudar a trajetória de vida deles, posicionando-me como um estudante universitário preocupado e interessado no modo de vida e no cotidiano dos adolescentes.

Para as autoras Ludke e André (1986), um estudo etnográfico exige do pesquisador sua observação e participação para obter uma visão mais abrangente do contexto sociocultural em que ocorre a pesquisa, considerando os valores do grupo estudado, sua ideologia e, principalmente, sua linguagem, pois esta representa o reflexo de suas práticas sociais. Dessa forma, as referidas autoras descrevem três etapas para a realização de uma pesquisa etnográfica:

- 1) Exploração – essa fase envolve a seleção e definição de problemas, a escolha do local onde será realizado o estudo e o estabelecimento de contatos para a entrada no campo. Nessa fase, são realizadas as primeiras observações com a finalidade de adquirir maior conhecimento sobre o fenômeno e possibilitar a seleção de aspectos que serão mais sistematicamente investigados. Essas primeiras indagações orientam o processo da coleta de informações e permitem a formulação de uma série de hipóteses que podem ser modificadas à medida que novos dados vão sendo coletados.
- 2) Decisão - consiste numa busca mais sistemática daqueles dados que o pesquisador selecionou como os mais importantes para compreender e interpretar o fenômeno estudado. Assim, os autores afirmam que os tipos de dados relevantes são: forma e conteúdo da interação verbal dos participantes; forma e conteúdo da interação verbal com o pesquisador; comportamento não-verbal; padrões de ação e não-ação; traços, registros de arquivos e documentos. Os tipos de dados coletados podem mudar durante a investigação, pois as informações colhidas e as teorias emergentes devem ser usadas para dirigir a subsequente coleta de dados.
- 3) Descoberta - consiste na explicação da realidade, ou seja, na tentativa de encontrar os princípios subjacentes ao fenômeno estudado e de situar as várias descobertas num contexto mais amplo. Deve haver uma interação contínua entre os dados reais e as suas possíveis explicações teóricas, permitindo a estruturação de um quadro teórico, dentro do qual o fenômeno pode ser interpretado e compreendido.

A análise dos dados contou com o meu prévio conhecimento dessa variedade linguística utilizada em um contexto de privação de liberdade, fato que se apóia em Johnstone (2000, p. 98-104), quando este aponta que “atualmente os sociolinguistas vêm estudando o uso da linguagem pela gravação da fala, mas trazem também sua experiência de mundo como parte do conhecimento para analisar os dados”. Assim, o uso dessa linguagem, bem como a interpretação das crenças e atitudes dos seus falantes foram analisados considerando o que eu já tinha vivido e observado durante minha experiência profissional como agente de segurança penitenciário.

Nesse sentido, Cicourel (1992) esclarece que para se obter uma análise mais eficiente dos dados e um maior entendimento etnográfico sobre atividades, objetos e ideias é preciso uma experiência social prévia do pesquisador, sendo necessário conhecer alguma coisa sobre os aspectos etnográficos, como a percepção, as características atribuídas aos outros, além das condições sociais da organização local. Em outras palavras, para Cicourel (1992, p. 141) “a observação mais ampla do contexto local torna-se necessária ao estudo do uso da linguagem”, pois não é possível analisar o significado se não conhecer detalhes socioculturais locais e institucionais pelos quais são identificados os participantes da conversa. E acrescenta que é preciso discutir o contexto local em termos de suas restrições organizacionais e culturais, de expectativas normativas e de condições imediatas que rodeiam eventos de fala locais e seus desdobramentos.

Diferente do que ocorria com as pesquisas mais antigas, atualmente os estudos etnográficos têm mostrado que os pesquisadores permanecem menos tempo em campo (SOUSA, 2006). No presente trabalho, realizei 4 visitas à instituição para a observação e coleta de dados, com duração de 3 horas cada visita. Devido ao tempo relativamente curto de permanência em campo, optei pelo uso da expressão ‘perspectiva etnográfica’, pois, apesar de não apresentar um tempo em campo muito extenso, esta pesquisa pautou-se nos pressupostos metodológicos da etnografia para a análise do contexto sociocultural do grupo estudado.

Para a etapa de coleta de dados, foram utilizados alguns recursos tecnológicos e metodológicos, como gravador de som, blocos de papel, caneta – representando os primeiros, e a observação, gravação das entrevistas e registros escritos – representando os segundos. Um recurso importante para o registro das observações e informações foi a utilização da ficha do informante, previamente elaborada pelo pesquisador (ANEXO I).

Muitos adolescentes do CENSE cumprem medidas socioeducativas de privação de liberdade por terem cometido atos infracionais envolvendo algum tipo de violência. Nesse sentido, Lopes (2003, p. 36) alerta para a responsabilidade ética da etnografia diante da violência, recomendando ao pesquisador “metamorfosear-se à procura da perspectiva dos transgressores – aqueles que, por serem designados como dementes, criminosos ou perversos, estão situados à margem das áreas estruturadas da sociedade”.

Essa metamorfose possibilitou que o pesquisador se colocasse no lugar do outro, dos adolescentes, de forma afetiva e imaginária, e foi empregada nessa pesquisa, visando uma maior aproximação com os internos.

A perspectiva etnográfica adotada se deve à flexibilidade que esse método proporciona, no sentido de propiciar vários modos de geração de dados, e também porque

permite uma análise mais profunda dos fenômenos linguísticos, visto que, sendo a linguagem o reflexo do modo de ser e pensar dos seus falantes, a investigação etnográfica possibilita a compreensão de aspectos socioculturais dos vários grupos sociais, que se estabelecem através de determinados usos linguísticos.

Metodologicamente, dentro dessa mesma perspectiva, foi adotada a modalidade da etnografia da fala (BORTONE, 1993), que utiliza os mesmos procedimentos da etnografia convencional, mas distingue-se da tradicional pelo fato de ter como objetivo principal a análise de aspectos específicos da situação de comunicação, aqui representada pela análise semântico-lexical dos termos coletados e pela análise das narrativas envolvendo situações vivenciadas de discriminação pela linguagem.

Para Gumperz, Hammersley Atkinson (1981) os objetos de estudo e observação da etnografia dividem-se em eventos de fala e em atividades de fala, sendo que os primeiros podem ocorrer em qualquer grupo de falantes, como em uma entrevista de emprego ou em uma consulta médica, e os segundos caracterizam-se por apresentar um assunto como ponto central de um processo comunicativo, como uma conversa sobre a situação política de um país, ou conversas sobre futebol e outros temas.

Nesta pesquisa, foi utilizado o conceito de atividades de fala, pois as entrevistas semiestruturadas visaram estimular os adolescentes a narrarem fatos e situações vivenciadas, tanto na vida pessoal, quanto no contexto da instituição na qual cumprem suas medidas de internação, com o intuito de se obter dados sobre seus usos linguísticos.

Assim, por meio de narrativas, os entrevistados sentiram-se mais à vontade para tratar sobre os assuntos abordados, posto que ao buscar na memória os acontecimentos vivenciados, os entrevistados não prestavam atenção na maneira de falar. Além disso, os temas abordados nas entrevistas coincidiam com a realidade por eles vivenciada e com os assuntos de sua preferência, o que também colaborou pra que os entrevistados se sentissem mais à vontade para falar.

Inclusive, as entrevistas representaram para os internos uma maneira de desabafar os anseios e sofrimentos que os incomodavam, e também de relatar seus sonhos e desejos.

Portanto, a etnografia da fala possibilitou relacionar as variedades linguísticas utilizadas com as práticas sociais do grupo de adolescentes em estudo.

3.3 Etapas do processo de coleta de dados

O processo de coleta de dados teve início a partir do mês de março de 2017. Como a pesquisa teria como objetivo estudar a linguagem praticada por adolescentes lotados no CENSE de Ponta Grossa, foram solicitadas à professora Dra. Djane Antonucci Corrêa algumas informações, visto que, a referida professora já tinha realizado um trabalho com os internos da instituição e conhecia o trâmite judicial que era preciso percorrer para a obtenção da autorização para a realização da pesquisa. Então, de acordo com as orientações recebidas, eu e a orientadora deste trabalho, a professora Dra. Valeska Gracioso Carlos, elaboramos um ofício que foi encaminhado para a juíza da Vara da Infância e Adolescência de Ponta Grossa, no qual constavam os objetivos a serem alcançados, juntamente com o plano de trabalho, o projeto de pesquisa, os termos de compromisso do pesquisador responsável e os termos a serem assinados pela diretoria da instituição e pelos adolescentes entrevistados. Também foi anexada uma cópia do ‘Parecer Consubstanciado número 2.012.333’ emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Plataforma Brasil⁴, que considerou o presente trabalho como ‘pesquisa de grande importância científica’.

A autorização judicial foi favorável para a realização do trabalho junto aos adolescentes, embora esse trâmite tenha terminado somente no mês de julho. Assim, com a autorização da juíza da Vara da Infância e da Adolescência, nos deslocamos até o CENSE para conversar com a diretoria da Unidade, na pessoa da senhora Vera Lucia Kawanate, pois considerei importante a presença da minha orientadora nesse primeiro contato com os responsáveis pela instituição. Fomos recebidos muito bem pela direção, que, nesse encontro e nos posteriores, me ofereceu algumas informações relativas aos internos e à rotina e características do CENSE.

Nessa ocasião, entreguei para a diretoria o plano de trabalho a ser executado, o projeto de pesquisa, a autorização judicial e a entrevista semiestruturada que seria aplicada aos adolescentes participantes. Por conhecerem profundamente o ambiente socioeducativo e o universo dos adolescentes ali internados, a direção, o corpo técnico e os funcionários educadores ofereceram importantes informações que possibilitaram-me utilizar os três fatores sociais que melhor refletissem a realidade da instituição.

Também fui alertado que poderia ocorrer alguma discordância de algum entrevistado em ter suas falas registradas no aparelho gravador de áudio, fato que ocorreu com os entrevistados 4 e 7, mas que foi contornado com a explicação dos objetivos da pesquisa e com

⁴A Plataforma Brasil é um sistema eletrônico criado pelo Governo Federal para sistematizar o recebimento dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos nos Comitês de Ética em todo o país. Ver mais em <http://portal2.saude.gov.br/sisnep/Menu_Principal.cfm>.

a apresentação do termo de compromisso do pesquisador responsável, lido e assinado por mim, em que consta minha total responsabilidade quanto ao sigilo da identidade dos participantes da pesquisa.

A entrevista semiestruturada do projeto de pesquisa original continha 240 perguntas que levariam, em média, duas horas para serem realizadas, mas a direção me informou que os horários e atividades cumpridas pelos internos não poderiam sofrer alterações radicais para a execução da pesquisa, pois a obediência aos horários e suas atividades relacionadas são imprescindíveis para o processo socioeducativo dos adolescentes ali lotados, que tem em suas bases o respeito aos horários e à disciplina interna.

Dessa forma, a diretoria da instituição autorizou a realização de oito entrevistas com duração máxima de uma hora e meia cada, pois uma entrevista muito longa certamente iria fazer com que os internos se ausentassem por muito tempo de suas atividades diárias, com prejuízo da rotina da instituição e, conseqüentemente, do processo de socioeducação a que estão submetidos. Outro problema de uma entrevista mais longa é que durante sua aplicação os entrevistados têm grande possibilidade de se sentirem cansados e entediados em responder às perguntas, o que poderia comprometer a interação entre pesquisador e entrevistado e, conseqüentemente, prejudicar o processo de coleta de dados.

Então, reduzi a primeira parte da entrevista semiestruturada – entrevista narrativa, e adaptei as perguntas de modo a obter o máximo de termos e expressões com sentido figurado dentro do período de tempo autorizado pela direção do CENSE, dando um destaque especial ao questionário semântico-lexical, devido a essa ferramenta metodológica proporcionar a coleta dos itens lexicais com sentido figurado, embora tenha mantido a entrevista narrativa, que mesmo reduzida, permitiu a obtenção de narrativas marcadas pela presença do preconceito linguístico.

Assim, foram feitas duas entrevistas pela manhã e duas no período da tarde, em dois dias, totalizando oito adolescentes, e englobando 10% da população interna do CENSE, que apresenta uma média de 80 internos por dia, conforme nos foi passado pela direção da unidade.

Todas essas informações me foram passadas antes e durante o intervalo das entrevistas com os adolescentes, e foram de grande valia para a compreensão da realidade do ambiente socioeducativo e das normas contidas no regimento interno da instituição. É importante apontar que as informações relativas às características e finalidades de cada alojamento, oferecidas pela diretoria, equipe de técnicos e educadores, foram confirmadas pelos internos durante as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas em uma sala destinada a atendimentos dos internos com a equipe técnica, psicólogos, assistentes sociais e educadores. O bloco em que ocorreram as entrevistas do período da manhã era composto por três salas de alvenaria com nove metros quadrados aproximadamente cada, que só podiam ser fechadas pelo lado de fora pelos educadores sociais, responsáveis pela manutenção da segurança da instituição.

As realizadas no período da tarde foram feitas em outro bloco da unidade, em uma sala mais ampla que as salas de atendimento técnico em que foram feitas as entrevistas no período matutino. Nessa parte da instituição, os internos realizam atividades educativas e de lazer com professores que ministram aulas relativas ao ensino fundamental e médio.

Os funcionários educadores, responsáveis pela segurança e pelo deslocamento dos internos, se mostraram muito favoráveis à realização da pesquisa e traziam os adolescentes até a sala onde se dariam as entrevistas, postando-se, em seguida, perto da porta, vigiando o bom andamento do trabalho e a minha segurança.

Utilizei o princípio metodológico do conceito de vernáculo⁵, como um subsistema estilístico “em que o mínimo de atenção é prestado à fala” (LABOV, 2001 [1972], p. 112). Para Labov, “O vernáculo [...] proporciona os dados mais sistemáticos para a análise linguística. [...] Seu caráter altamente regular é uma observação empírica” (LABOV, 2001 [1972], p. 5). Assim, considerei essencial que as entrevistas gravadas refletissem, tanto quanto possível, a fala natural da comunidade em estudo.

Um problema metodológico clássico da Teoria da Variação e Mudança é que a observação sistemática da fala (necessária para a obtenção dos dados) por si só provoca, no informante, um nível de automonitoramento da fala maior que o mínimo – ou seja, um afastamento do vernáculo. Esse problema ficou conhecido como o paradoxo do observador e, se desconsiderado, pode influenciar negativamente a coleta de dados sociolinguísticos, como formula Labov:

[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. (LABOV, 2008 [1972], p. 245)

⁵ Denominação corrente nos estudos filiados à Sociolinguística Variacionista laboviana para as modalidades de fala menos formais, em que se verificam relativos desvios à norma gramatical ou às variedades mais prestigiadas socialmente.

Dessa forma, o método de coleta de dados utilizado procurou superar, da forma mais eficiente possível, o efeito negativo do paradoxo do observador, considerando que o mero contato com o informante já seja um empecilho para a obtenção natural de sua fala.

Então, optei pela entrevista individual com cada adolescente – gênero preferido pela Sociolinguística para a etapa de coleta de dados, por garantir uma amostra longa de fala com pouca interferência de ruídos, e recorri a vários procedimentos para minimizar os efeitos do próprio contexto de entrevista e da presença do entrevistador sobre o grau de automonitoramento do informante. Dentre esses procedimentos metodológicos, estimei cada entrevistado a descrever episódios marcantes vivenciados, para que se envolvesse emocionalmente nas lembranças e desviasse a atenção de sua própria fala, possibilitando que o falante se sentisse à vontade para mudar os rumos planejados para a entrevista, caso fosse de sua vontade, e tomei o cuidado de “evitar usar a palavra língua”, segundo orientações sugeridas por Tarallo (2003, p. 22).

Outro recurso utilizado relaciona-se com a posição de aprendiz-interessado que tive que assumir diante do entrevistado, no intuito de que o informante não se sentisse intimidado ou constrangido pela situação de interação causada pela entrevista, que o faria produzir uma fala menos espontânea e natural.

A natureza etnográfica do trabalho exigiu do pesquisador responsável pela coleta dos dados, uma habilidade para contornar a desconfiança inicial dos entrevistados, pois eu representava um elemento externo ao cotidiano vivido pelos internos. Então, logo que o entrevistado chegava à minha presença era cumprimentado amistosamente e era-lhe explicado que uma das finalidades da pesquisa era desconstruir o preconceito social que os mesmos sofriam. Essa justificativa aliada à leitura do termo de consentimento do pesquisador responsável, que garante o sigilo da identidade dos informantes, sob pena do pesquisador responder criminalmente pelo não cumprimento das recomendações contidas nesse documento, permitiram-me estabelecer uma relação de maior confiança com os participantes da pesquisa.

Ao chegarem para as entrevistas, todos os informantes foram por mim cumprimentados com aperto de mão e saudações cordiais. A intenção era aproximar o informante do entrevistador através de sinais que permitissem ao adolescente constatar que eu não representava nenhum grupo considerado por eles de oposição, como educadores, policiais e representantes do poder público. É importante relatar que, da mesma forma que ocorre com os sentenciados em uma unidade prisional, os adolescentes internos jamais cumprimentam com aperto de mão os funcionários, pois o código moral paralelo que rege seus

comportamentos, da mesma forma que o dos sentenciados adultos, não permite essa aproximação.

Entre uma entrevista e outra, os educadores se mostraram curiosos sobre como eu conseguia entrevistar naturalmente os adolescentes, com autorização deles e a gravação de seus registros de fala. O motivo de tal curiosidade é claro para mim: a minha experiência como agente de segurança de penitenciária comprovou que os indivíduos privados de liberdade não conversam com pessoas alheias ao ambiente institucional, e só falam com funcionários o estritamente necessário. Outro detalhe importante que motivou a curiosidade dos educadores foi o fato de a pesquisa ter como um dos objetivos compreender e identificar o significado de palavras utilizadas na linguagem praticada pelos adolescentes internos, pois, durante os 17 anos de exercício como agente de segurança penitenciária, foi possível constatar que os adultos condenados não gostavam de falar sobre a linguagem utilizada, muito menos explicar o significado dos termos e expressões empregadas para pessoas externas ao grupo de que fazem parte.

Utilizei uma linguagem informal no diálogo com os internos, em que termos vocativos como ‘velho’, ‘véio’ e expressões como ‘tô ligado’ foram usualmente utilizadas, na tentativa de um esforço para driblar a desconfiança inicial dos internos, ser aceito pelo grupo de adolescentes e não ser identificado como representante de nenhum grupo específico, conforme recomenda Labov (1983) e Tarallo (2003).

Assim, após a realização das oito entrevistas, me reuni com a diretoria, os técnicos e os educadores sociais e expliquei que uma importante parte da metodologia utilizada baseava-se na transformação do entrevistador em um pesquisador interessado ou num integrante do grupo analisado (TARALLO, 2003), em que alguns termos lexicais, já por mim conhecidos, acabaram servindo como cartão de boas vindas aos entrevistados.

Os cuidados, a ferramenta metodológica de se inserir no grupo dos adolescentes e as recomendações de Tarallo (2003) foram de muita importância para a obtenção dos dados, objeto de análise da pesquisa, visto que, realmente demonstrei interesse em conhecer o estilo de vida e o cotidiano dos entrevistados, posicionando-me como um estudante universitário, e indicando aos internos que o único objetivo era desconstruir o preconceito e a discriminação social que enfrentavam.

3.4 Seleção dos informantes

A Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1983) exige que a amostra a ser coletada seja dimensionada de acordo com algum critério estatístico, pois, como trabalha-se com uma amostra, não há a necessidade de coletar dados de todos os falantes de uma comunidade.

De acordo com Mollica (2004), normalmente, seleciona-se 10% do total de indivíduos que compõem a comunidade de fala. Entretanto, segundo essa autora, uma situação ideal seria ter cinco indivíduos em cada enquadramento social, ou seja, cinco falantes representando cada variável considerada na pesquisa. Mas nem sempre é possível coletar dados de tantos informantes, seja por indisponibilidade ou por escassez de tempo e recursos.

Nesse sentido, manteve a proposta original de entrevistar oito internos, número que representa 10% da média de adolescentes lotados no CENSE, que segundo a direção da instituição, comporta 80 adolescentes no total, e contei com quatro indivíduos representando cada enquadramento social: dois grupos de quatro adolescentes cada para cada fator social em estudo.

As variáveis extralinguísticas utilizadas nessa pesquisa sociolinguística são também conhecidas como índices de enquadramento social (LABOV, 1983), e foram classificadas em: nível de escolarização de até o sexto ano do Ensino Fundamental e nível de escolarização superior ao sexto ano do Ensino Fundamental; possibilidade de convívio, não possibilidade de convívio; tempo de internação de até seis meses, tempo de internação superior a seis meses.

De acordo com índices de enquadramento social, os adolescentes assumem determinados comportamentos linguísticos, pois cada grupo social estabelece a forma e o tipo de linguagem que é praticada por seus integrantes.

Assim, a abordagem sociolinguística deste estudo partiu da pesquisa empírica, com dados reais, produzidos por falantes reais, sendo que a amostra de dados foi representativa de um determinado grupo de falantes, segundo observações de Labov (2001, p. 38), que recomenda ao pesquisador estipular critérios que representem “índices de enquadramento social” direcionados aos objetivos de pesquisa.

O projeto e o plano de trabalho iniciais previam dividir os entrevistados da seguinte forma: quatro internos do sexo masculino e quatro do sexo feminino; quatro com idade entre 12 e 14 anos e quatro com idade entre 15 e 17 anos, e quatro com menos de dois anos de internação e quatro com mais de dois anos de internação.

O intuito dessa classificação era a identificação do peso de fatores sociais como ‘faixa etária’, ‘sexo/gênero’ e ‘tempo de internação’ do falante na utilização de uma linguagem caracterizada por palavras com sentido figurado, ou seja, o objetivo era identificar,

por meio de uma análise semântico-lexical, a influência desses fatores na prática da variedade linguística utilizada pelos adolescentes internos do CENSE.

Entretanto, a realidade encontrada no CENSE, relativa ao perfil socioeducativo dos internos, levou-me a reorganizar o critério de seleção dos informantes que tinha planejado utilizar inicialmente. Dessa forma, os subitens a seguir explicam os motivos que me levaram a substituir os fatores sociais ‘sexo’ e ‘faixa etária’ pelos fatores ‘nível de escolaridade’ e ‘convívio’, respectivamente, e adequar o fator ‘tempo de internação’ ao contexto encontrado no CENSE.

3.4.1 O fator ‘convívio’

A idade do falante tem um papel importante quando se pretende estudar as variedades linguísticas usadas por adolescentes, pois a fase da adolescência é marcada por transformações físicas, psíquicas e sociais, e nessa etapa de vida o sujeito está se percebendo como integrante de uma sociedade, buscando aceitação social. Para isso, o adolescente seguirá o comportamento e a postura de seus pares, compartilhando com eles, por exemplo, a maneira de se vestir e a linguagem do grupo a que pertence ou pretende pertencer.

Comumente, os adolescentes falam de maneira mais instável, pois apresentam uma tendência para a inovação e criação linguística, numa tentativa de ganhar destaque em seu grupo social. Por outro lado, os falantes mais velhos tendem a ser mais conservadores, empregando formas linguísticas mais antigas e de maior prestígio em suas falas.

Como a língua desempenha um importante papel na formação do ser humano e na fase de adolescência, o indivíduo se encontra vulnerável a muitos tipos de influências externas, essa fase do desenvolvimento humano será caracterizada por formas diferenciadas de usar a língua, pois segundo Naro (2004, p. 33), “é fácil perceber que há diferenças linguísticas na forma de se expressar devido à idade do falante”.

Em virtude disso, inicialmente, os informantes tinham sido divididos em duas faixas etárias: de doze a quatorze anos, e de quinze aos dezessete anos. A intenção de se dividir os entrevistados em dois grupos com faixas etárias distintas baseia-se no critério proposto pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), artigo 2º, que define o período da adolescência como aquele compreendido entre os 12 anos e os 18 anos incompletos. Assim, os entrevistados tinham sido classificados em dois grupos: aqueles com idade entre 12 e 14 anos, representando os três primeiros anos da fase de adolescência; e aqueles com idade entre 15 e 17 anos, representando os três últimos anos da fase de adolescência.

Apesar da evidente importância do fator ‘faixa etária’ do falante em um estudo sociolinguístico, resolvi substituí-la por uma variável que melhor refletisse a realidade do ambiente e da população em estudo, pois, a direção e o corpo técnico, composto por psicólogas e assistentes sociais, me esclareceram que a grande maioria dos internos do CENSE de Ponta Grossa tem entre 16 e 18 anos de idade, algo em torno de 80% da população total, e, por isso, a classificação etária, originalmente pretendida, não se apresentou viável aos objetivos desse trabalho.

O grande número de internos na faixa etária dos 16 a 18 anos me surpreendeu inicialmente, pois pensava que somente adolescentes menores de 18 anos podiam estar em regime de internação. A equipe técnica me informou que esse grande número de internos com 18 anos completos se deve ao fato de que, quando foram julgados pelos atos infracionais cometidos, os mesmos tinham menos de 18 anos de idade e atingiram a maioridade durante o cumprimento de suas medidas socioeducativas aplicadas via decisão judicial.

Como já explicado no tópico sobre o CENSE de Ponta Grossa, a estrutura física da referida instituição é constituída de 8 alas, também chamadas de casas ou alojamentos, denominados de casa Alfa, casa Bravo, casa Charlie, casa Delta, casa Eco, casa Fox, casa Golf e casa Hotel, que também são conhecidas pela primeira letra que compõe seus nomes, ou seja, casas A, B, C, D, E, F, G e H, as quais se distinguem quanto à possibilidade ou não de convívio entre os adolescentes que as ocupam.

Os internos de cada casa não se reúnem com os internos de outros alojamentos, pois, por medida de segurança da instituição e dos próprios internos, somente é permitido o convívio entre os adolescentes residentes em uma mesma casa, se a mesma for destinada ao convívio, e somente durante a realização de atividades educativas e de lazer.

Nas casas Alfa, Eco, Fox e Hotel os internos podem interagir entre si durante algumas atividades realizadas em horários pré-estabelecidos pela direção, como aulas de pintura, desenho, e alguns momentos para programas televisivos previamente selecionados pela equipe de técnicos. Por esse motivo, tais alojamentos são conhecidos como casas de internação. As três primeiras casas são ocupadas por internos que já foram submetidos à condenação judicial, os quais são chamados de ‘condena’, e a casa H é destinada aos adolescentes de orientação homoafetiva, que, apesar de não serem aceitos pela população geral para o convívio com a maioria, podem interagir entre si, dentro dos limites geográficos dessa casa. Com relação à casa H, o informante 3 esclareceu-me que o termo Hotel se refere ao fato de que, da mesma forma que um hotel tradicional, esse alojamento aceita qualquer tipo de hóspede.

Nos demais alojamentos, casas B, C, D e G, o convívio entre os adolescentes lotados não é permitido. A direção me esclareceu que a impossibilidade de convívio dentro e fora delas ocorre porque as casas C e D são destinadas a internos que aguardam decisão judicial, e que não apresentam, ainda, um perfil socioeducativo que permita a concessão do convívio sem risco para sua segurança e dos demais residentes da casa.

A casa Bravo é chamada pelos internos de ‘seguro’, pois nela ficam lotados os adolescentes que cometeram atos infracionais relativos a abusos sexuais e os que possuem alguma desavença ou ‘treta’ (informante 3) com algum outro interno. Dessa forma, o alojamento B serve como uma barreira de segurança para os que nele residem, onde até o convívio entre si não é permitido, ficando cada interno em seu próprio quarto ou ‘xis’ (informante 5), como ocorre com os internos das casas C, D e G.

A casa Golf é utilizada para os internos recém-chegados na instituição que ainda não foram submetidos à decisão judicial, funcionando como uma espécie de triagem e, por esse motivo, não é permitido o convívio entre os que nela residem.

Cada casa possui 10 quartos individuais, delimitados por grades de ferro e trancados por fora, que os adolescentes chamam de ‘xis’, sendo que os internos somente saem de seus quartos quando os educadores abrem as fechaduras e cadeados, nos horários das atividades pré-estabelecidas.

Vale reafirmar que os lotados em cada casa só podem interagir com os outros internos da mesma casa, o que sugere que essa convivência limitada aos residentes de uma mesma casa pode ser considerada um tipo de variável a ser também analisada, como define Bortoni Ricardo (2004), quando aponta a importância da variável ‘rede social’ em um estudo sociolinguístico, pois os usos linguísticos das pessoas que convivem em grupo podem fornecer indícios do peso dessa variável na linguagem praticada por cada grupo, aqui no caso, em cada casa, e esses usos interferem no comportamento dos seus integrantes.

Com base nessas informações, inserio fator ‘convívio’ (rede social) no lugar do fator ‘faixa etária’, e classifiquei as duas variáveis relativas a esse fator como ‘possibilidade de convívio’ e ‘não possibilidade de convívio’. Assim, foi selecionado 1 adolescente de cada alojamento, totalizando 8 entrevistados. Considerando que das 8 casas, 4 são de convívio e 4 não o são, o intuito desse critério seletivo foi tentar identificar se há diferenças de usos linguísticos decorrentes do convívio ou não convívio característicos de cada casa.

3.4.2 O fator ‘nível de escolarização’

Antes de optar pelo estudo do fator extralinguístico ‘nível de escolarização’, pretendia analisar o fator social ‘sexo/gênero’ do falante e sua relação com a linguagem utilizada pelos adolescentes do CENSE.

As conclusões do INFOPEN (BRASIL, 2017) – de que muitos sentenciados adultos, de ambos os sexos, já cumpriram medidas socioeducativas na adolescência, e que houve um aumento de quase 30% no número de mulheres presas entre 2014 e 2016, motivaram meu interesse em estudar o fator social ‘sexo/gênero’.

Tal fator seria analisado de acordo com a classificação dos adolescentes em falantes do sexo masculino e do sexo feminino, pois pretendia verificar se há diferenças no uso da referida variedade linguística entre adolescentes de ambos os sexos, levando em consideração o fato da sociedade sempre ter discriminado as mulheres que usam uma linguagem diferente da fala padrão, sendo que esse tabu reforça a ideia de um comportamento linguístico mais polido das mulheres, mais formal, visto que, a diferença de gênero implica também em diferença de linguagem, pois “homens e mulheres falam de formas distintas” (PAIVA, 2004, p. 33).

Entretanto, a realidade encontrada na instituição foi um pouco diversa da que se esperava, pois a direção, o corpo técnico e os funcionários educadores me informaram que a instituição possuía 70 internos do sexo masculino, somente quatro do sexo feminino e quatro adolescentes transgêneros, em virtude da instituição ser destinada a adolescentes do sexo masculino. Embora esse número variasse diariamente em virtude de transferências e término do prazo de internação, fui informado que a média de internos se dava em torno de 80 adolescentes por dia, sendo 90 a 95% constituída por indivíduos do sexo masculino.

Por outro lado, esse pequeno percentual de meninas cumprindo medidas socioeducativas pode ser confirmado quando se observa os números que constam no Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito (BRASIL, 2016): 228.529 meninos e 23.374 meninas. O referido levantamento aponta que dos 192 mil adolescentes cumprindo medidas socioeducativas no Brasil, 174 mil são do sexo masculino.

Outra constatação que confirma essa situação predominantemente masculina são os dados do levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, denominado Nota Técnica Nº 20 (DA SILVA; DE OLIVEIRA, 2015), que concluiu que em 2013 e 2014, 95% das crianças e adolescentes privados de liberdade eram do sexo masculino e que mais da metade deles não trabalhavam nem estudavam quando cometeram o ato infracional, sendo 66% oriundos de famílias extremamente pobres.

Dessa forma, em virtude do contexto institucional encontrado, substituío fator ‘sexo/gênero’ pelo ‘nível de escolarização’ do falante, pois, também fui informado que a grande maioria dos adolescentes ali internados apresenta grande defasagem quanto ao período escolar que deveriam estar cursando. Essa situação coincide com a conclusão de Vicentin (2005), quando este pesquisou as narrativas de jovens que viviam conflitivamente com a sociedade, concluindo que os indivíduos autores de atos infracionais tendem a apresentar vários históricos de abandono escolar e, conseqüentemente, poucos anos de estudo.

Assim, o fator ‘nível de escolarização’ foi representado por duas variáveis: grau de escolarização de até o sexto ano do ensino fundamental e grau de escolarização superior ao sexto ano do ensino fundamental, sendo que cada variável foi representada por um grupo de quatro adolescentes.

O intuito dessa divisão foi a de verificar o peso do fator social ‘nível de escolarização’ na utilização de uma variedade linguística caracterizada pelo uso de palavras com sentido figurado, pois, segundo Votre (2004), o domínio maior ou menor de uma língua depende de muitas variáveis, inclusive do nível de escolaridade do falante, que desempenha papel fundamental no domínio da língua e no uso de determinados vocábulos. Dessa forma, segundo o autor, a escolaridade influencia muito a questão da fala, pois alunos com mais anos de estudo não possuem a mesma fala que os alunos com menos anos de escolaridade, ou seja, a fala de ambos terá diferentes variações devido ao nível de escolaridade e até mesmo de conhecimento linguístico e do sistema de sua língua, isso em uma situação ideal, em que os alunos deveriam cursar a série de acordo com a sua faixa etária.

3.4.3 O fator ‘tempo de internação’

Segundo o artigo 122 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), a medida socioeducativa de internação, que implica privação de liberdade, não poderá exceder o prazo máximo de três anos e deve ser aplicada apenas em casos de infração cometida por meio de grave ameaça ou violência à pessoa, por reiteração no cometimento de outras infrações graves ou por descumprimento reiterado e injustificável da medida anteriormente imposta. Por esse motivo, os adolescentes já submetidos à decisão judicial de privação de liberdade são também chamados de ‘internados’, ou como dito anteriormente, ‘condena’, pela população de adolescentes da instituição, ou seja, para estes, já foram estipuladas, judicialmente, as medidas socioeducativas relativas ao ato infracional cometido.

Um detalhe importante refere-se ao tempo máximo de internação dos adolescentes que ainda não tinham sido julgados, os chamados internos provisórios. Nesses casos, de acordo com o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), o período de internação dos mesmos não pode ultrapassar 45 dias, sendo que, após esse tempo, esses adolescentes têm, por direito, que serem liberados e aguardarem a decisão judicial em liberdade.

O corpo de técnicos da instituição informou-me que os adolescentes internos do CENSE cumpriam medidas privativas de liberdade com durações distintas, que variavam de acordo com o grau da infração ou da reincidência do autor, embora a média de tempo cumprida pelos internos na instituição variasse em torno de 1 ano, o que impediu que a seleção dos informantes pretendida inicialmente fosse utilizada.

Por isso, o fator 'tempo de internação' foi repensado e adequado à realidade encontrada na instituição. Considerando a média geral do tempo das medidas socioeducativas privativas de liberdade da instituição, que é de um ano, os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos, que representaram as duas variáveis relativas a esse fator: um grupo constituído por quatro internos com tempo total de privação de liberdade de até 6 meses e outro formado por quatro adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas privativas de liberdade por mais de 6 meses. Tendo em vista que alguns dos participantes dessa pesquisa já cumpriram medidas de internação em outras instituições socioeducativas do Estado do Paraná, para cálculo dessa variável, considerou-se como tempo de internação a soma de todos os períodos de privação de liberdade já cumpridos pelos adolescentes.

O objetivo dessa divisão foi observar o peso que o fator extralinguístico 'tempo de internação' apresentou na utilização da variedade linguística pelos adolescentes internos, para melhor compreensão da relação entre usos linguísticos e esse fator social, levando-se em conta que um maior ou menor período de tempo submetido às características físicas e ambientais da instituição pode resultar em diferenças no comportamento linguístico do falante e, portanto, em diferentes frequências de uso da variedade linguística em estudo.

Visando facilitar a seleção e organização dos informantes, foram elaboradas fichas de identificação contendo os seguintes dados: iniciais do nome do entrevistado, idade, sexo, tempo total de internação (considerando-se como tempo total, a soma dos períodos de internação já cumpridos, quando houver), e um campo para observações do pesquisador responsável pela entrevista (ANEXO I).

3.5A entrevista semiestruturada

Considerando que o objetivo principal desse trabalho é analisar a influência de fatores extralinguísticos na linguagem praticada por adolescentes em regime de internação e como essa linguagem reflete o contexto sociocultural dos falantes, foi elaborado um roteiro de perguntas que possibilitasse alcançar tal objetivo. Assim, as entrevistas semiestruturadas com os adolescentes apresentaram tópicos relacionados aos dados pessoais dos mesmos, ao modo de vida no CENSE, visando a obtenção de itens lexicais com sentido figurado, pertencentes à linguagem praticada pelos internos da instituição.

A opção pela entrevista semiestruturada está relacionada ao fato de a mesma buscar apreender a fala dos sujeitos entrevistados, remetendo aos objetivos da pesquisa, configurando-se em uma conversa com finalidade, com suficiente abertura para aprofundar a comunicação. Este tipo de entrevista, pela sua própria característica, combina perguntas abertas e fechadas, podendo contar com tópicos gerais orientadores, e possibilita aos entrevistados relatos que considerem importantes no contexto da sua fala, “sem se prender à indagação formulada” (MINAYO, 2007, p.64).

Utilizada como instrumento de coleta do corpus, a entrevista semiestruturada foi dividida em duas partes: entrevista narrativa e questionário semântico-lexical, e consta no Anexo II da presente dissertação.

3.5.1A entrevista narrativa

A primeira parte das entrevistas – narrativas de experiência pessoal - pedia que os internos narrassem momentos marcantes que tinham passado, pois pretendia-se, com essas narrativas de experiências vivenciadas, que o entrevistado prestasse mais atenção com o que falava do que no modo que falava, como recomenda Tarallo (2003).

O roteiro de perguntas foi dividido em 5 tópicos: infância, família, escolaridade, cotidiano do ambiente socioeducativo e linguagem, e foi formulado no intuito de aproximar o informante do entrevistador, baseando-se no método que Labov (1983) utilizou em seu estudo sobre o inglês falado por negros do Harlem, em Nova Iorque, no qual formulou o módulo ‘perigo de morte’ para gerar dados com as narrativas dos informantes, como reproduz Tarallo (2003, p. 22):

Módulo perigo de morte

Pergunta 1: Você já esteve alguma vez em situação em que estivesse correndo sério risco de vida (uma situação em que tenha dito a você mesmo: “Chegou a minha hora!”)?

Pergunta 2: O que aconteceu?

Pergunta 3: Numa situação dessas algumas pessoas dizem: “Bom, seja o que Deus quiser!” O que você acha?

O módulo acima foi adaptado de acordo com o contexto sociocultural do grupo de falantes do CENSE, e na minha experiência como agente penitenciário, durante a qual foi possível constatar que os indivíduos privados de liberdade se sentem mais à vontade quando conversam sobre determinados temas, como família, liberdade, futebol, etc.

Por meio de narrativas de experiência pessoal, os internos foram estimulados a falar sobre temas como vida em liberdade, momentos marcantes da infância, o melhor amigo, família, dia mais importante de suas vidas, a situação mais perigosa que enfrentaram etc. Nesse sentido, afirma Tarallo:

A narrativa de experiência pessoal é a mina de ouro que o pesquisador sociolinguista procura. Ao narrar suas experiências pessoais mais envolventes, ao colocá-las no gênero narrativa, o informante desvencilha-se praticamente de qualquer preocupação com a forma. (TARALLO, 2003, p. 23)

Para Ludke e André (1986), esse método de geração de dados pode ser aplicado em informantes com pouca instrução formal, os quais teriam dificuldades em responder um questionário escrito, por exemplo.

A metodologia de pesquisa utilizada, com gravações das entrevistas em áudio, fez com que alguns cuidados fossem tomados, pois, no início das entrevistas alguns colaboradores ficaram um pouco desconfiados com a presença do gravador, apesar de terem concordado em participar da pesquisa mediante assinatura do termo de consentimento pós-informado.

Objetivando contornar essa situação, apresentei-me como aluno universitário interessado em conhecer e estudar o cotidiano dos adolescentes internos, visando possíveis e futuras mudanças que auxiliassem os menores no cumprimento das medidas socioeducativas - procedimento utilizado segundo orientações de Labov (1983), que recomenda que, se possível, se evite comunicar ao entrevistado que a finalidade da entrevista é estudar a linguagem praticada pelo mesmo.

Dessa forma, a metodologia de geração de dados utilizou a entrevista narrativa por dois motivos: primeiro porque através das narrativas de experiência pessoal, o entrevistado se sentiu mais livre para relatar situações vividas e apontar seus pontos de vista, e segundo porque essa ferramenta permitiu que o entrevistado não focasse sua atenção na presença do

pesquisador e do gravador, evitando o paradoxo do observador (LABOV, 1983), possibilitando uma fala mais espontânea e natural por parte do entrevistado.

Para que a entrevista narrativa atingisse os objetivos propostos para essa pesquisa, dois cuidados precisaram ser tomados no sentido de possibilitar uma fala natural e espontânea do entrevistado. O primeiro deles refere-se à transformação do entrevistador em um aprendiz interessado, como recomenda Tarallo:

O pesquisador, ao selecionar seus informantes, estará em contato com falantes que variam segundo classe social, faixa etária, etnia e sexo. Seja qual for a natureza da situação de comunicação, seja qual for o tópico central da conversa, seja quem for o informante, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade. Tal neutralização pode ser alcançada no momento em que o pesquisador se decide a representar o papel de aprendiz-interessado na comunidade de falantes e em seus problemas e peculiaridades. (TARALLO, 2003, p. 21)

O segundo cuidado também se referiu ao procedimento metodológico de coleta de dados em que essa pesquisa está baseada, no qual, durante a entrevista, tomei o cuidado de dispor ao entrevistado de tempo necessário para responder as perguntas, sem que se sentisse pressionado e sem que ocorresse interrupção de sua narrativa.

Nesse sentido, Tarallo (2003, p. 22) ressalta a importância das narrativas para as pesquisas sociolinguísticas:

Os estudos de narrativas de experiência pessoal têm demonstrado que, ao relatá-las o informante está tão envolvido emocionalmente com o que relata que presta o mínimo de atenção ao como. E é principalmente essa a situação natural de comunicação almejada pelo pesquisador-sociolinguista. (TARALLO, 2003, p. 22)

Outra medida que foi tomada para neutralizar ou minimizar o constrangimento do entrevistado, decorrente da presença do entrevistador e do gravador, foi a utilização, de minha parte, de uma linguagem usual, mais próxima daquela praticada pelos internos, que propiciou estabelecer uma relação de maior confiança com os informantes.

A natureza sociolinguística da pesquisa constituiu-se em transcrever as narrativas coletadas e analisar dados e informações obtidos pelas entrevistas realizadas, considerando-se que o corpus levantado pelo gênero entrevista narrativa, atende a um número mínimo de pessoas para se ter uma melhor interpretação dos dados.

A entrevista narrativa compunha-se de 25 questões abertas, que, somada ao questionário semântico-lexical, tiveram um tempo de duração em torno de 80 minutos, pois em uma entrevista com essa extensão, considerada de média duração, foi possível estabelecer

uma relação de confiança com o informante, e mesmo que este utilizasse uma pronúncia cuidadosa, não natural, a própria extensão da entrevista contribuiria para tornar sua fala mais espontânea, o que não aconteceria em entrevistas curtas.

Meu sotaque paulista chamou a atenção de alguns adolescentes entrevistados que me indagaram sobre o significado de alguns termos utilizados por falantes do Estado de São Paulo. Essa rápida troca de informações possibilitou um estreitamento dos laços interativos com os entrevistados e colaborou para quebrar a desconfiança inicial de alguns deles.

As entrevistas também permitiram verificar como funciona a variedade linguística praticada pelos internos, enquanto código linguístico que dificulta ou impossibilita o entendimento dessa linguagem por pessoas externas ao grupo, numa tentativa de resguardo dessa identidade linguística.

3.5.2 Questionário semântico-lexical

Essa parte da entrevista semiestruturada baseou-se no estudo de Corrêa (2008), que realizou uma pesquisa sobre a linguagem de menores infratores em seis unidades do CENSE do Estado do Paraná, localizadas em Foz do Iguaçu, Londrina e Curitiba. Por ter sido realizado em instituições localizadas em três cidades paranaenses e apresentar temática semelhante à da presente pesquisa, o referido estudo possibilitou a formulação de perguntas que fizessem parte da realidade vivida pelos menores, considerando-se, principalmente, o contexto regional (estadual) em que ambas as pesquisas se realizaram.

Aguilera, Mota e Milani (2004) propõem alguns cuidados a serem tomados pelo pesquisador em um estudo dialetológico, que, por poderem ser aplicados aos estudos sociolinguísticos, foram de grande utilidade. As autoras recomendam ao pesquisador que este tenha familiaridade com o questionário para que se possa estabelecer “um caráter de naturalidade à conversa” (AGUILERA; MOTA; MILANI, 2004, p. 51).

E acrescenta:

Demonstrar clareza quanto aos objetivos do questionário como um todo, dos diferentes questionários específicos e de cada questão em particular (compreensão do solicitado na pergunta) é requisito básico para o pesquisador conquistar o *status* de inquiridor. (AGUILERA; MOTA; MILANI, 2004, p. 48)

As autoras também propõem que o pesquisador tome cuidado sobre questões “que recuperem determinadas características físicas ou convicções religiosas que afetam o

informante” (AGUILERA, MOTA; MILANI, 2004, p. 49). Além de considerar tal observação, também tomei o cuidado de desenvolver uma relação de empatia com o informante, objetivando obter “sensibilidade suficiente para abstrair aspectos da sua realidade cotidiana” (AGUILERA, MOTA; MILANI, 2004, p. 51).

A aplicação do questionário semântico-lexical deu a essa segunda etapa das entrevistas um caráter de pesquisa sistemática, em que os informantes foram convidados a responder a qual variedade linguística correspondia aos termos que lhes eram apresentados, com o propósito de verificar a produtividade dos vocábulos que constituem a linguagem por eles utilizada.

Algumas perguntas inicialmente não entendidas nem respondidas pelos entrevistados, devido à desconfiança de alguns informantes no começo das entrevistas, foram novamente questionadas no final da interação, utilizando-se para isso o processo inverso, que consistiu em fazer a pergunta partindo do seu significado, ou seja, da variedade linguística, na tentativa de que o entrevistado informasse qual palavra se referia à variedade indicada.

Apesar de ter sido somente utilizado nos casos em que a pergunta não fosse respondida, esse procedimento possibilitou que quase a totalidade do corpus pudesse de fato ter seu correspondente semântico obtido na gravação, servindo como uma importante ferramenta de auxílio no processo de coleta de dados. O material colhido foi gravado em arquivos de áudio, nas extensões *mp3* ou *wav*.

4 ANÁLISE DOS DADOS

A aplicação da entrevista semiestruturada permitiu a obtenção de 260 termos e expressões característicos da linguagem praticada pelos internos do CENSE.

Primeiramente, esse corpus foi agrupado em nove campos semânticos.

A seguir, o sentido dos 260 itens lexicais obtidos na entrevista narrativa e no questionário semântico-lexical foi comparado ao significado comum desses termos. Para tal, foi utilizado um dicionário de Língua Portuguesa de publicação recente e reconhecido pelo rigor científico, o Dicionário Houaiss Conciso (HOUAISS, 2011), que contém 41.243 verbetes e 1.496 locuções, pois é razoável que uma obra mais abrangente e mais contemporânea seja mais apropriada para a análise proposta. Isso possibilitou a classificação dos itens coletados em três grupos: os que já constam no referido dicionário com o mesmo sentido; os que também se encontram dicionarizados, porém com sentido diferente do utilizado pelos entrevistados, e os não dicionarizados.

A etapa seguinte consistiu na análise, pela perspectiva sociolinguística, da relação entre o uso da variedade estudada e os fatores extralinguísticos relativos aos falantes, dos quais destacam-se o ‘nível de escolaridade’, o ‘convívio’ e o ‘tempo de internação’ dos entrevistados.

4.1 Campos semânticos

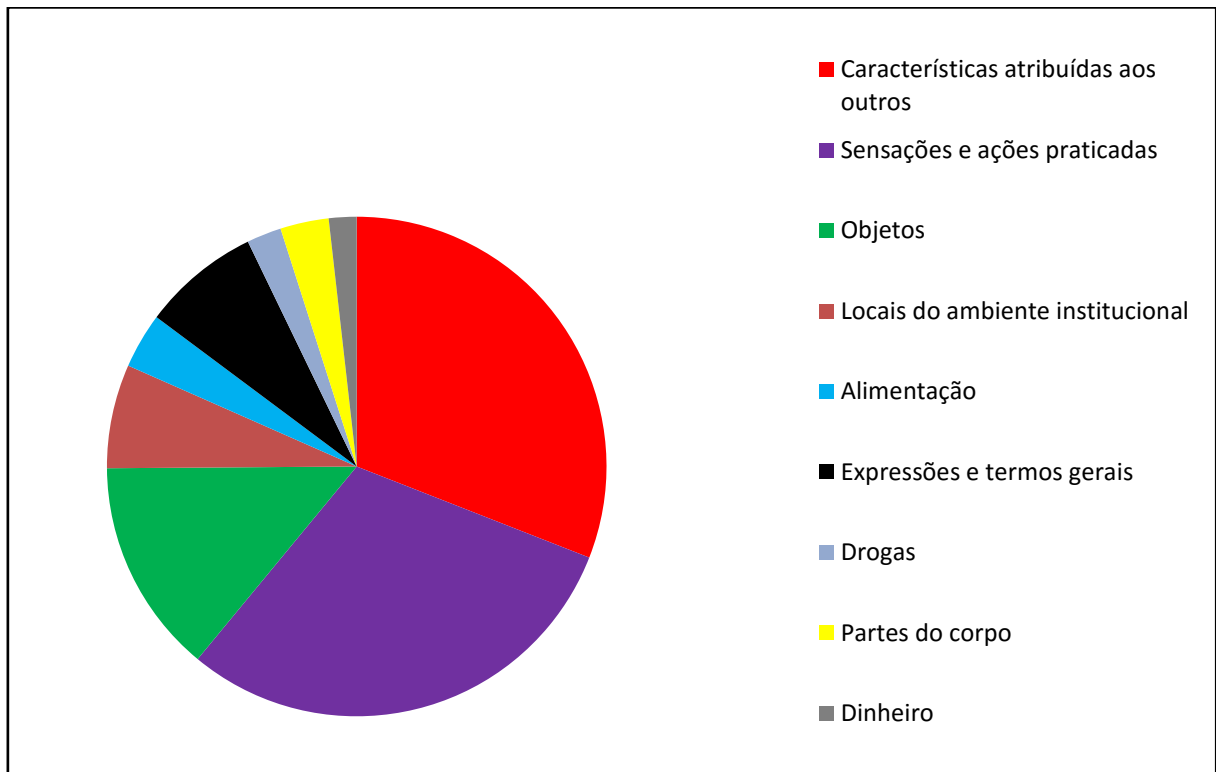
Para facilitar o tratamento dos dados, os termos e expressões coletadas nas entrevistas foram agrupados em nove campos semânticos, visto que, assim é possível trabalhar com os sentidos que uma única palavra apresenta quando inserida em contextos diversos.

Dessa forma, essa divisão representa o conjunto dos diversos sentidos que uma única palavra pode apresentar, sendo que um mesmo termo, dependendo de como e quando for empregado, e de que palavras estiverem relacionadas a ele, pode ter variados significados.

Em suma, o campo semântico de uma palavra ou expressão é o acervo que pode ser acessado a fim de que se alcance a interação pretendida com o interlocutor.

O gráfico 1 demonstra a classificação do corpus coletado:

Gráfico 1 – Campos semânticos



Fonte: O autor

Características atribuídas aos outros: 67

À pampa, Aliado, Areieiro, Atrasa-lado, Baba ovo, Borsa, Boy, Burrão, Cabuloso, Cagueta, Caçamba, Cagão, Chapado, Cheio de querer, Calçado, Calibrado, Carroça, Cobaia, Considerado, Coroa, De boa, Desacorçoado, Descalço, Desumilde, Doze-duque, Duas caras, Duque-treze, Em choque, Embalo, Falseane, Faraó, Flor, Função, Gambé, Gostar de se mostrar, Inocentão, Isqueiro, Jack, Crocodilo, Jurão, Ladrão, Madeireiro, Maluco, Mano, Maquinado, Mascão, Mina, Mocerongo, Morgado, Mula, Nóia, Novato, Peidão, Piolho, Pilantra, Retardado, Tá chapando, Tá suave, Tô de boa, Tô de cara, Tô de lara, Tô lesado, Tô no veneno, Tongo, Um-cinco-cinco, Zoador, Viado.

Sensações e ações praticadas: 76

Abraçar ideia, Adianto, Agá, Agachamento, Bater a blindada, Bolar ideia, Bronca, Caçar assunto, Cair com, Calçar o peito, Cambau, Cena, Chamar na humildade, Chapar com, Chocar, Chorar, Clarear, Condena, Correr com, Dar a letra, Dar atenção, Dar gesto, Dar ideia, Dar milho, Dar mio, Dar nome, Dar uma contenção, Dar uma mão, Dar um pega, Dar raio, Dar um rolê, Dar um tiro, Debater, De mil grau, Deixar falando, Desacordo, Desavença, Dormir na pedra, Encaixotar, Enquadrar, Estar azul, Estar de lança, Estar na alimentação,

Estar ligado, Estar no sossego, Estrutural, Fazer a cabeça, Fazer a ponte, Fazer jogo, Fazer uma média, Fechar com alguém, Ficar na corda, Ficar no suíno, Guento, Jogar areia, Lance, Levar liga, Ligar, Magar, Mancada, Mandar um salve, Marretão, Medida disciplinar, Mocozar, Negar voz, Pagando ativa, Pagando dentária, Passar a visão, Passar o fone, Passar pano, Pegar pira, Procedimento, Revista, Sair no cinco, Tirar um descanso, Tirar uma brisa.

Objetos: 40

Barca, Beca, Gancha, Bic, Brasa, Bobo, Buti, Campana, Calibre, Canhão, Cano, Catatau, Chorona, Coruja, Espiritique, Estampa, Estoque, Fire, Fute, Pelota, G 2, Prestobarba, Lambreta, Luna, Manta, Naifa, Oitão, Pano, Pena, Tinteira, Perna, Pipa, Pisante, Radinho, Ramera, Rolex, Rolon, Tela, Teresa, veste,.

Expressões e termos gerais: 20

Bagulho, Banca, Da hora, Fita, Fitinha, Fuja louco, Já era, Jamais, Licença com a palavra, Magro, Mudar de xis, Pegar beco, Por que você caiu?, Qual seu B.O.?, Quem você flagra na tua quebrada?, Sai fora!, Sua cara, Tá difícil, Tá tirando, Tem condições de fortalecer.

Locais do ambiente institucional: 15

Barraco, Bocuda, Boi, Contenção, Xis de castigo, Ducha, Externa, Jega, Latrô, Na rocha, Na tranca, Tatu, Ventana, Xis, Zoiúda .

Alimentação: 13

Blindada, Explosiva, Galeto, Graxa, Marrocos, Meia lua, Mínima, Meiota, Pá, Pazinha, Porva, Sadia, Sobre.

Partes do corpo: 8

Badalo, Boga, Cofre, Camito, Janja, Juba, Mâfins, Pinha.

Drogas: 11

Baseado, Beque, Botinho, Careto, Fininho, Fino, Farinha, Pó, Gole, Caiçara, Paieiro.

Dinheiro: 10

Cincão, Cisco, Deizão, Desco, Galo, Malote, Moeda, Garoupa, Onça, Peixe.

Os itens lexicais fornecidos totalizaram 260 termos e expressões característicos da variedade linguística praticada pelos adolescentes internos do CENSE. A classificação desses itens de acordo com seus campos semânticos demonstrou que os campos ‘sensações e ações praticadas’ e ‘características atribuídas aos outros’ foram os que apresentaram um maior número de elementos. Por outro lado, os campos semânticos ‘drogas’, ‘dinheiro’ e ‘partes do corpo’ foram os que apresentaram o menor número de itens: 11, 10 e 8 respectivamente.

4.2 Dicionarização do corpus

Neste trabalho, a linguagem dos adolescentes internos foi tratada sob um prisma social e linguístico. Social, porque além de ser influenciada por fatores extralinguísticos, essa variedade linguística representa uma das variadas maneiras eficazes de se comunicar. Linguístico, considerando que seus elementos constituintes podem ser analisados do ponto de vista dos seus significados.

Assim, no intuito de fazer um paralelo entre os sentidos dos termos e expressões utilizadas pelos internos e os sentidos que constam em dicionário, recorri ao Dicionário Houaiss Conciso (2011) para identificar a presença ou ausência de tais termos e expressões, seu significado literal e também para verificar se os sentidos dos itens coletados coincidem com os significados contidos no referido dicionário.

A seguir, os itens obtidos na etapa de coleta de dados foram analisados quanto ao sentido fornecido pelos entrevistados (figurado) e à definição que consta em Houaiss (2011).

Características atribuídas aos outros:

À pampa – estar tranquilo, sossegado. O dicionário registra somente o termo ‘pampa’ (HOUAISS, 2011, p. 695), mas sem a acepção correspondente àquela utilizada pelos entrevistados. Não dicionarizado.

Aliado – alguém de confiança com quem se pode contar. Segundo Houaiss (2011, p. 43), “1 (o) que se liga a outro para defender a mesma causa ou atacar o mesmo inimigo”.

Dicionarizado com o mesmo sentido.

Areieiro – quem falta com a verdade. Houaiss (2011, p. 76) somente apresenta a palavra ‘areia’, mas não com o significado obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Atrasa-lado – quem prejudica os outros. O dicionário registra o termo “atrasar” (HOUAISS, 2011, p. 95) como “3 *fig.* impedir o progresso de; prejudicar”, mas não registra a expressão em sua forma composta. Não dicionarizado.

Baba-ovo – aquele que fica bajulando outra pessoa. Houaiss apresenta o termo (2011, p. 105) como “*s.2g.infrm.* o que adula; bajulador.” Dicionarizado com o mesmo sentido.

Borsa – adolescente que apresenta comportamento e postura não aceitas pelo grupo de internos. Esse termo é considerado de alto teor ofensivo. Não dicionarizado.

Boy – pessoa de alto poder aquisitivo e status social. Forma reduzida de playboy (HOUAISS, 2011, p. 732): “*s. m.* rapaz, geralmente rico, solteiro e ocioso, cuja vida social e esportiva é intensa”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Burrão – quem só comete erros propositadamente dentro da instituição. Aumentativo de burro. Segundo Houaiss (2011, p. 143), “3 teimoso, ignorante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cabuloso – aquilo ou aquele que é considerado esquisito, estranho. De acordo com Houaiss (2011, p. 147), “4 complicado, obscuro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cagueta – quem delata um companheiro. Não dicionarizado.

Caçamba – ver madeireiro. Segundo Houaiss (2011, p. 147), “*s. f. B* 1 balde geralmente preso a uma corda, usado para tirar água de poços”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cagão – quem tem medo. Houaiss (2011, p. 151) somente apresenta o termo cagaço como “2 falta de coragem; covardia”. Apesar de parecidos, o dicionário não registra o termo obtido nas entrevistas. Não dicionarizado.

Chapado – característica de quem está cansado de fazer alguma coisa. Houaiss (2011, p. 186) registra esse item como “2 *fig. Binfrm.* que está exausto, deprimido ou drogado”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Cheio de querer – quem se considera melhor que os outros. Não dicionarizado.

Calçado – estar ou andar portando arma de fogo. Segundo Houaiss (2011, p. 152), “calçado *adj.* revestido de pedras, paralelepípedos ou outro material; pavimentado 2 que tem os pés protegidos por sapatos”. Dicionarizado com sentido diferente.

Calibrado – ver calçado. Houaiss (2011, p. 153) apresenta o item “calibre” como “diâmetro interno de uma peça de artilharia”. Não dicionarizado.

Carroça – quem copia ou imita as palavras ou as atitudes dos outros. Para Houaiss (2011, p. 169), “1 carro *ger.* de madeira puxado por animais”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cobaia – quem comete erros graves segundo as regras paralelas dos internos. Segundo Houaiss (2011, p. 202), “2 *p.ext.* qualquer animal ou pessoa usada como objeto de experimentação”. Dicionarizado com sentido diferente.

Considerado – quem é estimado pelo grupo. O dicionário somente apresenta o item “considerável” (HOUAISS, 2011, p. 224) como “digno de consideração”. Não dicionarizado.

Coroa – mãe. Segundo o dicionário (HOUAISS, 2011, p. 237), “7 pessoa de meia-idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

De boa – ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Desacorçoado – aturdido. Não dicionarizado.

Descalço – desarmado. Segundo Houaiss (2011, p. 276), “*adj.* 1 sem calçados 2 não pavimentado”. Dicionarizado com sentido diferente.

Desumilde – quem não tem humildade. Não dicionarizado.

Doze-duque – quem cumpre medida socioeducativa relativa ao ato infracional de porte ou comércio de drogas. Não dicionarizado.

Duas caras – quem é falso, traidor. Não dicionarizado.

Duque-treze – quem é considerado como autor de abuso sexual. Não dicionarizado.

Em choque – abalado, assustado. Não dicionarizado.

Embaló – quem não tem opinião própria. Conforme Houaiss (2011, p. 333), “*s. m.* 1 balanço 3 *infrm.* agitação, euforia”. Dicionarizado com sentido diferente.

Falseane – ver ‘duas caras’. Não dicionarizado.

Faraó – ver ‘areieiro’. Segundo Houaiss (2011, p. 426), “*s. m.* título dos reis do antigo Egito”. Não dicionarizado.

Flor – quem tem orientação homoafetiva. Em Houaiss (2011, p. 444), “*s. f.* órgão das plantas responsável pela reprodução, geralmente colorido e perfumado”. Dicionarizado com sentido diferente.

Função – atividade ou meta a ser cumprida. Segundo Houaiss (2011, p. 458), “*s. f.* 1 obrigação a cumprir, papel a desempenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Gambé – policial ou representante de órgão vinculado à segurança pública. Não dicionarizado.

Gostar de se mostrar – ver ‘cheio de querer’. Não dicionarizado.

Inocentão – Forma ampliada de inocente. Ver cobaia. Não dicionarizado.

Isqueiro – adolescente que gosta de ver confusão, que fomenta intrigas. Conforme Houaiss (2011, p. 558), “*s. m.* objeto, geralmente usado por fumantes, que ao ser acionado acende uma pequena chama”. Dicionarizado sentido diferente.

Jack – ver duque-treze. Não dicionarizado.

Crocodilo – quem ataca verbal ou fisicamente pelas costas. Segundo Houaiss (2011, p. 247), “*s. m.* grande réptil de pele grossa, focinho longo com grandes dentes cônicos, mandíbulas fortes, pernas curtas terminadas em garras e cauda longa”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jurão – quem promete algo e não cumpre o estipulado. Houaiss (2011, p. 566) somente apresenta o termo “jurar”. Não dicionarizado.

Ladrão – quem se envolve com furto ou roubo de objetos ou dinheiro. De acordo com Houaiss (2011, p. 572), “*adj. s. m.* 1 (aquele) que rouba, furta”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Madeireiro – ver ‘carroça’. Segundo Houaiss (2011, p. 601), “*adj. s. m.* 1 quem negocia com a madeira 2 quem trabalha numa madeireira”. Dicionarizado com sentido diferente.

Maluco – qualquer interno da unidade, amigo. Conforme Houaiss (2011, p. 607), “*adj. s. m.* 1 quem sofre de distúrbios mentais; louco”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mano – ver ‘maluco’. Forma reduzida de ‘irmão’. Segundo Houaiss (2011, p. 611), “*s. m. infrm* 1 irmão 2 amigo, camarada, colega”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Maquinado – andar armado. Ver ‘calibrado’. Não dicionarizado.

Mascão – quem demonstra medo. Não dicionarizado.

Mina – namorada. Forma reduzida de menina. De acordo com Houaiss (2011, p. 636), “*s. f.* 1 jazida 2 escavação na terra para extração de minérios 3 carga explosiva [...] 4 nascente de água”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mocorongo – adolescente ingênuo. Não dicionarizado.

Morgado – cansado, fadigado. Conforme Houaiss (2011, p. 649), “*s. m.* 1 herança destinada apenas ao filho mais velho”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mula – tirar sarro de alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 652), “*s. f.* fêmea do mulo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Nóia – quem é dependente de drogas, principalmente o crack. Forma reduzida de paranóia. Não dicionarizado.

Novato – interno recém-chegado na unidade. Segundo Houaiss (2011, p. 670), *adj.* 1 inexperiente; sem vivência *s. m.* 2 principiante. Dicionarizado com mesmo sentido.

Peidão – quem só faz coisa errada. Ver cobaia. Forma aumentativa de peido. Não dicionarizado.

Piolho – adolescente que já cumpriu bastante tempo de internação. Segundo Houaiss (2011, p. 727), “*s. m.* inseto sem asas, com peças bucais sugadoras, que se alimenta de sangue de mamíferos, mesmo do homem; muquirana”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pilantra – quem engana ou prejudica outra pessoa. Conforme Houaiss (2011, p. 725), “*adj.* 2g. *s.* 2g. *inf.* que (m) é mau caráter, trapaceiro, ardiloso, malandro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Retardado – quem não se preocupa em manter um bom comportamento na unidade. De acordo com Houaiss (2011, p. 820), “*adj. s. m.* 1 (indivíduo) cujo desenvolvimento mental está aquém da média normal para sua idade”. Dicionarizado com sentido diferente.

Tá chapando – quem está incomodado com alguém ou com alguma coisa ou situação. Não dicionarizado.

Tá suave – tranquilo, sossegado. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Tô de boa – em paz, tranquilo. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Tô de cara – indignado. Não dicionarizado.

Tô de lara – com fome. Não dicionarizado.

Tô lesado – cansado. Não dicionarizado.

Tô no veneno – com raiva. Não dicionarizado.

Tongo – abobalhado. Não dicionarizado.

Um-cinco-cinco – quem pratica furto. Expressão extraída do artigo 155 do Código Penal Brasileiro, relativa ao ato criminal de furto. Não dicionarizado.

Zoador – quem tira o sarro. Não dicionarizado.

Viado – quem tem orientação homoafetiva. Ver ‘flor’. Houaiss (2011, p. 950) apresenta “veado” como “2 *fig. gros.* homossexual do sexo masculino”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Sensações e ações praticadas:

Abraçar ideia – acreditar em alguém. Não dicionarizado.

Adianto – melhora de determinada situação. Não dicionarizado.

Agá – esperar alguém ou algum acontecimento. De acordo com Houaiss (2011, p. 30), “*s. m.* nome da letra agá”. Dicionarizado com sentido diferente.

Agachamento – procedimento de fiscalização a que são submetidos os adolescentes visando a identificação de possíveis objetos não autorizados, que podem ser portados pelos internos no interior de suas roupas ou corpo. Segundo Houaiss (2011, p. 30), “*s. m.* 1 ato ou efeito de agachar-se; abaixamento, acocoramento”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Bater a blindada – alimentar-se. Não dicionarizado.

Bolar ideia – Conversar sobre determinado assunto com alguém. Não dicionarizado.

Bronca – qualquer tipo de ato infracional que levou o infrator ao regime de internação. De acordo com Houaiss (2011, p. 139), “*s. f. Binfrn.* 1 repreensão áspera 2 reclamação ou crítica a respeito de pessoa ou estado de coisas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Caçar assunto – provocar alguém, arrumar confusão. Não dicionarizado.

Cair com – Ser preso pela polícia, ou algum órgão de justiça, cometendo algum ato infracional. Não dicionarizado.

Calçar o peito – pôr a camisa ou blusa. Não dicionarizado.

Cambau–agressão física. Não dicionarizado.

Cena – qualquer situação a que se faz referência. Segundo Houaiss (2011, p. 180), “s. f. 1 palco 2 subdivisão de uma peça teatral”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chamar na humildade – pedir um favor a outrem. Não dicionarizado.

Chapar com – desanimar com algo, com algum acontecimento ou situação. Não dicionarizado.

Chocar – esperar demoradamente por algo ou alguma situação. Segundo Houaiss (2011, p. 189), “v. int. fig. 3 esperar por muito tempo”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Chorar– sentir saudade. Segundo Houaiss (2011, p. 190), “v. int. 4 expressar tristeza pela perda ou ausência de um ente querido”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Clarear – ser agraciado com alguma coisa. Segundo Houaiss (2011, p. 198), “v. t. d. e int. 1 tornar(-se) claro; iluminar-se”. Dicionarizado com sentido diferente.

Condena – condenação. Forma reduzida de condenação. Embora Houaiss (2011, p. 217) apresente o termo “condenação” como “2 sentença condenatória 3 pena imposta por sentença”, considerou-se somente o uso da forma reduzida. Não dicionarizado.

Correr com – pertencer à alguma gangue, ser fiel à alguém. Não dicionarizado.

Dar a letra – explicar alguma coisa à outrem. Não dicionarizado.

Dar atenção – ouvir alguém falar. Houaiss apresenta o verbete “atenção” (2011, p. 92) como “s. f. 1 concentração da atividade mental sobre algo [...] 2 cuidado, zelo com algo ou alguém”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dar gesto – comunicar-se através de gestos com as mãos. Segundo Houaiss (2011, p. 474), “gesto s.m. 1 movimento do corpo, especialmente mãos, braços e cabeça, para exprimir algo”. Dicionarizado como mesmo sentido.

Dar ideia –ver ‘bolar ideia’.Não dicionarizado.

Dar milho – cometer atitude não admitida pelos internos. Não dicionarizado.

Dar mio – ver ‘dar milho’. Forma reduzida de milho. Não dicionarizado.

Dar nome – Apelidar um adolescente interno recém-chegado. Não dicionarizado.

Dar uma contenção – atender ao pedido de ajuda de outrem. Não dicionarizado.

Dar uma mão – ver ‘dar contenção’. Houaiss apresenta o verbete “mão” (2011, p. 612) com outra acepção. Não dicionarizado.

Dar um pega – cheirar cocaína. Houaiss apresenta o verbete “pegar” (2011, p. 711) como “v. t. d. e. i. 1 segurar, prender. Não dicionarizado.

Dar raio – ver ‘dar um pega’. Houaiss (2011, p. 790) apresenta o verbete “raio” como “s. m. 1 descarga elétrica na atmosfera, acompanhada de relâmpago e trovão [...] 3 reta que vai do centro a qualquer ponto de um círculo ou esfera”. Não dicionarizado.

Dar um rolê – passear. Não dicionarizado.

Dar um tiro – ver ‘dar raio’. Houaiss (2011, p. 911) apresenta o verbete “tiro” como “s.m. 1 disparo de arma de fogo”. Não dicionarizado.

Debater – discutir. De acordo com Houaiss (2011, p. 257), “v. int. 1 entrar em discussão; alterar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

De mil grau – coisa, acontecimento ou pessoa muito agradável, prazerosa. Não dicionarizado.

Deixar falando – ignorar os argumentos de outrem. Não dicionarizado.

Desacordo – desentendimento com outrem. Segundo Houaiss (2011, p. 271), “s. m. 1 ausência de entendimento; desavença”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Desavença – ver desacordo. De acordo com Houaiss (2011, p. 275), “s. f. 1 conflito entre pessoas por falta de concordância sobre algo; discórdia”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Dormir na pedra – estar em situação desconfortável, desagradável. Não dicionarizado.

Encaixotar – guardar. Segundo Houaiss (2011, p. 342), “v. t. d. guardar em caixote ou caixa; encaixar”. Não dicionarizado.

Enquadrar – abordar uma pessoa visando roubá-la. De acordo com Houaiss (2011, p. 356), “t. d. 1 pôr em moldura [...] 5 B gíria deter para averiguações”. Dicionarizado com sentido diferente.

Estar azul – estar atento, esperto. Não dicionarizado.

Estar de lança – estar preparado para alguma ação imprevista. Não dicionarizado.

Estar na alimentação – momento em que é servida a refeição. Não dicionarizado.

Estar ligado – ficar atento. Não dicionarizado.

Estar no sossego – tranquilo. Ver ‘à pampa’. Não dicionarizado.

Estrutural – inspeção feita pelos educadores nos alojamentos dos internos. Segundo Houaiss (2011, p. 405), “adj. 2g. 1 relativo a uma estrutura qualquer 2 que ocorre em uma estrutura ou com ela se relaciona”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fazer a cabeça – fazer uso de maconha. Não dicionarizado.

Fazer a ponte – pegar algo para outrem. Não dicionarizado.

Fazer jogo – trocar algum objeto com outra pessoa. Não dicionarizado.

Fazer uma média – ficar em silêncio. Não dicionarizado.

Fechar com alguém – concordar, apoiar outra pessoa. Não dicionarizado.

Ficar na corda – Aguardar, sem sucesso, o auxílio de outrem. Não dicionarizado.

Ficar no suíno – medida disciplinar na qual o adolescente, em virtude de cometimento de falta grave, fica impedido de sair de seu quarto para atividades socioeducativas. Não dicionarizado.

Guento – furtar ou roubar. Não dicionarizado.

Jogada – ver ‘fazer jogo’. De acordo com Houaiss (2011, p. 563), “*s. f.* 1 cada lance de um jogo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jogar areia – mentir. Não dicionarizado.

Lance – situação ou acontecimento. Segundo Houaiss (2011, p. 575), “4 *Binfrm.* o que acontece, aconteceu ou pode acontecer; episódio, fato”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Levar liga – levar vantagem. Não dicionarizado.

Ligar – chamar alguém. Segundo Houaiss (2011, p. 587), “3 pôr em comunicação; unir [...] 11 dar importância, atenção para; interessar-se”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Magar – gostar de algo. Não dicionarizado.

Mancada – erro, gafe. De acordo com Houaiss (2011, p. 608), “2 *fig. B infrm.* atitude, comportamento com resultado insatisfatório ou negativo; falha, erro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mandar um salve – cumprimentar outro interno. Não dicionarizado.

Marretão – agressão física que consiste em dar um soco no tórax de outro adolescente. Essa atitude faz parte do código paralelo de conduta determinado pela população adolescente da instituição. Houaiss (2011, p. 617) apresenta o verbete “marreta” como “*s. f.* martelo de ferro com cabo longo”. Não dicionarizado.

Medida disciplinar – procedimento interno da instituição socioeducativa que consiste em privar o adolescente autor de falta disciplinar de alguma atividade que antes lhe era permitido participar. Não dicionarizado.

Mocozar – esconder algo. Não dicionarizado.

Negar voz – ignorar o chamamento de alguém. Apesar de Houaiss apresentar os termos “negar” (2011, p. 662) e “voz” (2011, p. 969), essa expressão não está presente na obra. Não dicionarizado.

Pagando ativa – fazer limpeza no alojamento. Não dicionarizado.

Pagando dentária – escovar os dentes. Não dicionarizado.

Passar a visão – explicar à alguém determinado acontecimento. Não dicionarizado.

Passar o fone – mandar um recado para alguém. Não dicionarizado.

Passar pano – proteger alguém, fingir que não viu algo errado cometido por alguém. Não dicionarizado.

Pegar pira– ficar bravo, irritado com alguém. Não dicionarizado.

Procedimento – método de inspeção individual e rotineira, feita pelos educadores nos adolescentes. De acordo com Houaiss (2011, p. 759), “*s. m.* 1 maneira de agir, comportamento 2 modo de fazer algo, técnica, método. Dicionarizado com o mesmo sentido.”

Revista – ver estrutural. Segundo Houaiss (2011, p. 824), “*s. f.* exame cuidadoso de algo ou alguém; inspeção”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Sair no cinco– tipo de luta praticada pelos internos. Segundo o informante 1, essa expressão faz referência à expressão cinco minutos, que é um tipo de luta com essa duração. Não dicionarizado.

Tirar um descanso – dormir. Houaiss (2011, p. 276) apresenta o termo “descanso” como “3 ato de cochilar ou dormir, sono. Mas não há registro dessa expressão. Não dicionarizado.”

Tirar uma brisa – tirar sarro de alguém. Houaiss (2011, p. 139) apresenta o termo “brisa” como “*s. f.* vento leve e fresco; aragem”, porém não há registro da expressão completa. Não dicionarizado.

Objetos:

Barca – qualquer tipo de carro. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “*barcas. f.* embarcação de fundo raso usada para transporte de cargas e passageiros em rios e baías”. Dicionarizado com sentido diferente.

Beca – qualquer tipo de calça. Segundo Houaiss (2011, p. 117), “*s. f.* 1 longa veste usada por formandos de grau superior, juízes e advogados 2 *infrm.* roupa elegante”. Dicionarizado com sentido diferente.

Gancha–ver beca. Não dicionarizado.

Bic - instrumento que produz fogo, isqueiro. Não dicionarizado.

Brasa–Ver bic. Em Houaiss (2011, p. 137), “*s. f.* carvão que arde sem chama [...] 4 *fig. infrm.* raiva, cólera”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bobo–relógio. De acordo com Houaiss (2011, p. 129), “*s. m.* 1 palhaço do rei; bufão *adj. s. m.* .2 que(m) é fútil, idiota ou ingênuo; tolo”. Dicionarizado com sentido diferente.

Rolex –ver bobo. Não dicionarizado.

Buti – tênis, sapato. Não dicionarizado.

Campana– espelho. Em Houaiss (2011, p. 157), “*s. f.* sino”. Dicionarizado com sentido diferente.

Calibre– revólver. Segundo Houaiss (2011, p. 153), “*s. m.* 1 diâmetro da parte interior de um cilindro 2 diâmetro interno de uma peça de artilharia”. Dicionarizado com sentido diferente.

Canhão – ver calibre. De acordo com Houaiss (2011, p. 160), “*s. m.* 1 arma pesada de cano longo para tiro horizontal de grande alcance”. Dicionarizado com sentido diferente.

Cano – ver calibre. Em Houaiss (2011, p. 160), “1 cilindro longo e oco para escoar líquido ou gás 2 em arma de fogo, tubo por onde sai a bala”. Dicionarizado com sentido diferente.

Catatau – carta ou bilhete. Segundo Houaiss (2011, p. 174), “*s. m.* 1 castigo físico; pancada”. Dicionarizado com sentido diferente.

Chorona – bilhete ou carta. Ver catatau. Não dicionarizado.

Coruja – cueca. De acordo com Houaiss (2011, p. 241), “*s. f.* 1 ave de hábitos crepusculares e noturnos, com face em forma de coração e voo silencioso, que engole por inteiro pequenos mamíferos, insetos e aranhas, e depois vomita os pelos e fragmentos de ossos”. Dicionarizado com sentido diferente.

Espiritique – Desodorante. Não dicionarizado.

Estampa – camiseta. Segundo Houaiss (2011, p. 396), “*s. f.* 1 figura impressa em papel, tecido, couro etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Rolon – ver espiritique. Não dicionarizado.

Estoque – tipo de faca pontiaguda produzida artesanalmente. Segundo Houaiss (2011, p. 401), “2 qualquer objeto transformado em instrumento pontiagudo e cortante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Naifa – ver estoque. Não dicionarizado.

Fire – ver bic. Não dicionarizado.

Fute – jogar futebol. Forma reduzida de ‘futebol’. Não dicionarizado.

Pelota – bola e futebol. De acordo com Houaiss (2011, p. 712), “2 *B* a bola de futebol”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

G 2 – Aparelho de barbear. Não dicionarizado.

Prestobarba – ver G 2. Não dicionarizado.

Lambreta – chinelo. De acordo com Houaiss (2011, p. 574), “*s. f.* 1 espécie de motocicleta com rodas pequenas em que é possível juntar as pernas à frente do assento; motoneta”. Dicionarizado com sentido diferente.

Luna – óculos. Não dicionarizado.

Manta – cobertor. De acordo com Houaiss (2011, p. 611), “s. f. 1 cobertor de cama. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Oitão – ver calibre. Não dicionarizado.

Pano – roupa. Segundo Houaiss (2011, p. 696), “s. m. 1 qualquer tipo de tecido 2 qualquer pedaço de tecido, usado especialmente para fins domésticos. Dicionarizado com sentido diferente.

Pena – caneta. Segundo Houaiss (2011, p. 712), “2 peça, geralmente metálica, adaptada à caneta usada para escrever ou desenhar”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Veste – ver pano. De acordo com Houaiss (2011, p. 956), “s. f. 1 roupa, vestimenta”, Dicionarizado com o mesmo sentido.

Tinteira – Ver pena. Não dicionarizado.

Perna – Nota de cem reais. Segundo Houaiss (2011, p. 719), “s. f. 1 cada um dos membros inferiores do corpo humano”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pipa – ver catatau. Em Houaiss (2011, p. 727), “barril de madeira usado especialmente para armazenar vinho”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pisante – ver buti. Não dicionarizado.

Radinho – telefone portátil, celular. Não dicionarizado.

Ramera – ver estampa. Não dicionarizado. Houaiss (2011, p. 790) apresenta o termo “rameira” com a acepção de “prostituta”. Não dicionarizado.

Tela – televisão. Forma reduzida de televisão. De acordo com Houaiss (2011, p. 900), “6 superfície de TV, computador etc. em que aparece a imagem”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Teresa – corda improvisada feita de lençóis. Não dicionarizado.

Expressões e termos gerais:

Bagulho – qualquer objeto, coisa ou acontecimento de que se esteja falando. Segundo Houaiss (2011, p. 107), “s. m. *infrm.* 2 qualquer objeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Banca– grupo de pessoas que se conhecem. De acordo com Houaiss (2011, p. 110), “s. f. 1 grande mesa rústica 2 grupo de examinadores [...] 6 local de venda de jornais e revistas”. Dicionarizado com sentido diferente.

Da hora – Legal, admirável. Não dicionarizado.

Fita – qualquer situação ou ocorrência, observada ou vivenciada. Segundo Houaiss (2011, p. 441), “s. f. ação que visa enganar ou impressionar; fingimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Fitinha – ver fita. Forma reduzida de fita. Não dicionarizado.

Fuja louco – Expressão que tem o sentido de discordar. Não dicionarizado.

Já era – acabado, terminado. Não dicionarizado.

Jamais – Nunca. Segundo Houaiss (2011, p. 560), “*adv.* 1 nunca 2 de modo algum”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Licença com a palavra – expressão utilizada antes de algum adolescente tomar a palavra durante as refeições”. Não dicionarizado.

Magro – escasso. De acordo com Houaiss (2011, p. 603), “*adj.* 2 *fig.* Escasso, insignificante”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Mudar de xis - mudar de alojamento. Não dicionarizado.

Pegar beco – ver mudar de xis. Não dicionarizado.

Por que você caiu? – Por que você foi preso? Em Houaiss (2011, p. 151), “*cair v.int.* 1 ir de cima para baixo”. Não dicionarizado.

Qual seu B.O.? – ver por que você caiu? Não dicionarizado.

Quem você flagra na tua quebrada? – Quem você conhece na região em que mora? Não dicionarizado.

Sai fora! – Vá embora! Apesar de Houaiss apresentar separadamente os termos “sair” (2011, p. 838) e “fora” (2011, p. 447), a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Sua cara – obrigação, dever. Essa expressão é muito utilizada pelos adolescentes internados, na intenção de obrigar alguém a fazer alguma coisa. Não dicionarizado.

Tá difícil – ver magro. Não dicionarizado.

Tá suave -Estar bem. Não dicionarizado.

Tá tirando – Estar ofendendo, insultando alguém. Não dicionarizado.

Tem condições de fortalecer – pedido de ajuda. Não dicionarizado.

Locais do ambiente institucional:

Barraco – quarto, alojamento feito de alvenaria. De acordo com Houaiss (2011, p. 113), “*s. m.* 1 *B* moradia pobre de acabamento tosco”. Dicionarizado com sentido diferente.

Bocuda – porta de ferro com pequena abertura na parte superior. Não dicionarizado.

Boi – banheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 130), “*s. m.* 1 mamífero ruminante, geralmente domesticado, usado para tração e extração de carne, couro etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Contenção – alojamento destinado ao cumprimento de medida disciplinar. Em Houaiss (2011, p. 228), “*s. f. B* ato de conter(-se) ou o seu efeito”. Dicionarizado com sentido diferente.

Xis de castigo – ver contenção. Não dicionarizado.

Ducha – banho. Segundo Houaiss (2011, p. 319), “*s. f.* 1 jato de água lançado sobre o corpo com fim higiênico e/ou terapêutico”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Externa – qualquer atividade fora do perímetro da unidade socioeducativa. Segundo Houaiss (2011, p. 418), “*s. f.* TV gravação, filmagem ou emissão feita fora de estúdio”. Dicionarizado com sentido diferente.

Jega – cama de alvenaria. Não dicionarizado.

Latrô– colchão. Não dicionarizado.

Na rocha – estar submetido à medida socioeducativa de privação de liberdade. Não dicionarizado.

Na tranca – ver ‘na rocha’. Não dicionarizado.

Tatu – buraco escavado para realização de fugas das unidades socioeducativas. Segundo Houaiss (2011, p. 898), “*s. m.* mamífero desdentado, terrestre, cujo corpo é coberto por placas que formam uma carapaça”. Dicionarizado com sentido diferente.

Ventana – janela de vidro e grades de ferro. Segundo Houaiss (2011, p. 952), “*s. f.* janela (abertura)”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Xis – ver barraco. Redução de xadrez. Segundo Houaiss (2011, p. 974), “*s. m. 2n.* nome da letra x”. Dicionarizado com sentido diferente.

Zoiúda– ver tela. Não dicionarizado.

Alimentação:

Blindada – marmita com alimentação oferecida pela instituição aos internos, marmitex. Apesar de Houais (2011, p. 128) apresentar o termo “blindar” como “*v.t.d.* 1 revestir com peça(s) ou camada(s) de metal, aço”, o termo sob análise não conta na obra. Não dicionarizado.

Explosiva – linguíça fornecida nas refeições. Embora Houaiss (2011, p. 416) apresente o termo “explosivo” como “*s. m.* 1 (substância) capaz de explodir ou de produzir explosão” a acepção contida no dicionário não coincide com a utilizada pelos entrevistados. Não dicionarizado.

Galeto – frango assado. Segundo Houaiss (2011, p. 465), “*s. m. B* 1 frango novo, assado no espeto”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Graxa – doce de leite. De acordo com Houaiss (2011, p. 484), “*s. f.* 1 pasta usada para lustrar couro 2 substância de origem vegetal ou animal usada na indústria alimentícia, farmacêutica, de velas, sabões e lubrificantes”. Dicionarizado com sentido diferente.

Marrocos – pão. Não dicionarizado.

Meia-lua – banana. Apesar de Houaiss apresentar os dois termos “meia” (2011, p. 624) e “lua” (2011, p. 596) com outras acepções, a expressão completa não consta na obra. Não dicionarizado.

Meiota – sobra de comida no marmiteix. Não dicionarizado.

Mínima – ver meiota. Segundo Houaiss (2011, p. 637), “*s. f.* 1 figura de ritmo que equivale à metade da semibreve”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pá – colher de plástico utilizada pelos adolescentes na alimentação. Segundo Houaiss (2011, p. 691), “*s. f.* 1 utensílio que consiste numa lâmina larga na extremidade de um cabo comprido, usado para cavar o solo, recolher lixo etc”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pazinha – Ver pá. Forma reduzida de pá. Não dicionarizado.

Porva – suco em pó industrializado. Não dicionarizado.

Sadia – ver explosiva. Houaiss (2011, p. 837) somente apresenta o termo “sadio” como “*adj.* 1 que tem boa saúde; saudável”. Não dicionarizado.

Sobre – sobremesa. Forma reduzida de sobremesa. Apesar de Houaiss (2011, p. 868) apresentar o verbete “sobremesa”, sua forma reduzida não se encontra na obra. Não dicionarizado.

Partes do corpo:

Badalo – pênis. De acordo com Houaiss (2011, p. 106), “*s. m.* peça pendente no interior de sinos, sinetas etc.” Dicionarizado com sentido diferente.

Boga– ânus. Não dicionarizado.

Cofre– bunda. De acordo com Houaiss (2011, p. 204), “*s. m.* caixa ou móvel resistente onde se guardam dinheiro, documentos, joias etc.” Dicionarizado com sentido diferente.

Camito – perna. Não dicionarizado.

Janja – ver cofre. Não dicionarizado.

Juba – cabelo. Conforme Houaiss (2011, p. 564), “*s. f.* 1 crina de leão”. Dicionarizado com sentido diferente.

Mãfins – ver boga. Não dicionarizado.

Pinha – cabeça. Segundo Houaiss (2011, p. 726), “*s. f.* 1 fruto do pinheiro, geralmente em forma de cone 2 fruta do conde; ata”. Dicionarizado com sentido diferente.

Drogas:

Baseado – cigarro artesanal feito com maconha. De acordo com Houaiss (2011, p. 114), “*s. m. B infrm. cigarro de maconha*”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Beque–ver baseado. Segundo Houaiss (2011, p. 120), “*s. m. FUTB zagueiro*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Botinho – cigarro industrializado. Não dicionarizado.

Careto – ver botinho. Não dicionarizado.

Fininho – ver botinho. Forma reduzida de ‘fino’. Não dicionarizado.

Fino – ver botinho. Segundo Houaiss (2011, p. 440), “*adj. 1 de pequeno diâmetro, largura ou espessura 2 afiado, agudo*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Farinha – cocaína. Segundo Houaiss (2011, p. 426), “*s. f. pó obtido pela moagem de certos cereais, sementes e raízes*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Pó –ver farinha. Segundo Houaiss (2011, p. 734), “*4 B infrm. cocaína*”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

Gole – qualquer bebida com teor alcoólico. Para Houaiss (2011, p. 478), “*s. m. cada porção de líquido engolida de uma vez*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Caiçara – cigarro artesanal feito de fumo de corda enrolado em papel. Em Houaiss (2011, p. 150), “*s. f. 1 cerca feita de varas*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Paieiro – ver caiçara. Não dicionarizado.

Dinheiro:

Cincão – nota de cinco reais. Não dicionarizado.

Cisco –ver cincão. Segundo Houaiss (2011 p. 197), “*s. m. 1 graveto, folha ou qualquer pequeno detrito*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Deizão – nota de dez reais. Não dicionarizado.

Desco – ver deizão. Não dicionarizado.

Galo – nota de 50 reais. Em Houaiss (2011, p. 465), “*s. m. 1 ave de bico pequeno, crista vermelha e carnuda, asas curtas e largas, e rabo com longas penas coloridas, geralmente erguidas em forma de arco*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Malote – Porção de dinheiro. Conforme Houaiss (2011, p. 607), “*s. m. 1 pequena mala; maleta 2 serviço de entrega rápida de correspondência, documentos bancários, etc*”. Dicionarizado com sentido diferente.

Moeda – ver malote. Segundo Houaiss (2011, p. 643), “*s. f.* 1 peça de metal cunhada por instituição governamental que representa o valor do objeto trocado por ela 2 meio pelo qual são feitas as transações comerciais; dinheiro”. Dicionarizado com o mesmo sentido.

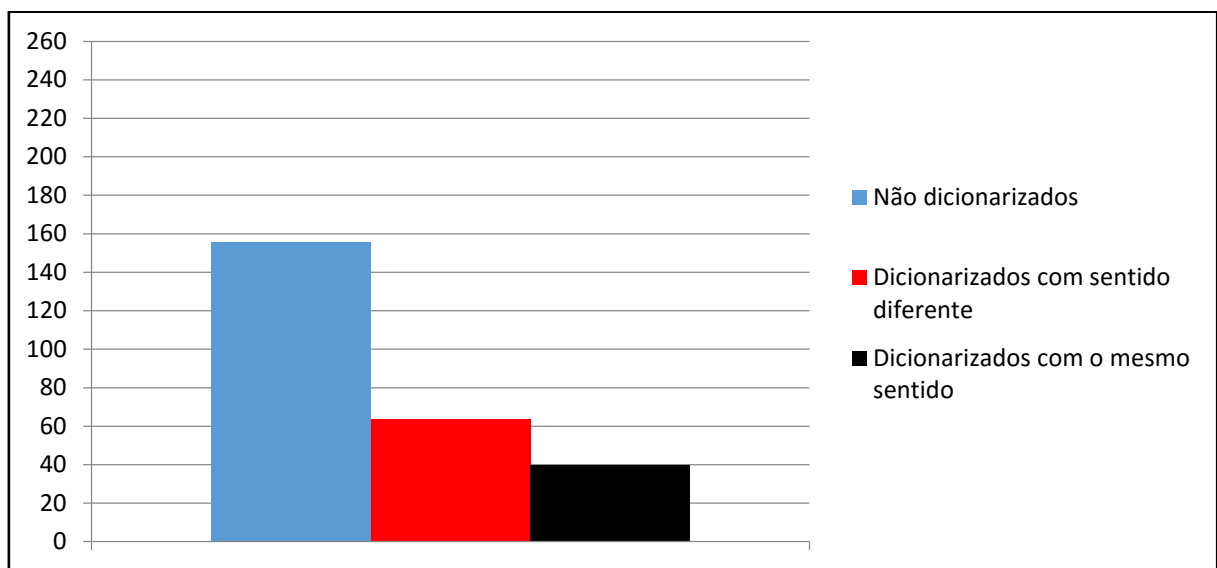
Garoupa – nota de 100 reais. Segundo Houaiss (2011, p. 468), “*s. f.* peixe marinho, de hábitos costeiros, encontrado sobre fundos rochosos ou de areia, apreciado como alimento”. Dicionarizado com sentido diferente.

Onça – ver galo. Segundo Houaiss (2011, p. 681), “*s. f.* medida de peso inglesa” e “*s. f.* 1 nome genérico do a alguns felinos brasileiros de grande porte, especialmente a onça-pintada”. Dicionarizado com sentido diferente.

Peixe – ver garoupa. Conforme Houaiss (2011, p. 711), “*s. m.* 1 animal vertebrado aquático, dotado de nadadeiras e brânquias”. Dicionarizado com sentido diferente.

Visando facilitar a compreensão da análise realizada, o gráfico 2 ilustra a distribuição dos termos e expressões coletadas quanto à sua dicionarização:

Gráfico 2 – Distribuição do corpus quanto à dicionarização



Fonte: O autor

A análise dos itens coletados possibilitou constatar que, dos 260 termos e expressões obtidas na pesquisa, 156 não se encontram dicionarizados na obra utilizada – o que corresponde à 60% do total coletado; 64 itens estão dicionarizados com outro sentido na referida obra – 24,5%; e 40 itens estão dicionarizados em Houaiss (2011) com o mesmo sentido utilizado pelos entrevistados – 15,5%.

Considerando que os itens coletados cujos sentidos constam em dicionários estão mais propensas a ser de conhecimento comum, e os que ainda não estão dicionarizados tendem a ser exclusivos do código linguístico praticado pelos adolescentes em regime de internação, a presença dos termos e expressões no referido dicionário pode indicar um movimento de migração desses itens, no sentido de se moverem do vocabulário adolescente para a linguagem comum, utilizada diariamente no convívio das pessoas em liberdade.

Os 156 vocábulos e expressões que não se encontram dicionarizados – o que representa mais da metade do total de itens obtido (60%), indicam que tais itens ainda preservam o caráter restrito e secreto dessa variedade linguística – a gíria de grupo, sendo que, segundo Preti (1984), esse falar diferente da linguagem comum sinaliza uma agressão ao convencional e atesta o conflito desse grupo em relação à sociedade.

Os 64 termos e expressões que se encontram dicionarizados em Houaiss (2011) com sentido diferente do utilizado pelos colaboradores, indicam que, embora constem no referido dicionário, o sentido dado a esses termos pelos colaboradores mantém o caráter fechado e restrito dessa variedade linguística, pois

[...] as variações socioculturais da linguagem, empregadas [...] como recursos expressivos, servindo para uma comunicação mais eficiente que, conforme as conveniências sociais, bem como situações de uso, intenção dos interlocutores, podem tornar-se menos ou mais fechadas. (PRETI, 1984, p. 11)

Outra constatação pode ser feita levando em consideração que os termos e expressões dicionarizados com sentido diferente podem ter sido apropriados por esse grupo social a partir do seu uso comum, ou seja, o movimento nesse caso ocorreu de forma inversa ao mencionado anteriormente, em que, apesar de apresentarem sentido diferente, tais termos já eram de conhecimento geral, popular, e foram incluídos na linguagem praticada pelos internos com outros sentidos, como as palavras badalo, cincão, cisco e onça, por exemplo.

Os 40 termos e expressões dicionarizados com o mesmo sentido do usado pelos entrevistados indicam que tais itens lexicais já não apresentam o caráter restrito que distingue a gíria de grupo, visto que sua dicionarização e o consequente alcance pelas pessoas comuns indicam que “ao vulgarizar-se para a grande comunidade assumindo a forma de uma gíria comum, de uso geral e não diferenciado, a gíria perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando de ser signo grupal” (PRETI, 1984, p. 3).

Os itens já dicionarizados reforçam que o caráter secreto dessa variedade linguística – a gíria, enquanto signo de grupo, é efêmero, uma vez que os meios de comunicação em

massa, os vários estilos musicais, como o rap, o funk, o hip hop e o cinema nacional promovem, dia a dia, um alcance cada vez maior a essa linguagem.

Quando um vocábulo ou expressão dessa linguagem passa pelo processo devulgarização, seu caráter hermético vai se perdendo paulatinamente até alcançar o estágio de gíria mais genérica, denominada por Preti de gíria comum, “fenômeno de um vocabulário parasita de limites e usos imprecisos, mas atuante e presente no léxico urbano” (PRETI, 1984, p.162). No momento em que ocorre sua dicionarização, a marca de vocábulo gírio, embora se tenha dispersado, ainda é preservada. Na última fase da evolução semântica da gíria, a proximidade com a linguagem popular se concretiza pelo caráter recorrente do vocábulo gírio que possibilita a ampliação do grau de aceitabilidade social. Dessa forma, essa variedade linguística passa de um uso mais restrito a um uso mais amplo, deixa de representar a identidade do grupo fechado que a revelou e migra da condição de linguagem restrita a um grupo social para a condição de linguagem comum.

4.3 Relação entre fatores sociais e usos linguísticos

Ao contrário da postura estruturalista que considera que as mudanças que ocorrem em uma língua se devem exclusivamente a aspectos internos do sistema linguístico, a perspectiva variacionista utilizada nesse trabalho parte do princípio de que as mudanças linguísticas também advêm do comportamento social dos falantes.

Assim, a variação não é vista como um efeito do acaso, mas como um fenômeno cultural, sistemático e motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos. Baseado em seus estudos, Labov (2008 [1972]) demonstrou a importância de se determinar qual estrutura social corresponde à dada estrutura linguística e como mudanças na estrutura social se traduzem em mudanças na estrutura linguística.

Nesse sentido, afirma Bortoni-Ricardo:

O comportamento linguístico está permanentemente submetido a múltiplas e coocorrentes fontes de influência relacionadas aos diferentes aspectos da identidade social, tais como sexo, idade, antecedente regional, inserção no sistema de produção e pertencimento a grupo étnico, ocupacional, religioso, de vizinhança etc. Quando falamos, movemo-nos num espaço sociolinguístico multidimensional e usamos os recursos da variação linguística para expressar esta ampla e complexa gama de identidades distintas. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 176)

Dessa forma, o presente tópico objetiva analisar a relação entre os fatores sociais ‘tempo de internação’, ‘grau de escolarização’ e ‘convívio’ com as frequências de usos da variedade linguística praticada pelos entrevistados, na tentativa de verificar se, e de que forma, os três fatores sociais elencados influenciam a utilização de termos e expressões com sentido figurado. A tabela a seguir demonstra a Tabela 1 - ‘nível de escolarização’:

Tabela 1 - Distribuição do corpus segundo o fator nível de escolarização

INF. QUE CURSARAM ATÉ O 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL				INF. QUE CURSARAM ANOS POSTERIORES AO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL			
Inf. 3	Inf. 5	Inf. 7	Inf. 6	Inf. 1	Inf. 2	Inf. 4	Inf. 8
abraçar ideia		abraçar ideia	abraçar ideia			abraçar ideia	abraçar ideia
adianto	Adianto	adianto	adianto	adianto	adianto	Adianto	adianto
				agá			agá
	agachamento	agachamento			agachamento		agachamento
	aliado	aliado	aliado			Aliado	aliado
		à pampa	à pampa	à pampa	à pampa	à pampa	à pampa
areieiro	areieiro	areieiro	areieiro			Areieiro	areieiro
					atrás lado		
baba ovo	baba ovo						baba ovo
badalo	badalo	badalo	badalo	badalo		Badalo	badalo
bagulho	bagulho	bagulho	bagulho		bagulho	Bagulho	bagulho
				banha			
banca	banca	banca	banca			Banca	banca
	Barca	barca	barca	barca	barca	Barca	barca
			barraco	barraco		Barraco	
bater a blindada					bater a blindada		
baseado	Baseado	baseado				Baseado	
			beque	beque	beque		beque
				gancha			
							beca
brasa	Brasa	brasa		brasa			brasa
bic	Bic						
					fire		
		bobo	bobo	bobo		bobo	Bobo
			cofre	cofre		cofre	
bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda
boga	boga	boga			boga		boga
			mãfins			mãfins	
boi	Boi	boi	boi	boi	boi	boi	boi
bolar ideia		bolar ideia	bolar ideia			bolar ideia	bolar ideia
	borsa	borsa	borsa	borsa	borsa	borsa	borsa
boy	boy	boy	boy	boy	boy	boy	boy
blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada
bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca
					burrão		
		buti	buti		buti	buti	buti
cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso
cagueta				cagueta	cagueta		
				caçamba			
	caçar assunto			caçar assunto	caçar assunto		caçar assunto

cagão							
cair com	cair com	cair com	cair com	cair com	cair com	cair com	cair com
chapado	chapado	chapado	chapado	chapado	chapado	chapado	chapado
		cheio de querer					
calçado							
				calçar o peito	calçar o peito		
			canhão			canhão	
				calibre	calibre		calibre
		cano	cano	cano	cano	cano	cano
					calibrado		calibrado
cambau		cambau	cambau	cambau	cambau	cambau	cambau
				camito	camito		
		campana	campana	campana		campana	campana
		botinho		botinho	botinho		botinho
	careto	careto	careto		careto	careto	careto
carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça
cena		cena	cena	cena		cena	cena
	chamar na humildade						
chapar com							
chocar	chocar			chocar	chocar		
chorar							
	chorona		chorona			chorona	chorona
catatau				catatau			
					cisco		cincão
		clarear		clarear			clarear
cobaia		cobaia		cobaia			cobaia
condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena
considerad o	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado
				contenção			contenção
xis de castigo	xis de castigo		xis de castigo			xis de castigo	
coroa	coroa	coroa	coroa		coroa	coroa	Coroa
correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com
coruja	coruja		coruja	coruja	coruja	coruja	Coruja
da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora
dar a letra		dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra
				dar atenção			
dar gesto	dar gesto	dar gesto		dar gesto	dar gesto		dar gesto
dar ideia	dar ideia	dar ideia	dar ideia	dar ideia		dar ideia	dar ideia
dar milho/mi o		dar milho/mio	dar milho/mio	dar milho/mio		dar milho/mio	dar milho/mio
	dar nome		dar nome	dar nome		dar nome	dar nome
					dar uma mão		
			dar uma contenção			dar uma contenção	
dar um pega		dar um pega		dar um pega	dar um pega		dar um pega
dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê	dar um rolê
dar um	dar tiro	dar um	dar um	dar um tiro	dar um tiro	dar um tiro	dar um tiro

				fino	fino		
fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho
fita	fita	fita		fita	fita	fita	
	Fitinha		fitinha		fitinha	fitinha	fitinha
			flor			flor	
		viado					
fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco
função	Função		função	função	função	função	função
	fute	fute	fute			fute	fute
pelota				pelota	pelota		
	galeto	galeto			galeto		
galo		galo	galo	galo	galo	galo	galo
				onça			
gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé
gole	gole	gole	gole			gole	gole
G2	G2		G2	G2		G2	G2
		prestobarba			prestobarba		
					graxa		
					guento		guento
							inocentão
		isqueiro					
já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era
jack	jack	jack	jack	jack	jack	jack	jack
jamais	Jamais	jamais		jamais	jamais		
jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega
	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo
janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja
	jogar areia		jogar areia	jogar areia		jogar areia	
juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba
jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão
	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão
				lance	lance		lance
		madeireiro	madeireiro	madeireiro	madeireiro	madeireiro	madeireiro
latrô	latrô	latrô	latrô	latrô		latrô	latrô
levar liga	levar liga		levar liga	levar liga	levar liga	levar liga	levar liga
					licença c/ a palavra		
			ligar	Ligar		ligar	
	luna	luna		Luna			luna
		magar					magar
		magro		magro	magro		
			tá difícil			tá difícil	
	moeda				moeda		moeda
			malote	malote		malote	
maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco
mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada
	mandar um salve						mandar um salve
mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano
manta	manta	manta		manta			manta
			maquinado			maquinado	
	marretão	marretão	marretão	marretão	marretão	marretão	marretão
marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos
mascão				mascão			
meia lua		meia lua	meia lua	meia lua		meia lua	meia lua
	meiota				meiota		meiota

	mina	mina	mina	mina	mina	mina	mina
mínima	mínima	mínima	mínima	mínima		mínima	
mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo
	mocozar	mocozar	mocozar		mocozar	mocozar	mocozar
	morgado				morgado		
		pegar beco		pegar beco			pegar beco
	mudar de xis		mudar de xis			mudar de xis	
mula		mula	mula		mula	mula	mula
				na rocha			na rocha
		na tranca		na tranca	na tranca		na tranca
negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz
			farinha			farinha	
				pó	pó		
			novato			novato	
nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia
		calibre					calibre
oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão
pagando ativa	pagando ativa	pagar faxina	pagando ativa	pagando ativa	pagando ativa	pagando ativa	
pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	
	pá		pá	pá		pá	
pazinha							
caiçara							caiçara
	paieiro	paieiro	paieiro			paieiro	
	pano			pano			pano
					veste		
				passar a visão	passar a visão		
				passar o fone	passar o fone		
			passar pano			passar pano	
peidão							
pegar pira							
			peixe	peixe		peixe	peixe
		garoupa			garoupa		
pena	pena		pena	pena		pena	pena
		tinteira					
perna							
	pinha	pinha	pinha	pinha		pinha	
				piolho			
		pipa	pipa	pipa		pipa	
			pilantra			pilantra	pilantra
pisante	Pisante	pisante	pisante	pisante		pisante	pisante
			lambreta			lambreta	
procedimento				procedimento			
Por que você caiu?		Por que você caiu?	Por que você caiu?	Por que você caiu?		Por que você caiu?	
					Qual seu B.O.?		Qual seu B.O.?
porva	porva	porva	porva	porva		porva	
Quem vc	Quem você		Quem	Quem você	Quem você	Quem você	Quem você

conhece da tua quebrada?	flagra na tua quebrada?		você flagra na tua quebrada?	flagra na tua quebrada?	flagra na tua quebrada?	flagra na tua quebrada?	flagra na tua quebrada?
			radinho			radinho	
							estampa
ramera	ramera		ramera	ramera		ramera	
			estrutural	estrutural		estrutural	
	revista	revista	revista			revista	revista
sai fora	sai fora		sai fora	sai fora		sai fora	sai fora
			sair nos 5			sair nos 5	
sobre	sobre	sobre	sobre	sobre		sobre	sobre
	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara
			tá em choque			tá em choque	
				tá suave	tá suave		
tatu				tatu	tatu		tatu
tela	tela	tela		tela	tela		
		teresa	teresa	teresa	teresa	teresa	teresa
tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso		tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso
tirando uma pira	tirando brisa			tirar uma brisa	tirar uma brisa		
tô de boa	tô de boa		tô de boa	tô de boa		tô de boa	tô de boa
			tô de cara	tô de cara	tô de cara	tô de cara	
				tô de lara	tô de lara		
		tô lesado					
		tô no veneno					
				tongo	tongo		
um-cinco-cinco		um-cinco-cinco	um-cinco-cinco	um-cinco-cinco		um-cinco-cinco	um-cinco-cinco
ventana	ventana	ventana		ventana	ventana		ventana
xis	xis	xis	xis		xis	xis	xis
			zoador			zoador	
			zoiúda				zoiúda

Fonte: O autor

A tabela 1 representa os dois grupos em que foram classificados os adolescentes com relação ao nível de escolarização. Conforme já explicado, a amostra contou com oito adolescentes divididos em dois grupos: quatro adolescentes que cursaram até o 6º ano do Ensino Fundamental e quatro adolescentes que cursaram anos posteriores.

Considerando que a escola incute padrões e normas linguísticas, estéticas e morais, é possível dizer que a influência dos fatores escolaridade é correlata aos mecanismos de resistência ou de mudança linguísticos (VOTRE, 2003), revelando-se importante para os estudos que envolvem mudanças na língua.

Outra constatação da importância desse fator social foi realizada por Santos (2010) que, em sua dissertação de mestrado, apontou que esse fator extralinguístico exerce importante influência na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió, pois “à medida que o nível de escolaridade desses falantes vai aumentando, cresce

também o uso de formas que são trabalhadas nas escolas e vistas como as formas corretas e de prestígio social” (SANTOS, 2010, p. 115).

A comparação entre os dois grupos, visando identificar o peso da variável ‘nível de escolarização’, foi realizada através da contagem dos termos e expressões utilizadas por cada grupo durante a entrevista, as quais foram registradas em arquivos de áudio e, posteriormente, transcritas.

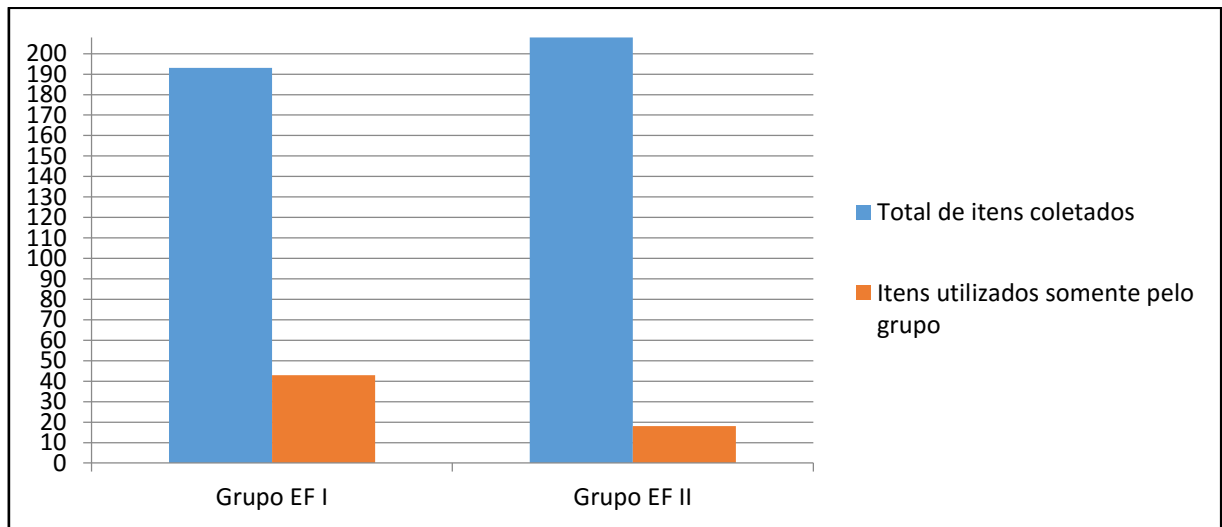
A ‘leitura’ da tabela permitiu verificar que, de um total de 260 termos e expressões coletadas, o grupo EF I, composto por quatro internos que tinham concluído até o sexto ano do Ensino Fundamental, utilizou 193 itens lexicais, o que representa 75% do total de itens lexicais obtidos. O outro grupo - EF II, formado por adolescentes que concluíram anos posteriores ao sexto ano do Ensino Fundamental, apresentou um total de 208 itens lexicais, representando 80% do total do léxico coletado.

Dessa forma, é possível verificar que houve uma diferença percentual de 5% entre os dois grupos, com o grupo constituído por internos com escolarização superior ao sexto ano apresentando uma maior frequência de uso de itens lexicais com sentido figurado.

Alguns itens lexicais coletados foram de uso exclusivo de determinado grupo, sendo que o grupo EF I apresentou 18 termos e expressões que não foram utilizados pelos integrantes do grupo EF II. O grupo representado por adolescentes com grau de escolarização de até o sexto ano apresentou exclusivamente os seguintes itens lexicais: ‘bic’, ‘cagão’, ‘cheio de querer’, ‘calçado’, ‘chamar na humildade’, ‘chapar com’, ‘chorar’, ‘desacorçoado’, ‘em choque’, ‘viado’, ‘isqueiro’, ‘pazinha’, ‘peidão’, ‘pegar pira’, ‘tinteira’, ‘perna’, ‘tô lesado’, ‘tô no veneno’.

Por outro lado, o grupo EF II forneceu uma amostra de 41 termos e expressões que não foram utilizadas por nenhum componente do outro grupo. O grupo representado por adolescentes com grau de escolarização maior que o sexto ano do Ensino Fundamental apresentou exclusivamente os seguintes itens: ‘agá’, ‘atrasa-lado’, ‘banha’, ‘gancha’, ‘beca’, ‘fire’, ‘burrão’, ‘calçar o peito’, ‘calibre’, ‘calibrado’, ‘camito’, ‘cisco’, ‘cincão’, ‘contenção’, ‘dar atenção’, ‘dar uma mão’, ‘desavença’, ‘desco’, ‘deizão’, ‘rolon’, ‘embalo’, ‘encaixotar’, ‘estar no sossego’, ‘naifa’, ‘Falseane’, ‘fechar com alguém’, ‘fino’, ‘onça’, ‘guento’, ‘inocentão’, ‘lance’, ‘licença com a palavra’, ‘pó’, ‘veste’, ‘passar a visão’, ‘passar o fone’, ‘piolho’, ‘Qual seu B. O.?’ ‘estampa’, ‘tá suave’, ‘tô de lara’, ‘tongo’. O gráfico 3 ilustra a diferença de usos linguísticos entre os grupos EF I e EF II:

Gráfico 3 – Quantidade de itens lexicais utilizados exclusivamente



Fonte: O autor

Inicialmente, considerava-se a hipótese de que os integrantes do grupo EF II, devido ao maior grau de escolarização em relação aos elementos do outro grupo, oferecessem uma amostra menor de usos linguísticos com sentido figurado pertencentes ao vocabulário gírio, por estarem, supostamente, mais tempo em contato com formas linguísticas regidas pela gramática no ambiente escolar, ou seja, esperava-se que esses colaboradores usassem um menor número da variante não-padrão, em comparação aos que estavam nos estágios iniciais do ensino fundamental, conforme afirma Martellota:

Não há como negar que existe uma influência dos padrões de correção impostos pela gramática [tradicional] sobre as restrições de combinação dos elementos linguísticos, que tende a crescer à medida que aumenta o nível de escolaridade do falante ou o grau de formalidade exigido pelo contexto de uso. (MARTELOTTA, 2008, p. 46-47)

Por outro lado, os componentes do grupo EF I utilizaram um número menor de itens lexicais com sentido figurado, fato que também contrariou minha expectativa, por achar que o referido grupo, devido ao menor tempo no ambiente escolar e, conseqüentemente, menos anos de estudo, apresentaria um uso linguístico com sentido figurado um pouco maior. Tal hipótese para o fator escolaridade não foi formulada aleatoriamente, pois é sabido que:

[...] a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que as frequentam e das comunidades discursivas. Constata-se, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio, face as tendências de mudança em curso nas comunidades. (VOTRE, 2004, p. 51)

Pelos resultados obtidos, é possível constatar que a hipótese inicial não se refletiu nos resultados da análise desse fator, com o grupo representado por internos com maior grau de escolarização demonstrando uma maior frequência de usos da variedade linguística em estudo, e com o grupo constituído por internos com menor nível de escolarização demonstrando um menor uso da variedade linguística em questão.

Antes de explicar as duas possíveis razões para o resultado obtido, é importante considerar as proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) relativos ao terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental e à disciplina de língua portuguesa, que propõem uma revisão do ensino nas escolas brasileiras a fim de desenvolver a competência comunicativa dos alunos, em vez de meramente mostrar-lhes regras gramaticais.

Para isso, orientam que os professores façam uso dos variados gêneros textuais gradativamente, pois eles trazem uma série de textos que possuem determinadas características que representam variadas situações sociocomunicativas, justamente com o objetivo de ampliar o repertório linguístico dos alunos e prepará-los para as diversas situações discursivas do dia-a-dia.

Assim, a primeira explicação reside no fato de que todos os integrantes do grupo EF I apresentaram grande defasagem escolar, quando comparados aos elementos do grupo EF II, o que indica que além do menor contato com variados gêneros textuais no ambiente escolar, em decorrência do menor grau de escolarização (em comparação ao grupo EF II), a defasagem escolar apresentada pelos elementos desse grupo pode ter impedido a ampliação do repertório linguístico desses internos e, conseqüentemente, limitado seu vocabulário, no sentido de apresentarem um uso menor de palavras pertencentes ao vocabulário gírio, em comparação ao outro grupo.

Tal defasagem tem como uma das causas o fato de muitos adolescentes internados apresentarem vários episódios de interrupção do processo de aprendizagem escolar em virtude de terem sido privados de liberdade, via condenação judicial, devido aos atos infracionais praticados.

Soma-se a esse quadro o fato de que muitos deles passem a frequentar regularmente uma escola somente a partir do momento em que ingressam no CENSE, haja vista que, quando em liberdade, muitos não apresentavam assiduidade ao ambiente escolar.

A extrema condição de pobreza em que vivem esses menores e suas famílias contribui para esse quadro, fato confirmado pelo último levantamento do IPEA – Nota Técnica (DA SILVA; DE OLIVEIRA, 2015), que concluiu que dois terços dos menores envolvidos em atos infracionais vêm de famílias extremamente desprovidas das condições

mínimas de subsistência, em que a fome, a carência de recursos materiais e a penúria social e econômica favorecem tais adolescentes a procurar meios, muitas vezes ilícitos, de lutar pela sobrevivência, fato que colabora para o fenômeno do abandono escolar.

A segunda explicação se relaciona ao fato de que os adolescentes pertencentes ao grupo EF II, por terem mais tempo de escolarização e, possivelmente, maior contato com variados gêneros textuais, tenham desenvolvido um maior leque de possibilidades linguísticas, o que possibilita um aumento de seu repertório vocabular e permite que façam uso tanto da forma padrão quanto da variante não-padrão – constatação que coincide com os resultados obtidos.

É com esse objetivo que os PCN (BRASIL, 1998) indicam o trabalho com gêneros textuais na sala de aula, por contemplarem as formas linguísticas, orais e escritas, com ou sem apreciações literárias, abrangendo tanto a variação padrão quanto a não padrão da língua.

Nesse sentido, o trabalho de Araújo intitulado “A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro” (ARAÚJO, 2014), que analisou a influência do fator ‘escolaridade’ na relação entre português padrão e português não-padrão, confirma tal constatação:

Admitindo que as pessoas que tiveram acesso à escolarização são os prováveis usuários das normas cultas do Português Brasileiro (já quemantiveram um maior contato com a norma padrão), é possível afirmar que, no Brasil, ainda existe uma situação sociolinguística bipolarizada, abrangendo o português culto e o português popular. (ARAÚJO, 2014, p. 106)

Diante do exposto e das diferenças de usos linguísticos entre os grupos EF I e EF II, fica clara a importância do fator ‘nível de escolarização’ em um estudo sociolinguístico. Dessa forma, considero importante ressaltar que, apesar da importância da escola na formação educacional dos indivíduos, a instituição escolar ainda apresenta muita deficiência no processo ensino-aprendizagem, havendo ainda muito que se melhorar, especialmente em termos qualitativos.

Uma vez assumidas as possíveis relações que o nível de escolaridade mantém com o uso de termos e expressões com sentido figurado, é preciso considerar a influência de outros fatores sociais não contemplados, que podem interferir no *quantum* com que o fator escolaridade influenciou no uso da variante linguística em estudo, visto que:

O problema central que se coloca para a Teoria da Variação é a avaliação do *quantum* com que cada categoria postulada contribui para a realização de uma ou de outra variante das formas em competição. No uso real da língua, que constitui o dado do linguista, seja na forma falada ou na forma escrita, tais categorias se

apresentam sempre conjugadas; na prática, a operação de uma regra variável é sempre o efeito da atuação simultânea de vários fatores. (NARO, 2004, p. 16-17)

Por fim, é importante reforçar que, se fosse possível contar com um maior número de colaboradores para a presente pesquisa, outros resultados poderiam ter sido obtidos com relação a esse fator social, pois com maior número de participantes seria possível realizar outra delimitação das duas variáveis utilizadas, considerando-se que no presente estudo, o grupo EF I compunha-se de dois adolescentes com o quinto ano do Ensino Fundamental completo e dois internos com o sexto ano completo do Ensino Fundamental, e o grupo EF II era formado por dois adolescentes com o sétimo ano do Ensino Fundamental concluído, um adolescente que tinha concluído o oitavo ano do Ensino fundamental e um com o primeiro ano do Ensino Médio completo.

Pelo exposto, percebe-se que a diferença de escolaridade entre os dois grupos é bem pequena e isso pode ter sido a causa da pequena diferença percentual entre os dois grupos. A seguir, será apresentada a análise do fator ‘convívio’ a partir dos usos linguísticos representados na tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição do corpus segundo o fator “convívio”

Grupo Convívio C I				Grupo sem convívio C II			
Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 6	Inf. 5	Inf. 4	Inf. 7	Inf. 8
Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 6	Inf. 5	Inf. 4	Inf. 7	Inf. 8
		abraçar ideia	abraçar ideia		abraçar ideia	abraçar ideia	abraçar ideia
adianto	adianto	adianto	adianto	adianto	adianto	Adianto	adianto
agá							agá
	agachamento			agachamento		agachamento	agachamento
			aliado	aliado	aliado	aliado	aliado
à pampa	à pampa		à pampa		à pampa	à pampa	à pampa
		areieiro	areieiro	areieiro	areieiro	areieiro	areieiro
	atrás lado						
		baba ovo		baba ovo			baba ovo
badalo	piu -piu	badalo	badalo	badalo	badalo	badalo	badalo
	bagulho	bagulho	bagulho	bagulho	bagulho	bagulho	bagulho
banha							
		banca	banca	banca	banca	banca	banca
barca	barca		barca	barca	barca	Barca	barca
barraco			barraco		barraco		
	bater a blindada	bater a blindada					
		baseado	baseado	baseado	baseado	baseado	
beque	beque		beque		beque		beque
gancha							beca
		bic		bic			
brasa		brasa		brasa		brasa	
	fire						
bobo			bobo		bobo	bobo	bobo

	hora						
cofre			cofre		cofre		
bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda	bocuda
	boga	boga	mufins	boga	mufins	boga	boga
boi	boi	boi	boi	boi	boi	boi	boi
		bolar ideia	bolar ideia		bolar ideia	bolar ideia	bolar ideia
borsa	borsa		borsa	borsa	borsa	borsa	borsa
boy	boy	boy	boy	boy	boy	boy	boy
botinho	botinho					botinho	botinho
blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada	blindada
bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca	bronca
	burrão						
	buti		buti		buti	buti	buti
cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso	cabuloso
cagueta	cagueta	cagueta					
caçamba							
caçar assunto	caçar assunto			caçar assunto			caçar assunto
		cagão					
cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado
						cheio de querer	
		calçado					
calçar o peito	calçar o peito						
calibre	calibre						calibre
cano	cano		cano		cano	cano	cano
			canhão		canhão		
	calibrado						calibrado
cambau	cambau	cambau	cambau		cambau	cambau	cambau
camito	camito						
campana	reflexo		campana		campana	campana	campana
	careto		careto	careto	careto	careto	careto
carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça
catatau		catatau					
cena		cena	cena		cena	cena	cena
				chamar na humildade			
		chapar com					
chocar	chocar	chocar		chocar			
		chorar					
		chorona	chorona	chorona	chorona		chorona
	cisco						cincão
clarear						clarear	clarear
cobaia		cobaia				cobaia	cobaia
				complicar			
condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena
considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado
contenção		xis de castigo	xis de castigo	xis de castigo	xis de castigo		contenção
	coroa	coroa	coroa	coroa	coroa	coroa	coroa
correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com
coruja	coruja	coruja	coruja	coruja	coruja	zorba	coruja
da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora
dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra		dar a letra	dar a letra	dar a letra
dar atenção							
dar gesto	dar gesto	dar gesto		dar gesto		dar gesto	dar gesto

fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho	fininho
fino	fino	fino	fino	fino	fino		
fita	fita	fita	fita	fita	fita	fita	fita
fitinha		fitinha			fitinha		
			flor		flor	viado	
fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco
função	função	função	função	função	função		função
pelota	pelota	pelota	fute	fute	fute	fute	fute
	galinha morta			galeto		galeto	
galo/onça	galo	galo	galo		galo	galo	galo
gambé	gambé	gambé	Gambé	gambé	gambé	gambé	gambé
		gole	Gole	gole	gole	gole	gole
G2	prestobarba	G2	G2	G2	G2	prestobarba	G2
	graxa						
	guento						guento
							inocentão
						isquerinho	
já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era
Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack
jamais	jamais	jamais		jamais		jamais	
jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega
crocodilo	crocodilo		crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo
janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja
jogar areia			jogar areia	jogar areia	jogar areia		
juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba
jumbo	jumbo	jumbo					jumbo
jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão
ladrão	ladrão		ladrão	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão
lance	lance						lance
lasca	lasca	lasca	lasca		lasca	lasca	lasca
latrô		latrô	latrô	latrô	latrô	latrô	latrô
levar liga	levar liga	levar liga	levar liga	levar liga	levar liga		levar liga
	licença c/ a palavra						
ligar			ligar		ligar		
luna				luna		luna	luna
madeireiro	madeireiro		madeireiro		madeireiro	madeireiro	madeireiro
						magar	magar
magro	magro		tá difícil		tá difícil	magro	
malote	moeda		malote	moeda	malote		moeda
maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco
mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada
				mandar um salve			mandar um salve
mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano
Manta		manta		manta		manta	manta
			maquinado		maquinado		
marretão	marretão		marretão	marretão	marretão	marretão	marretão
marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos
mascão		mascão					
meia lua		meia lua	meia lua		meia lua	meia lua	meia lua
mina	mina		mina	mina	mina	mina	mina
mínima	resto	mínima	mínima	mínima	mínima	mínima	resto
mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo
	mocozar		mocozar	mocozar	mocozar	mocozar	mocozar
	morgado			morgado			
			mudar de	mudar de	mudar de		

			xis	xis	xis		
	mula	mula	mula		mula	mula	mula
na rocha							na rocha
na tranca							
negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz
pó	pó		farinha		farinha		
			novato		novato		
nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia
oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão
pagando ativa	fazer fachola	pagando ativa	pagando ativa	pagando ativa	pagando ativa	pagar faxina	
pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	
pá		pazinha	pá	pá	pá		
		caiçara	paieiro	paieiro	paieiro	paieiro	caiçara
pano	veste			pano			pano
passar a visão	passar a visão						
pegar beco						pegar beco	pegar beco
passar o fone	passar o fone						
			passar pano		passar pano		
		peidão					
		pegar pira					
						peita	
peixe	garoupa		peixe		peixe	garoupa	peixe
pena		pena	pena	pena	pena	tinteira	pena
		perna					
pinha			pinha	pinha	pinha	pinha	
piolho							
pipo	recado		pipa		pipa	pipa	
			pilantra		pilantra		pilantra/traíra
pisante procedimento		pisante procedimento	pisante	pisante	pisante	pisante	pisante
Por que você caiu?		Por que você caiu?	Por que você caiu?		Por que você caiu?	Por que você caiu?	
Qual seu B.O.?	Qual seu B.O.?						Qual seu B.O.?
porva		porva	porva	porva	porva	porva	
Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem vc conhece da tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?		Quem você flagra na tua quebrada?
			radinho		radinho		
ramera		ramera	ramera	ramera	ramera		estampa
estrutural			revista	revista	revista	revista	revista
			estrutural		estrutural		
sai fora		sai fora	sai fora	sai fora	sai fora		sai fora
	treta		sair nos 5		sair nos 5		
sobre		sobre	sobre	sobre	sobre	sobre	sobre
sua cara	sua cara		sua cara	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara
			tá em choque		tá em choque		
tá suave	tá suave						
tatu	tatu	tatu					tatu
tela	tela	tela		tela		tela	
teresa	teresa		teresa		teres	teresa	teresa

	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso
tirar uma brisa	Tirar uma brisa	tirando uma pira		tirando brisa			
tô de boa		tô de boa	tô de boa	tô de boa	tô de boa		tô de boa
tô de cara	tô de cara		tô de face		tô de face		
tô de lara	tô de lara						
						tô lesado	
Inf. 1	Inf. 2	Inf. 3	Inf. 6	Inf. 5	Inf. 4	Inf. 7	Inf. 8
		abraçar ideia	abraçar ideia		abraçar ideia	abraçar ideia	abraçar ideia
adianto	adianto	adianto	adianto	adianto	adianto	Adianto	adianto
agá							agá
	agachamento			agachamento		agachamento	agachamento
			aliado	aliado	aliado	aliado	aliado
à pampa	à pampa		à pampa		à pampa	à pampa	à pampa
		areieiro	areieiro	areieiro	areieiro	areieiro	areieiro

Fonte: O autor

A possibilidade de convívio dos internos com os demais residentes de seus alojamentos foi considerada, para fins dessa pesquisa, como um tipo de rede social, na qual os internos, devido à convivência diária em grupo e a um maior tempo de interação entre si, acabam compartilhando alguns usos linguísticos.

A opção por se usar o termo ‘rede social’ ocorreu em virtude do conceito de ‘comunidade de fala’ ser marcado pela existência de múltiplas definições, se tornando amplo para o propósito deste trabalho e, por essa razão, esse termo foi utilizado como uma ferramenta analítica, que considero mais eficaz para a avaliação da relação entre esse fator social e os aspectos linguísticos dos entrevistados. Paralelamente, considerei como comunidade de fala a população total de internos que vivem na instituição.

Dentro dessa perspectiva, Milroy (1992) afirma que, ao engajarem-se em grupos, as pessoas criam uma estrutura significativa para a resolução dos problemas que surgem em seu cotidiano e adquirem determinados comportamentos comuns, dentre os quais o linguístico. Assim, considerei que, ao relacionarem-se por mais tempo devido à possibilidade de convívio, os internos de uma mesma casa pudessem apresentar um maior uso linguístico com sentido figurado, devido à relação entre redes sociais e mudança linguística.

A classificação dos entrevistados segundo o fator social ‘convívio’ obedeceu ao seguinte critério: o grupo C I foi constituído por adolescentes que estavam lotados em alojamentos em que o convívio entre os internos era permitido, e o grupo C II foi composto por internos que residiam em alojamentos em que o convívio entre eles não era permitido.

O primeiro grupo – C I – compunha-se de quatro adolescentes, residentes nos alojamentos ou casas Alfa, Eco, Fox e Hotel, sendo um interno de cada casa, que comporta

dez adolescentes cada. No caso desse grupo, as normas institucionais e a estrutura física desses alojamentos permitem e possibilitam a interação, que no caso dessa pesquisa, consideramos como um sinônimo de rede social, formada com os outros alojados. Para os internos lotados nesses alojamentos, o encontro entre seus integrantes é feito em um espaço da casa destinado à realização de atividades como desenho, pintura, trabalhos manuais e alguns programas televisivos, como filmes e jogos de futebol, sendo que, mesmo com a possibilidade de convívio, os programas televisivos são analisados pelo corpo técnico e pela direção da unidade, e somente depois são autorizados a serem passados aos internos.

As casas destinadas ao convívio entre seus moradores são também chamadas pelos entrevistados de casas de internação, pois tal convívio é permitido nesses locais pelo fato de seus integrantes já terem sido submetidos à decisão judicial.

Por outro lado, o grupo C II constituía-se de quatro adolescentes lotados em alojamentos onde o convívio entre os residentes não é permitido, sendo que seus integrantes pertenciam às casas Bravo, Charlie, Delta e Golf, que são destinadas a internos que não podem, e talvez nem poderão, interagir, ou melhor, conviver em grupo. Nessas casas, além da prescrição normativa que proíbe a interação, há impedimentos estruturais que inviabilizam o contato entre seus moradores, como por exemplo, o fato de que nos alojamentos B, C, D e G não existir uma área ou um espaço destinado às atividades de pintura, desenho e a alguns programas de televisão em que os residentes possam interagir entre si. Seus residentes somente saem de seus quartos nos horários de atividades, seja escolares, seja com atendimento do corpo técnico de psicólogos e assistentes sociais, permanecendo em seus 'xis' quando estão fora de tais atividades.

É importante reforçar que das quatro casas que não permitem o 'convívio' entre seus moradores, as casas Charlie e Delta são destinadas aos adolescentes recém-chegados que ainda aguardam decisão judicial, sendo que o período de internação dos adolescentes dessas duas casas não pode ultrapassar 45 dias segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990). Esse período relativamente curto dos recém-chegados na instituição impossibilita que o corpo técnico, a direção e, principalmente os educadores, possam traçar um perfil desses adolescentes que possibilite, com segurança, alojá-los em casas de convívio.

Reafirmo que a casa Bravo, que também 'forneceu' um integrante para essa pesquisa, é utilizada para lotação de adolescentes acusados (ainda não submetidos à condenação judicial, mas recolhidos preventivamente até o dia da audiência judicial) de atos infracionais relacionados a abusos sexuais e outras ações não toleradas pelo código paralelo

de conduta da população total de internos, e por isso, não lhes é permitido o convívio, por medida de segurança tanto dos menores quanto da unidade.

A impossibilidade de convívio das casas Charlie e Delta também é aplicada na casa Golf, pelo fato dela ser utilizada para o recebimento de adolescentes, que apesar de já submetidos à condenação judicial, são recém-chegados na instituição, o que dificulta que seja traçado rapidamente seus perfis socioeducativos e comportamentais. Por esse motivo, o alojamento G caracteriza-se como casa sem possibilidade de convívio.

O motivo de dividir os entrevistados em dois grupos relativos à possibilidade ou impossibilidade de convívio entre os residentes de uma mesma casa teve como objetivo verificar se, e de que forma, esse fator social influencia a utilização de itens lexicais com sentido figurado pelos entrevistados.

A comparação dos usos linguísticos entre os grupos C I – composto por informantes lotados em alojamentos em que o convívio é permitido, e o grupo C II – formado por internos que residem em alojamentos sem a possibilidade de convívio, levou em consideração os itens lexicais fornecidos por seus integrantes, pois, como a etapa de coleta de dados teve como principal preocupação metodológica o registro da linguagem praticada em situações reais de uso, tomei o cuidado de somente considerar os itens que foram realmente empregados durante a aplicação do questionário e desconsidere os termos e expressões que, apesar de serem do conhecimento dos entrevistados, não foram oferecidos durante a etapa de coleta, nem apresentados como de uso cotidiano de cada um.

A análise desse fator permitiu constatar que o grupo C I forneceu 201 termos e expressões pertencentes à variedade linguística em estudo, de um total de 260 itens obtidos, o que corresponde a, aproximadamente, 77% do total de termos coletados nas entrevistas. Paralelamente, o grupo C II possibilitou a identificação de 187 itens lexicais característicos da linguagem praticada pelos adolescentes participantes, de um total de 260 itens do corpus obtido, correspondendo a 72% do total de itens coletados.

Comparando os dois grupos com relação à frequência de usos linguísticos, percebe-se que o grupo C I, representado pelos entrevistados que desfrutavam do convívio com os outros residentes de seu alojamento, apresentou uma porcentagem aproximadamente 5% maior de uso da variedade linguística com sentido figurado.

Tal diferença não é muito significativa se levar em conta que esperava-se uma maior diferença percentual entre os dois grupos. Um detalhe importante que pode auxiliar no entendimento dessa pequena diferença relaciona-se ao fato de que as análises das entrevistas e do questionário permitiram constatar que os termos ‘gancho’, ‘cisco’, ‘desco’ e ‘ramera’ foram

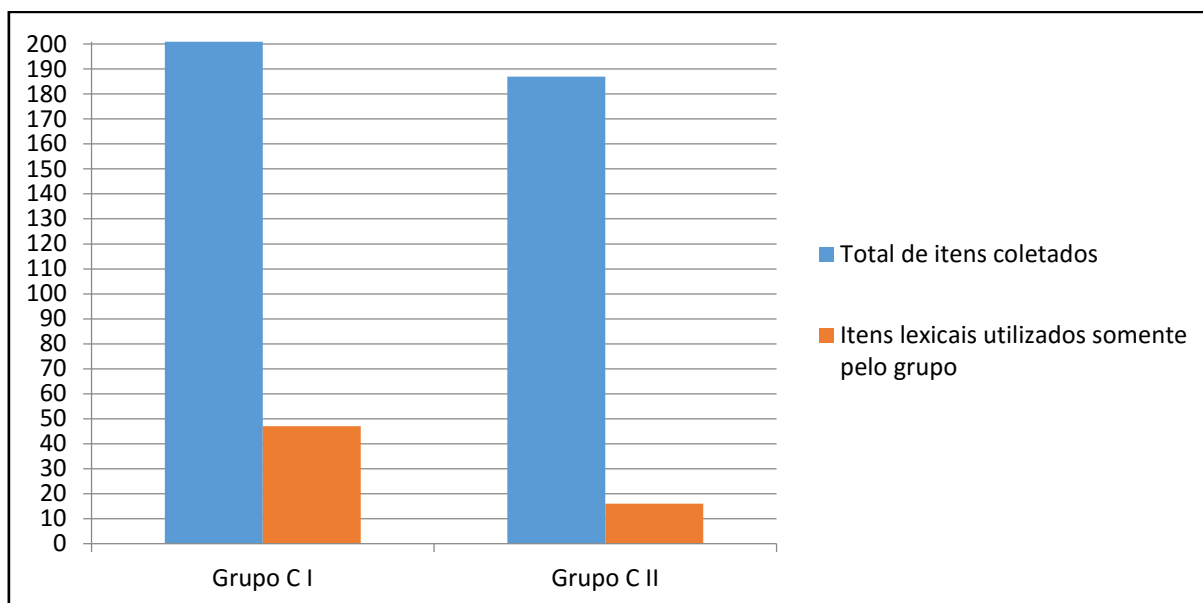
utilizados somente pelo grupo C I, mas outros termos equivalentes a esses foram utilizados pelo grupo C II, como as palavras ‘beca’, ‘cincão’, ‘deizão’ e ‘estampa’ respectivamente. Ou seja, apesar da pequena diferença, alguns termos equivalentes, ou sinônimos, foram usados pelos elementos dos dois grupos, o que revela que, apesar de se constituírem em termos e expressões pertencentes à variedade linguística praticada pelos adolescentes do CENSE – e, portanto, à uma linguagem informal, a gíria de grupo, alguns itens apresentaram mais de uma variação, ou termo correspondente, dentro da própria variedade linguística em estudo – fato que reforça e amplia o conceito de heterogeneidade proposto pela Sociolinguística Laboviana.

Alguns itens lexicais coletados foram de uso exclusivo de determinado grupo, sendo que o grupo C I apresentou 47 itens lexicais que não foram utilizados pelos integrantes do grupo C II: ‘banha’, ‘bater a blindada’, ‘gancha’, ‘burrão’, ‘cagueta’, ‘caçamba’, ‘cagão’, ‘calçado’, ‘calçar o peito’, ‘calibrado’, ‘camito’, ‘chapar com’, ‘chocar’, ‘catatau’, ‘cisco’, ‘dar atenção’, ‘dar uma mão’, ‘desacorçoado’, ‘desavença’, ‘desco’, ‘doze-duque’, ‘embalo’, ‘encaixotar’, ‘estar no sossego’, ‘falseane’, ‘faraó’, ‘fechar com alguém’, ‘fino’, ‘gancha’, ‘pelota’, ‘onça’, ‘graxa’, ‘licença com apalavra’, ‘mascão’, ‘pó’, ‘veste’, ‘passara visão’, ‘passar o fone’, ‘pazinha’, ‘peidão’, ‘pegar pira’, ‘perna’, ‘piolho’, ‘procedimento’, ‘tá suave’, ‘tô de lara’, ‘tongo’.

Em contrapartida, o grupo C II forneceu-nos uma amostra de 16 itens lexicais que não foram utilizados pelo grupo I: ‘beca’, ‘calibre’, ‘cheio de querer’, ‘chamar na humildade’, ‘cincão’, ‘deizão’, ‘em choque’, ‘viado’, ‘inocentão’, ‘isqueiro’, ‘magar’, ‘mandar um salve’, ‘tinteira’, ‘estampa’, ‘tô lesado’, ‘tô no veneno’.

Apoiando-me na teoria de Milroy (1980, p. 21) e levando em conta que os itens coletados fazem parte de uma linguagem tida como informal, considero que os itens lexicais utilizados exclusivamente por cada grupo “são capazes de fornecer informação mais detalhada sobre o uso que os falantes fazem da variabilidade linguística”, em especial no que se refere aos usos particulares e “às partes menos formais do repertório linguístico”.

O gráfico 4 ilustra a diferença de usos linguísticos entre os dois grupos:



Fonte: O autor

Quando optei em utilizar o fator extralinguístico ‘convívio’, inicialmente acreditava que os adolescentes que residiam em alojamentos onde o convívio era permitido utilizassem mais formas linguísticas com sentido figurado do que os residentes em casas ‘sem possibilidade de convívio’, o que foi confirmado pela análise desse fator, pois foi possível constatar nas análises das entrevistas que os adolescentes residentes em casas de convívio comportavam-se como pertencentes a um grupo social, parecido, de certa forma, com um grupo familiar, formado pelos moradores de uma mesma casa.

Uma das possíveis razões para essa preponderância no uso dessa linguagem pelo grupo C I tem por base uma constatação minha, efetuada no contexto prisional. Pude perceber que após um período de tempo lotados em celas individuais, ou no máximo duplas, os sentenciados adultos recém-chegados eram transferidos para celas coletivas, que contavam com a média de 20 a 30 pessoas. O comportamento deles, tanto o linguístico, quanto o relacionado às vestimentas e determinadas posturas, mudava depois de um período de tempo convivendo com outros sentenciados, apresentando uma linguagem e uma postura também praticadas pelos demais companheiros, pois, quando ainda estavam no período de observação, que determina a lotação dos recém-chegados em celas individuais durante os 15 primeiros dias, os mesmos apresentavam uma linguagem mais próxima da formal, com evidente diferença da linguagem dos que já conviviam com outros detentos, e um comportamento menos contestador.

Tal constatação também se verificou na presente análise e pode explicar essa diferença de usos linguísticos entre os grupos C I e C II. Esse argumento tem com

fundamento o fato de que tanto os adolescentes internos quanto os sentenciados adultos tendem a procurar meios de minimizar os efeitos negativos da segregação social, do afastamento do convívio familiar, da restrição de circulação e da sensação de estar sob constante vigilância, através de um compartilhamento de valores e regras paralelas, dentre elas o uso comum de uma linguagem peculiar, a gíria de grupo.

Nesse sentido, é possível inferir que, considerando essa variedade linguística como a forma natural e espontânea dos internos se comunicarem, a rede social, proporcionada pelo convívio entre os residentes de um mesmo alojamento, influencia o comportamento linguístico destes, no sentido de apresentarem um uso linguístico comum, com maior preponderância de palavras com sentido figurado que os elementos do grupo em que o convívio não é permitido.

Consideradas como teias de laços que se estendem, potencialmente, a toda a sociedade, as redes sociais são ancoradas nos indivíduos, embora possam ser vistas tanto como um sistema de relações pessoais com efeitos sobre os indivíduos ou como relações usadas pelas pessoas para atingir seus objetivos (EVANS, 2004).

Portanto, o maior uso de itens lexicais pertencentes à gíria de grupo, pelo grupo C I também está ligado ao fato de que a concentração das relações sociais dentro de uma rede social (alojamento) concorre para o desenvolvimento do sentimento de pertencer a uma mesma identidade local, construída através da relativa homogeneidade de comportamento – no vestir, no falar e no pensar (ECKERT, 2000). Nesse sentido, é importante considerar a posição de Wenger (1998), quando este aponta que, na perspectiva das práticas sociais, a identidade é vivida: não é uma categoria, traço de personalidade, papel ou rótulo, é uma experiência que envolve participação e reificação; também é negociada: um permanente vir a ser, não é definida apenas em um período específico da vida; é social: fruto da pertença a grupos; é um processo de aprendizagem: uma trajetória no tempo que incorpora o presente, o passado e o futuro; é nexos: combina múltiplas formas de participação; e é local-global: não se constrói apenas pelas práticas imediatas ou se regula somente pelas estruturas sociais mais amplas, é uma interface de ambas.

Dessa forma, o resultado obtido relaciona-se com o fato da possibilidade de maior interação entre os membros de um mesmo alojamento influenciar e estimular um maior uso linguístico de sentido figurado, devido à maior interação entre os adolescentes nele alojados, pois há a possibilidade de relacionarem-se linguisticamente com mais intensidade e, nessa maior interação, os indivíduos influenciam uns aos outros, onde processos simbólicos e relações identitárias diversas têm lugar. Portanto, há uma maior possibilidade de trocas

linguísticas mais intensas, constatação que se apoia em Labov (2010), Bonnewitz (2003) e Bordieu (1977).

Labov (2010), ao discutir os fatores sociais que, em seu conjunto, dirigem o processo de mudança linguística e moldam a história da diversidade linguística, afirma que a rede social é uma das forças motrizes da variação e mudança. Para esse pesquisador, sendo uma unidade social menor do que a classe, a rede social dá relevo ao indivíduo no processo de mudança, sendo que redes de maior complexidade e densidade preservam falares contra os efeitos do nivelamento linguístico, e que os líderes da mudança são os membros da rede com o maior número de contatos dentro e fora dela.

Assim, é possível concluir que nos alojamentos em que há a possibilidade de interação, proporcionada pela rede social dos seus residentes, a variação é usada para evocar uma identificação ao grupo de residentes da casa, sendo que, desse modo, as formas linguísticas adquirem valor social, o que acaba por influenciar seus comportamentos linguísticos, com tendência a apresentar um maior uso de termos e expressões com sentido figurado em relação aos residentes em alojamentos onde o convívio não é permitido nem possível.

Isto posto, é pertinente considerar o posicionamento de Bonnewitz (2003), quando este aponta que viver em conjunto implica socialização, isto é, aprendizagem de normas, valores e crenças de coletividades que pautam práticas, ações e comportamentos.

Nessa mesma perspectiva encontra-se Bourdieu (1977), que defende a ideia de que socializar-se é realizar essa aprendizagem interiorizando normas, valores e crenças, como um sistema de disposições estruturantes duradouras, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que regulam tacitamente a ação cotidiana e as posturas corporais e linguísticas.

Dessa forma, a quantificação da variação correlacionada à rede social dos informantes revelou que o emprego majoritário de termos e expressões com sentido figurado pelo grupo C I pode refletir a possibilidade de interação social proporcionada pelos alojamentos de convívio, pois o sentimento de pertencimento a um grupo, propiciado pela rede social que o compõe, possibilita que seus integrantes se conheçam mais profundamente, integrando, nas palavras de Milroy (1980), uma rede social densa e quase sempre multiplexa, que sustenta e explica a emergência e o maior uso de variantes vernaculares de uso comum.

Aqui também é necessário considerar que se fosse possível selecionar um maior número de internos outro poderia ter sido o resultado no tocante a esse fator social.

			cagueta	cagueta	cagueta		
				caçamba			
caçar assunto			caçar assunto	caçar assunto		caçar assunto	
					cagão		
cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado	cair com chapado
	cheio de querer						
					calçado		
			calçar o peito	calçar o peito			
		canhão					canhão
			calibre	calibre		calibre	
	cano	cano	cano	cano		cano	cano
			calibrado			calibrado	
	cambau	cambau	cambau	cambau	cambau	cambau	cambau
			camito	camito			
	campana	campana		campana		campana	campana
	botinho		botinho	botinho		botinho	
careto	careto	careto	careto			careto	careto
carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça	carroça
	cena	cena		cena	cena	cena	cena
chamar na humildade							
					chapar com		
chocar			chocar	chocar	chocar		
					chorar		
chorona		chorona		catatau	catatau	chorona	chorona
			cisco			cincão	
	clarear			clarear		clarear	
	cobaia			cobaia	cobaia	cobaia	
condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena	condena
considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado	considerado
				contenção		contenção	
xis de castigo		xis de castigo			xis de castigo		xis de castigo
coroa	coroa	coroa	coroa		coroa	coroa	coroa
correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com	correr com
coruja		coruja	coruja	coruja	coruja	coruja	coruja
da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora	da hora
	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra	dar a letra
				dar atenção			
dar gesto	dar gesto		dar gesto	dar gesto	dar gesto	dar gesto	
dar ideia	dar ideia	dar ideia		dar ideia	dar ideia	dar ideia	dar ideia
	dar milho/mio	dar milho/mio		dar milho/mio	dar milho/mio	dar milho/mio	dar milho/mio
dar nome		dar nome		dar nome		dar nome	dar nome
			dar uma mão				
		dar uma contenção					dar uma contenção
	dar um pega		dar um pega	dar um pega	dar um pega	dar um pega	

fita	fita		fita	fita	fita		fita
fitinha		fitinha	fitinha			fitinha	fitinha
		flor					flor
	viado						
fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco	fuja louco
função		função	função	função	função	função	função
fute	fute	fute				fute	fute
			pelota	pelota	pelota		
galeto	galeto		galeto				
	galo	galo	galo	galo	galo	galo	galo
				onça			
gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé	gambé
gole	gole	gole			gole	gole	gole
G2		G2		G2	G2	G2	G2
	prestobarba		prestobarba				
			graxa				
			guento			guento	
						inocentão	
	isqueiro						
já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era	já era
Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack	Jack
jamais	jamais		jamais	jamais	jamais		
jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega	jega
crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo	crocodilo		crocodilo	crocodilo
janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja	janja
jogar areia		jogar areia		jogar areia			jogar areia
juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba	juba
jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão	jurão
ladrão	ladrão	ladrão	ladrão	ladrão		ladrão	ladrão
			lance	lance		lance	
	madeireiro	madeireiro	madeireiro	madeireiro		madeireiro	madeireiro
latrô	latrô	latrô		latrô	latrô	latrô	latrô
levar liga		levar liga	levar liga	levar liga	levar liga	levar liga	levar liga
			licença c/ a palavra				
		ligar		ligar			ligar
luna	luna			luna		luna	
	magar					magar	
	magro		magro	magro			
		tá difícil					tá difícil
moeda			moeda			moeda	
		malote		malote			malote
maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco	maluco
mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada	mancada
mandar um salve						mandar um salve	
mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano	mano
manta	manta			manta	manta	manta	
		maquinado					maquinado
marretão	marretão	marretão	marretão	marretão		marretão	marretão
marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos	marrocos
				mascão	mascão		
	meia lua	meia lua		meia lua	meia lua	meia lua	meia lua
meiota			meiota			meiota	
mina	mina	mina	mina	mina		mina	mina

mínima	mínima	mínima		mínima	mínima		mínima
mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo	mocorongo
mocozar	mocozar	mocozar	mocozar			mocozar	mocozar
morgado			morgado				
	pegar beco			pegar beco		pegar beco	
mudar de xis		mudar de xis					mudar de xis
	mula	mula	mula		mula	mula	mula
				na rocha		na rocha	
	na tranca		na tranca	na tranca		na tranca	
negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz	negar voz
		farinha					farinha
			pó	pó			
		novato					novato
nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia	nóia
oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão	oitão
pagando ativa	Pagar faxina	pagando ativa	fazer fachola	pagando ativa	pagando ativa		pagando ativa
pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária	pagando dentária		pagando dentária
pá		pá		pá			pá
					pazinha		
					caçara	caçara	
paieiro	paieiro	paieiro					paieiro
pano				pano		pano	
			veste				
			passar a visão	passar a visão			
			passar o fone	passar o fone			
		passar pano					passar pano
					peidão		
					pegar pira		
		peixe		peixe		peixe	peixe
	garoupa		garoupa				
pena		pena		pena	pena	pena	pena
	tinteira						
					perna		
pinha	pinha	pinha		pinha			pinha
				piolho			
	pipa	pipa		pipa			pipa
		pilantra				pilantra	pilantra
pisante	pisante	pisante		pisante	pisante	pisante	pisante
		lambreta					lambreta
				procedimento	procedimento		
	Por que você caiu?	Por que você caiu?		Por que você caiu?	Por que você caiu?		Por que você caiu?
			Qual seu B.O.?			Qual seu B.O.?	
porva	porva	porva		Porva	porva		porva
Quem você flagra na tua quebrada?		Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem vc conhece da tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?	Quem você flagra na tua quebrada?

		radinho					radinho
						estampa	
ramera		ramera		ramera	ramera		ramera
		estrutural		estrutural			estrutural
revista	revista	revista				revista	revista
sai fora		sai fora		sai fora	Sai fora	sai fora	sai fora
		sair nos 5					sair nos 5
sobre	sobre	sobre		sobre	sobre	sobre	sobre
sua cara	sua cara	sua cara	sua cara	sua cara		sua cara	sua cara
		tá em choque					tá em choque
			tá suave	tá suave			
			tatu	tatu	tatu	tatu	
tela	tela		tela	tela	tela		
	teresa	teresa	teresa	teresa		teresa	teresa
tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso		tirar um descanso	tirar um descanso	tirar um descanso
tirando brisa			tirar uma brisa	tirar uma brisa	tirando uma pira		
tô de boa		tô de boa		tô de boa	tô de boa	tô de boa	tô de boa
		tô de cara	tô de cara	tô de cara			tô de cara
			tô de lara	tô de lara			
	tô lesado						
	tô no veneno						
			tongo	tongo			
	um-cinco-cinco	um-cinco-cinco		um-cinco-cinco	um-cinco-cinco	um-cinco-cinco	um-cinco-cinco
ventana	ventana		ventana	ventana	ventana	ventana	
xis	xis	xis	xis		xis	xis	xis
		zoador					zoador
		zoiúda				zoiúda	zoiúda

Fonte: O autor

A tabela 3 mostra a frequência de usos linguísticos em relação ao fator social ‘tempo de internação’. Assim, a classificação dos participantes da pesquisa obedeceu a seguinte divisão: grupo T I - composto adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade por um período de até seis meses, e grupo T II – formado por adolescentes em cumprimento de tais medidas por um período superior a seis meses.

Para fins de cálculo desse fator, foram considerados todos os períodos de internação já cumpridos pelos entrevistados, tanto no CENSE de Ponta Grossa quanto em outras unidades.

Por isso que, apesar do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) prever o período máximo de três anos de cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade, o tempo de internação do último informante do grupo T II foi computado como quatro anos.

A análise permitiu constatar que o grupo T I forneceu 195 termos e expressões pertencentes à variedade linguística em estudo, de um total de 260 itens obtidos, correspondendo a aproximadamente 75% do total de termos coletados nas entrevistas.

Por outro lado, o grupo T II possibilitou a identificação de 211 itens lexicais utilizados pelos entrevistados do grupo, de um total de 260 itens do corpus obtido, o que corresponde a aproximadamente 81% do total de itens coletados.

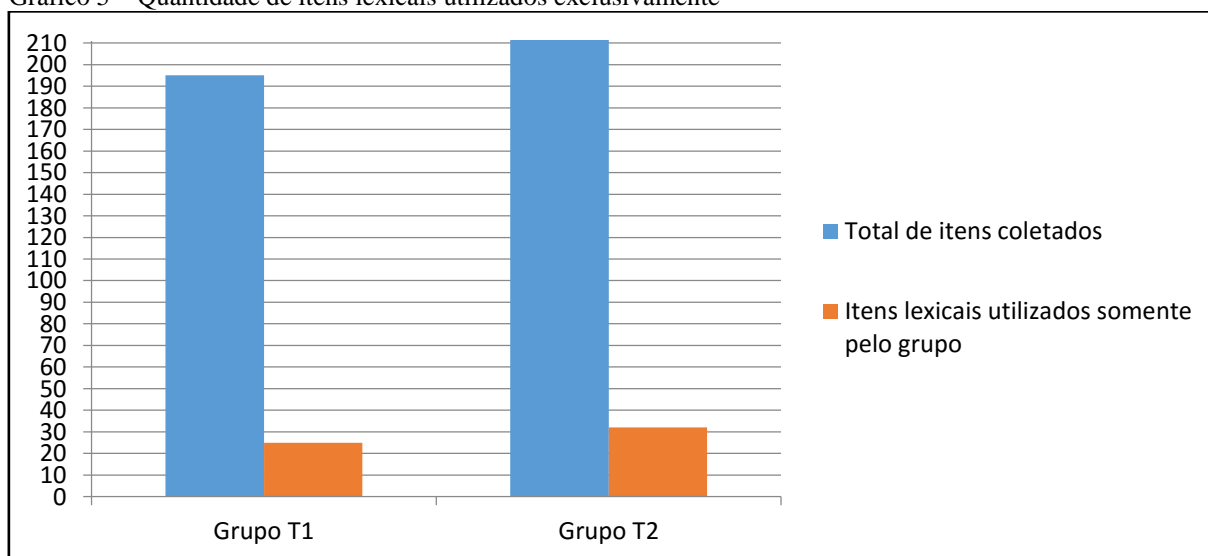
Ao comparar a porcentagem de usos linguísticos entre os dois grupos é possível verificar uma diferença aproximada de 6% a mais para o grupo T II – formado por adolescentes com mais tempo de internação que o grupo T I.

Os adolescentes que compunham o grupo T I ofereceram uma amostra de 23 itens lexicais que não foram utilizados por nenhum membro do outro grupo: ‘atrasa-lado’, ‘burrão’, ‘caçamba’, ‘cheio de querer’, ‘chamar na humildade’, ‘cisco’, ‘dar uma mão’, ‘desco’, ‘em choque’, ‘rolon’, ‘Falseane’, ‘faraó’, ‘viado’, ‘galeto’, ‘prestobarba’, ‘graxa’, ‘isqueiro’, ‘licença com a palavra’, ‘veste’, ‘garoup’, ‘tinteira’, ‘tô lesado’, ‘tô no veneno’.

Paralelamente, o grupo T II forneceu-nos 32 termos e expressões utilizadas somente por seus integrantes: ‘agá’, ‘banha’, ‘gancha’, ‘beca’, ‘caçamba’, ‘cagão’, ‘calçado’, ‘chapar com’, ‘chorar’, ‘cincão’, ‘contenção’, ‘dar atenção’, ‘desacorçoado’, ‘desavença’, ‘deizão’, ‘doze-duque’, ‘embalo’, ‘estar no sossego’, ‘naifa’, ‘fechar com alguém’, ‘inocentão’, ‘lance’, ‘mascão’, ‘na rocha’, ‘pazinha’, ‘caiçara’, ‘peidão’, ‘pegar pira’, ‘perna’, ‘piolho’, ‘procedimento’, ‘estampa’.

O gráfico 5 apresenta a diferença entre os dois grupos em relação aos usos linguísticos:

Gráfico 5 – Quantidade de itens lexicais utilizados exclusivamente



Fonte: O autor

O gráfico apresentado reflete o total de itens lexicais que foram utilizados pelos grupos T I e T II e ilustra os termos e expressões que foram de uso exclusivo de cada grupo, sendo que alguns termos e expressões não representados pelo gráfico, apesar de serem de conhecimento de alguns internos participantes da pesquisa, não foram utilizados durante a aplicação da entrevista narrativa e do questionário semântico-lexical.

Ao eleger o fator ‘tempo de internação’ para a nossa pesquisa, considerava a hipótese de que um maior tempo de privação de liberdade e o conseqüente maior tempo exposto às características do CENSE e às influências dos outros internos, fosse responsável por uma maior frequência de uso de termos e expressões de sentido figurado.

Apesar da pouca diferença percentual entre os grupos T I e T II, tal situação se concretizou, pois o grupo representado por elementos com mais tempo de internação mostrou-se mais preponderante com relação ao uso da variedade linguística com sentido figurado.

Essa pouca diferença percentual de usos linguísticos entre os dois grupos pode estar relacionada ao fato de que o grupo T I era composto de quatro adolescentes com os seguintes períodos de cumprimento de medidas socioeducativas privativas de liberdade: um estava cumprindo dois meses e meio de tais medidas, um estava cumprindo tais medidas há cinco meses e dois se encontravam nessa condição por um período de seis meses. O outro grupo – T II era composto por dois adolescentes que estavam há sete meses cumprindo medida de internação, um adolescente que cumpria um período total de internação de dois anos e outro que totalizava quatro anos de cumprimento de tais medidas.

Assim, a proximidade (e baixa diferença) de períodos de internação entre os participantes dos dois grupos pode ter sido a responsável pela baixa diferença percentual entre as duas variáveis que os representaram.

Uma das explicações para a menor frequência de usos linguísticos pelo grupo T I pode estar relacionada ao fato de que, dos quatro integrantes do referido grupo, somente um adolescente tinha passado por outras unidades de internação – Foz do Iguaçu e Cascavel, sendo que os demais componentes desse grupo estavam cumprindo medidas de privação de liberdade apenas no CENSE de Ponta Grossa. Dessa forma, é possível verificar que três quartos do total de elementos desse grupo não foram influenciados por características ambientais de outro CENSE, nem sofreram influência do contato com internos de outras unidades. Por outro lado, todos os adolescentes do grupo T II já tinham passado por outras unidades socioeducativas, localizadas nas cidades de Curitiba, Cascavel, Foz do Iguaçu e Maringá.

O maior tempo de internação do grupo T II somado ao conseqüente período de interação com adolescentes em outras unidades talvez possa explicar esse percentual maior de uso dessa variedade linguística, considerando-se que os elementos desse grupo possam ter desenvolvido um comportamento linguístico, com maior uso de palavras com sentido figurado que os integrantes do outro grupo, em virtude do período de internação em outras unidades e do contato com adolescentes oriundos de diversas cidades do Estado do Paraná.

Vale a pena esclarecer que as características físicas e socioculturais de uma unidade prisional e de um CENSE são muito parecidas, inclusive os valores e ideias dos dois grupos sociais que neles se encontram (população carcerária e população de adolescentes internos) são muito similares, no sentido de apresentarem uma cultura de enfrentamento e oposição às normas de convivência e aos valores defendidos pela sociedade.

Assim, um possível motivo que responda por esse maior uso linguístico pelo grupo T II diz respeito a uma constatação particularmente efetuada por mim: o dia a dia de uma unidade prisional mostrou-me que quanto mais tempo um sentenciado era submetido ao contato com outros internos, maior era a sensação de pertencimento a esse grande gruposocial maior era a necessidade de impor diferenças entre o grupo a que pertence e a sociedade, pois era visível a mudança comportamental e linguística dos recém-chegados com o passar do tempo e, devido à similaridade entre uma penitenciária e um CENSE, tal influência também é passível de ser verificada no último. Essa constatação encontra respaldo em Preti (1984), quando este aponta que os membros de um grupo fechado procuram, através de certos usos linguísticos, estabelecer diferenças entre o meio social em que vivem e a sociedade. Esse autor acrescenta que tal grupo o faz como um mecanismo de defesa, constituindo-se em uma atitude característica de grupos ligados à marginalidade, sendo que a tendência ao isolamento desses grupos termina por provocar a adoção de uma linguagem peculiar.

Outra explicação possível para o maior uso de itens lexicais com sentido figurado pelo grupo T II refere-se à influência do elementos que caracterizam uma instituição como o CENSE, em que um período de tempo maior, submetido às características de uma instituição fechada – como a segregação social; afastamento familiar; submissão à vigilância dos funcionários e das câmeras de segurança - com a conseqüente falta de privacidade; a obrigação de conviver com internos com variados históricos de vida ligados à violência e a sujeição às normas institucionais e às paralelas, pode resultar em uma maior necessidade de se adquirir um comportamento comum aos demais, tanto relacionado ao compartilhamento de valores e crenças, quanto ao comportamento linguístico, considerando-se que a linguagem

comumente utilizada no CENSE pela população de adolescentes internos é caracterizada pela presença de palavras empregadas com sentido diferente do usual.

Nesse sentido, é pertinente destacar o apontamento de Remenche (2003) que, na sua dissertação de mestrado, realizou uma pesquisa com temática semelhante envolvendo sentenciados adultos e apontou que a variedade linguística por eles utilizada, também conhecida como gíria de grupo ou marginal, está relacionada à influência do ambiente físico e sócio-cultural em que é praticada, sendo esses elementos suficientes para marcar a linguagem desse grupo, que, da mesma forma que os adolescentes internos de um CENSE, também é estigmatizada pela sociedade, o que contribui para que essas comunidades minoritárias, em conflito com o meio social em que vivem, hermetizem-se de maneiras diversificadas e adquiram um comportamento similar: tanto no uso de tatuagens e no compartilhamento de ideias e valores, quanto na linguagem, no sentido de uma prática linguística de uso comum, identificadora de tal grupo social.

Da mesma forma que ocorreu com a análise dos outros dois fatores sociais analisados anteriormente, é importante destacar que, se fosse possível contar com um maior número de participantes, outra poderia ter sido a porcentagem de usos linguísticos no tocante ao fator ‘tempo de internação’.

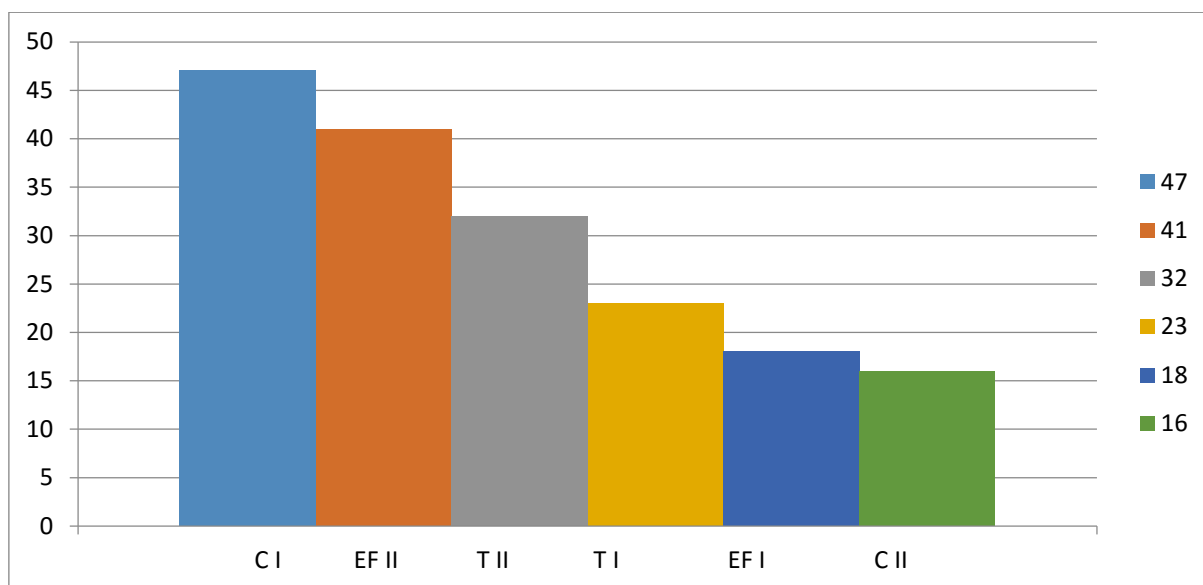
Outro detalhe significativo a ser considerado relaciona-se com o critério usado para a delimitação do ‘tempo de internação’, no sentido de considerar que os resultados obtidos são relativos aos períodos de tempo estipulados e aos perfis dos participantes de cada grupo, não podendo ser aplicados como regra geral, padronizada para todos os casos de internação, sendo que, a partir disso, não se pode dizer que um maior tempo de internação seja sempre o responsável por um maior uso dessa variedade linguística. Assim, a pequena porcentagem de 6%, que separou as frequências de usos linguísticos entre os grupos T I e T II, pode estar relacionada com os períodos de tempo em que foram classificados os dois grupos, tendo em vista que, se fosse possível outra classificação de tempo – como por exemplo, tempos de internação de até um ano e superior a um ano, certamente outros resultados no tocante a esse fator seriam possíveis.

4. 4 Análise da relação entre fatores sociais e variação linguística

A primeira parte da presente etapa de análise da relação entre fatores sociais e variação linguística teve como base os usos linguísticos exclusivamente obtidos com cada uma das duas variáveis que representaram os três fatores sociais.

Assim, nessa primeira análise, para efeitos de comparação entre tais usos exclusivos da linguagem praticada pelos internos, foram consideradas a maior e a menor quantidade de itens lexicais obtidos exclusivamente com cada uma das duas variáveis representativas de um mesmo fator social, conforme ilustra o gráfico 6:

Gráfico 6 – Usos exclusivos dos seis grupos



Fonte: O autor

Dos três fatores sociais mencionados, o fator ‘convívio’ foi o que apresentou uma diferença maior de usos linguísticos exclusivos entre os dois grupos que o representaram, referentes às variáveis ‘possibilidade de convívio’ e ‘não possibilidade de convívio’. A primeira, representada pelo grupo C I, permitiu uma amostra de 47 itens usados exclusivamente, o que representou a maior frequência de uso de termos exclusivos dentre as variáveis observadas. Esses itens foram distribuídos da seguinte forma: 16 itens relacionados ao campo ‘características atribuídas aos outros’; 14 a ‘sensações e ações praticadas’; cinco relacionadas a ‘objetos’; quatro itens referentes ao campo ‘dinheiro’; três à ‘alimentação’; dois a ‘vícios e drogas’, dois relacionados a ‘expressões e termos gerais’ e um referente ao campo ‘partes do corpo’.

A variável ‘não possibilidade de convívio’, representada pelo grupo C II, permitiu uma amostra de 16 termos e expressões de uso exclusivo, o que representou a menor frequência de usos exclusivos dentre as seis variáveis utilizadas. Desses itens, sete se relacionaram ao campo semântico ‘características atribuídas aos outros’; quatro referiram-se a ‘objetos’; três a ‘sensações e ações praticadas’; dois relacionados ao campo ‘dinheiro’.

A segunda maior diferença de usos linguísticos exclusivos entre as duas variáveis que representaram o mesmo fator social ocorreu com o fator ‘grau de escolarização’. A variável ‘nível de escolarização de até o sexto ano do E. F.’ permitiu uma amostra de 18 termos e expressões com sentido figurado, somente utilizados pelo grupo EF I, representando a segunda menor frequência de usos linguísticos exclusivos com sentido figurado. Tais itens referiram-se aos seguintes campos semânticos: oito ao campo ‘sensações e ações praticadas’; seis a ‘características atribuídas aos outros’; duas referentes a ‘objetos’, uma relacionada ao campo ‘alimentação’ e uma referente a ‘dinheiro’.

Por outro lado, a variável ‘nível de escolarização superior ao sexto ano do E. F.’ permitiu uma amostra de 41 itens lexicais com sentido figurado utilizados somente pelo grupo EF II, o que representou a segunda maior frequência de itens com sentido figurado. Estes foram distribuídos da seguinte forma: 10 relacionados ao campo ‘sensações e ações praticadas’; nove a ‘características atribuídas aos outros’; nove a ‘objetos’; cinco a ‘dinheiro’; três a ‘expressões e termos gerais’; dois a ‘vícios e drogas’; um a ‘locais do ambiente institucional’; um à ‘alimentação’, um a ‘partes do corpo’.

O fator extralinguístico ‘tempo de internação’ foi o que apresentou a menor diferença de usos linguísticos exclusivos entre as duas variáveis que o representaram. A variável ‘tempo de internação de até seis meses’, permitiu a obtenção de 23 itens com sentido figurado, somente utilizados pelo grupo T I, o que representou a terceira menor frequência de uso exclusivo de itens com sentido conotativo. Estes foram distribuídos da seguinte forma: 11 relacionados ao campo semântico ‘características atribuídas aos outros’; quatro ao campo ‘objetos’; três a ‘dinheiro’; dois a ‘sensações e ações praticadas’; dois à ‘alimentação’ e um referente ao campo ‘expressões e termos gerais’.

Em contrapartida, a variável ‘tempo de internação superior a seis meses’ permitiu obter 32 termos e expressões utilizados exclusivamente pelo grupo T II, que representou a terceira maior frequência de uso exclusivo de termos e expressões com sentido figurado.

Tais itens lexicais foram distribuídos da seguinte forma: 10 foram relacionados ao campo ‘sensações e ações praticadas’; nove a ‘características atribuídas aos outros’; quatro a ‘objetos’; três a ‘dinheiro’; dois à ‘alimentação’, dois a ‘locais do ambiente institucional’ e um relacionado ao campo ‘drogas’.

A análise da relação entre usos exclusivos de cada grupo e as seis variáveis sociais escolhidas para serem estudadas permitiram constatar a presença de duas variantes linguísticas utilizadas pelos entrevistados: uma representada pela variedade não-padrão, em que as palavras adquirem um sentido figurado, e outra, representada pela variedade padrão,

em que termos e expressões são utilizados com sentido comum, não figurado, visto que a entrevista semiestruturada tinha como objetivo verificar a maneira pela qual os entrevistados se referiam a determinados termos e expressões, em que havia duas possibilidades de resposta: itens lexicais com sentido figurado, conotativo ou itens lexicais com sentido comum, literal.

Assim, os usos linguísticos exclusivos de cada grupo correspondem a sua não utilização pelo grupo concorrente, como, por exemplo, a utilização exclusiva pelo grupo C I de 47 itens lexicais com sentido figurado corresponde ao fato de que o grupo C II utilizou, para esses termos, 47 itens lexicais correspondentes, mas com sentido comum, não conotativo.

Em contrapartida, o uso exclusivo pelo grupo C II de 16 termos e expressões com sentido figurado corresponde ao fato de que o grupo C I utilizou, para esses termos, 16 itens lexicais de sentido comum, não figurado.

A seguir, a tabela 4 apresenta o uso das duas variantes linguísticas – as que apresentaram um sentido figurado e as que apresentaram um sentido comum, ambas relacionadas a cada índice de enquadramento social:

Tabela 4 – Variantes linguísticas exclusivamente utilizadas

C I – 47 itens lexicais com sentido figurado	C II – 47 itens lexicais com sentido comum
C I – 16 itens lexicais com sentido comum	C II – 16 itens lexicais com sentido figurado
EF I – 18 itens lexicais com sentido figurado	EF II – 18 itens lexicais com sentido comum
EF I – 41 itens lexicais com sentido comum	EF II – 41 itens lexicais com sentido figurado
T I – 23 itens lexicais com sentido figurado	T II – 23 itens lexicais com sentido comum
T I – 32 itens lexicais com sentido comum	T II – 32 itens lexicais com sentido figurado

Fonte: O autor.

Pelo exposto na tabela anterior, é possível constatar, dentro da comunidade de fala representada pelos internos do CENSE, a existência de duas maneiras dos adolescentes dizerem a mesma coisa ou de se referirem a um mesmo objeto ou situação, o que coincide com a conclusão de Tarallo (2003, p. 8), quando este afirma que: "variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade".

Esses usos linguísticos particulares relacionados às seis variáveis escolhidas para serem objeto de estudo, são considerados pela Sociolinguística (LABOV 2008 [1972]) como variantes linguísticas e estão relacionadas à comunidade de seus falantes, que deve ser entendida não como um grupo de pessoas que falam exatamente igual, mas sim, que compartilham traços linguísticos que distinguem seu grupo de outros – como o uso de termos e expressões com sentido figurado; comunicam-se relativamente mais entre si do que com os outros – devido à obrigatoriedade de convivência dentro dos limites da instituição e, principalmente, compartilham normas e atitudes diante do uso da linguagem – através da adoção de uma linguagem que revela uma postura contestadora dos valores defendidos pela sociedade mais ampla, como os itens ‘blindada’, ‘explosiva’, ‘dar um tiro’ e ‘estar de lança’.

Dessa forma, utilizando como fundamento de análise a Sociolinguística Variacionista, pode-se inferir que o uso ou o não uso de uma ou outra variante – palavras com sentido figurado e palavras com sentido estrito, pelos dois grupos, teve relação com as seis variáveis escolhidas para serem analisadas.

Por conseguinte, é possível constatar que, dentro da comunidade de fala - representada pelos internos do CENSE, coexistem, no mínimo, duas formas linguísticas em variação, isto é, formas que estão em “coocorrência” - quando duas formas são usadas ao mesmo tempo, e em “concorrência” - quando duas formas concorrem.

Essa coexistência de duas formas linguísticas para se referir a uma mesma coisa/situação também foi verificada por Labov na sua pesquisa de dissertação de mestrado na ilha de Martha’s Vineyard (LABOV, 2008 [1972]), na qual constatou que havia em uso duas formas sonoras: uma que apresentava um maior grau de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ e outra que apresentava um grau bem menor de centralização desses ditongos.

Após um longo período de tempo, infiltrado nas comunidades da ilha, observando o comportamento dos falantes, comparando dados e colhendo informações, Labov conseguiu identificar a razão de tal diferença de usos linguísticos na motivação que levava os falantes a apresentarem uma ou outra forma sonora: a intenção dos nativos e dos indígenas de se diferenciarem dos descendentes de ingleses que visitavam a ilha.

A perspectiva sociolinguística que norteou o presente trabalho, permitiu a identificação de duas variantes utilizadas simultaneamente pelos falantes internos do CENSE. Mas, apesar de um dos fundamentos dessa área de estudo linguístico basear-se na dicotomia entre variação estável e mudança em progresso, não foi possível afirmar que os termos e expressões utilizados exclusivamente por cada um dos seis grupos indiquem que o quadro de variação – com predominância de termos com sentido figurado ou com sentido

comum, tenda a se manter ainda por um longo período, já que, pelo caráter sincrônico deste trabalho, somado ao curto período de tempo em contato com os falantes – perspectiva etnográfica, não foi possível verificar uma tendência de predominância de uma variante linguística sobre a outra, e nem que o processo de variação caminha para a sua resolução em favor de uma das variantes identificadas, que generalizando-se, torne o seu uso praticamente categórico dentro do grupo de falantes composto pelos adolescentes do CENSE.

Dessa forma, é necessário ponderar que os resultados obtidos com cada grupo são específicos do momento em que foi realizado o trabalho e da delimitação das seis variáveis utilizadas, o que caracteriza uma análise sincrônica do processo de variação linguística.

Assim, este estudo sociolinguístico, visando a descrição estatística de um fenômeno variável através da influência de fatores sociais, buscou descrever e compreender o processo de variação que se observa na língua em um determinado momento, isto é, sincronicamente.

A segunda análise sociolinguística relativa à influência dos fatores sociais na linguagem dos adolescentes do CENSE - que corresponde ao título dessa dissertação, teve como base o total de termos e expressões utilizadas por cada um dos seis grupos, ou seis variáveis.

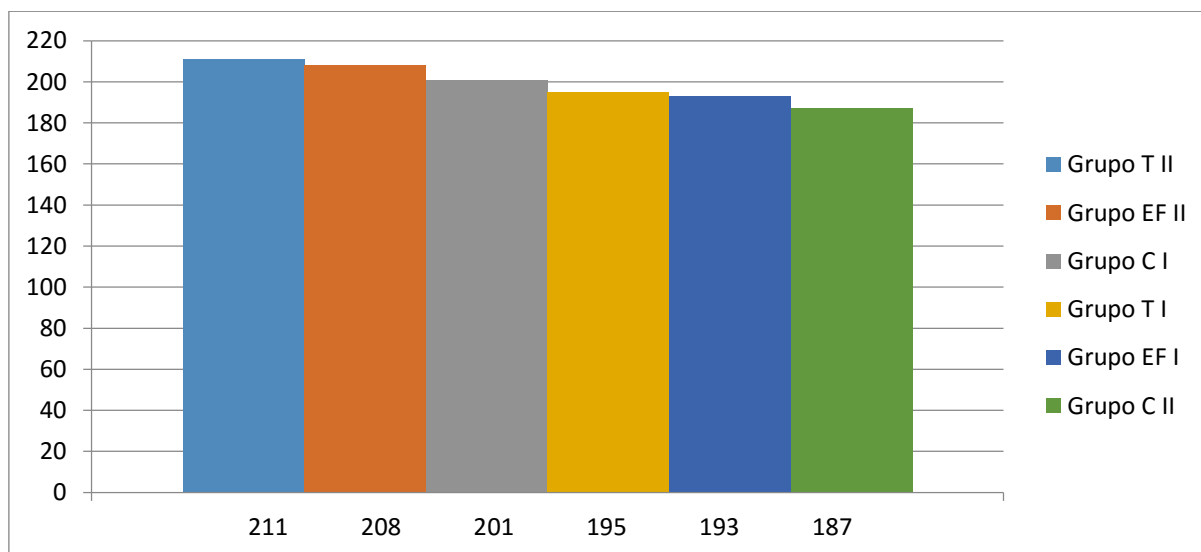
A comparação entre os resultados obtidos com as seis variáveis permitiu observar que a variável ‘tempo de internação superior a seis meses’ apresentou um maior uso da variedade linguística em estudo – 211 itens lexicais.

Apesar da pequena diferença entre os grupos, que tem por uma das causas a limitada quantidade de participantes, a presente análise denota que essa variável se mostrou mais preponderante que as demais, na relação com o maior uso de palavras com sentido figurado.

A segunda variável que mais se destacou foi a ‘nível de escolarização superior ao sexto ano do E. F.’, que apresentou 208 itens com sentido figurado, seguida das variáveis ‘possibilidade de convívio’ com 201 itens, ‘tempo de internação de até seis meses’ com 195 itens, ‘nível de escolarização de até o sexto ano do E. F.’ com 193 itens e, por fim, da variável ‘não convívio’ com 187 itens.

O gráfico 7 ilustra tal comparação:

Gráfico 7 – Total de itens lexicais utilizados por cada grupo



Fonte: O autor

O maior uso de termos e expressões de sentido figurado obtido com a variável ‘tempo de internação superior a seis meses’ – 211 itens - pode estar relacionado ao comportamento dos internos no tocante ao período de tempo que cumprem medidas de internação, pois, quanto mais tempo internado, mais o falante sofrerá a influência dos valores, ideias e comportamentos, inclusive o linguístico, defendidos pela população total de internos da instituição, havendo portanto, uma maior sensação de pertencimento a esse grupo social, com a consequente aquisição de posturas que sinalizem oposição e enfrentamento das regras de conduta estabelecidas para o convívio social em liberdade.

Essa identificação a um grupo realizada através do uso da língua é confirmada por Isquierdo:

[...] o conjunto de vocábulos que integra o universo lexical de uma língua, por reproduzir a visão de mundo, o patrimônio cultural dos falantes e por testemunhar a vida, a história e a cultura de um grupo em diferentes fases de sua história, fornece marcas da identidade desse grupo. A forma de usar a língua, particularmente a de escolher as palavras, revela aspectos da maneira de pensar e de agir de um indivíduo/grupo [...]. (ISQUERDO, 2003, p. 178)

Tal sensação de pertencimento resulta numa maior necessidade de se impor diferenças entre o meio em que vivem e a sociedade mais ampla, o que coincide com a posição de Preti (1984), quando este aponta que grupos sociais ligados à marginalidade estabelecem essas diferenças através da utilização dessa variedade linguística, também conhecida como gíria de grupo.

Dessa forma, esse maior uso de termos e expressões obtidos com essa variável está relacionado ao período de tempo sujeito às influências dos elementos que caracterizam uma instituição como o CENSE. Situações como: estar 24 horas sendo vigiado por câmeras de segurança e pelos educadores sociais, com a consequente falta de privacidade; a convivência forçada com adolescentes autores de variados atos infracionais considerados graves; a obediência forçada às regras institucionais e às impostas pelo código moral paralelo; o afastamento do convívio familiar e a segregação social contribuem para adoção de posturas e comportamentos comuns entre os internos, dentre eles o linguístico, que permite identificar o falante como pertencente à população geral de internos. Isso resulta na adoção de um vocabulário caracterizado por palavras utilizadas em sentido figurado, as gírias, conclusão que se apóia no estudo de Remenche (2003) “As criações metafóricas na gíria do Sistema Penitenciário do Paraná”, em que autora aponta que a linguagem marginal praticada pelos sentenciados – a gíria de grupo, é influenciada pelas características do ambiente físico e sociocultural em que é utilizada e que, o isolamento social de tal grupo colabora para a adoção de um comportamento comum, que se reflete tanto no uso de tatuagens, vestimentas, quanto na defesa de valores e no uso da gíria, pois

[...] a gíria serve como um instrumento de ataque, uma vez que vai contra as regras da língua falada pela sociedade como protesto contra as demais regras vigentes, refletindo a visão de mundo de um grupo diante das imposições da sociedade dominante. (REMENCHE, 2003, p. 103)

O segundo maior uso de palavras com sentido figurado foi obtido com a variável ‘nível de escolarização superior ao sexto ano do Ensino Fundamental’ (208 itens lexicais). O motivo disso pode ser explicado pelo fato de que esse maior grau de escolaridade (quando comparado ao grupo EF I) proporcione ao falante um maior leque de possibilidades de uso da língua. O contato com vários gêneros textuais, realizado em virtude de um maior período de tempo frequentando o ambiente escolar, permite que ele desenvolva um repertório vocabular que possibilite, além do uso de uma linguagem formal – representada por palavras com sentido comum, a prática de uma linguagem informal – formada por palavras com sentido figurado, sendo essas duas possibilidades passíveis de serem aplicadas, dependendo do contexto em que ocorre o processo comunicativo. Nesse sentido, Dino Preti (1994), em seu livro “Sociolinguística: os níveis da fala” propõe que a função da escola não deve ser a de substituir a variedade linguística popular pelos modelos da norma culta, mas sim a de ensinar que ambas as formas de linguagem podem coexistir e ser utilizadas na comunicação, de acordo com as circunstâncias, situação que ficou conhecida como bidialeto.

A terceira variável que mais influenciou a utilização de termos com sentido figurado foi a ‘possibilidade de convívio’ (201 itens). Conforme mencionado anteriormente, a rede social, formada por residentes em uma mesma casa, atenua os efeitos do afastamento familiar, social e da vigilância constante. Tal rede colabora para uma sensação de pertencimento e de identificação ao grupo de residentes de uma casa, pois, segundo Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), “o modo como as pessoas com as quais convivemos interagem com a língua e a empregam em seu cotidiano interferirá em nosso comportamento”.

Essa rede social vai influenciar na aquisição de valores e no comportamento linguístico dos adolescentes, no sentido de um uso de palavras com sentido figurado, que é a linguagem naturalmente praticada pelos internos, fato que também se apóia em Labov (2010) e Milroy (1980).

O primeiro considera que, embora esse fator social seja menor que outros, como a classe social a que pertence o falante, por exemplo, a rede social, aqui considerada como a possibilidade de convívio, é uma das responsáveis pelo fenômeno da variação e mudança linguística.

Milroy (1980), por sua vez, aponta que uma rede social mais densa pode explicar e colaborar no sentido do aparecimento e emergência de variantes vernaculares de uso comum, como é o caso da variedade linguística em estudo.

Considerando o resultado obtido com as três primeiras variáveis, que apresentaram mais de 200 itens lexicais pertencentes à linguagem dos internos, as próximas três variáveis a serem abordadas apresentaram um uso linguístico menor que 200 itens, apesar de todas as diferenças entre os seis grupos não ter sido muito expressiva.

A quarta maior frequência de itens lexicais com sentido figurado foi obtida com a variável ‘tempo de internação de até seis meses’, com 195 itens lexicais. Esse relativo ‘curto’ período de internação (quando comparado ao grupo T II) aliado ao fato de que somente um integrante do grupo que representou essa variável tenha passagens por outras unidades socioeducativas podem explicar o resultado obtido com essa variável, visto que, esse período de tempo pode não ter sido o suficiente para que os membros desse grupo se identificassem como membros da população geral e, conseqüentemente, adotassem o mesmo comportamento linguístico que os integrantes do grupo que representou a variável ‘tempo de internação superior a seis meses’.

Em quinto lugar ficou a variável ‘grau de escolarização de até o sexto ano do EF’, com 193 itens. Uma possível explicação para o resultado com essa variável pode estar relacionada ao limitado repertório linguístico que os indivíduos possam ter

desenvolvido (quando comparados ao grupo EF II) em decorrência de ainda se encontrarem cursando os seis primeiros anos do E. F. e não terem um contato mais profundo com vários gêneros textuais - cuja natureza é altamente dinâmica e plástica, visto que tais gêneros se constituem como um produto social e, como tal, acompanham as transformações pelas quais passa a sociedade - que ampliariam o seu leque de possibilidades linguísticas. Soma-se a essa situação a defasagem escolar de todos os elementos desse grupo e a constante interrupção da frequência ao ambiente escolar por esses adolescentes, fato que dificulta ainda mais a ampliação do vocabulário utilizado pelos mesmos.

O total de termos e expressões com sentido figurado foram similares para as duas variáveis anteriores.

Dois prováveis motivos para esse resultado podem estar no critério usado para isolar os fatores sociais 'tempo de internação' e 'nível de escolarização', e no contingente de colaboradores que participaram desse estudo, pois se houvesse a possibilidade de contar com um número maior de adolescentes, seria possível delimitar de outra forma as duas variáveis de cada um desses dois fatores sociais, o que poderia propiciar outros resultados.

Por fim, a variável 'não possibilidade de convívio' foi a que menos influenciou no uso total de itens com sentido figurado, com 187 termos e expressões característicos da linguagem utilizada pelos internos. Tal resultado pode estar relacionado à falta de uma 'rede social' proporcionada pela possibilidade de convívio entre os alojados de uma mesma casa, que dificulta a ocorrência de trocas linguísticas entre os residentes de um mesmo alojamento, somado ao fato desses internos não interagirem, cotidianamente, com o restante da população geral. Esse 'duplo isolamento' pode ser o responsável pelos resultados obtidos com essa variável, que demonstrou a menor quantidade de itens lexicais dentre as seis variáveis observadas.

Com relação à variável 'não possibilidade de convívio' é importante destacar que a presente pesquisa objetivou analisar a relação entre a ausência de uma rede social, formada pelos alojados de um mesmo alojamento, com o maior ou menor uso de termos e expressões com sentido figurado pertencentes à variedade linguística praticada pelos adolescentes internos do CENSE. Nesse sentido, é necessário considerar que, apesar de os adolescentes integrantes do grupo que representou a variável 'não possibilidade de convívio' não formarem uma rede social com os demais internos de seus alojamentos, esses adolescentes formam redes sociais quando postos em liberdade, ou seja, fora da instituição socioeducativa eles formam grupos com interesses e valores em comum. Portanto, esses adolescentes não só criam essa linguagem no ambiente institucional, pois, mesmo em liberdade, eles têm que

se proteger das pessoas alheias ao grupo a que pertencem através do uso de termos e expressões pertencentes a essa variedade linguística.

5PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A língua portuguesa falada no Brasil apresenta muitas variedades e embora no Português Brasileiro ocorra uma relativa unidade linguística, existem diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de aspectos pragmáticos, morfossintáticos, fonético-fonológicos e semânticos-lexicais que acabam por identificar e, muitas vezes, rotular seus diversos falantes.

Na variedade linguística praticada pelos internos, essa rotulagem ocorre porque existe uma ideologia linguística que não é oficializada, mas que ao longo do tempo se instaura na sociedade, e que identifica e discrimina os usos linguísticos, e os falantes, de grupos ligados à marginalidade que, através do uso da gíria, tentam estabelecer diferenças entre eles e a sociedade.

É comum encontrar pessoas que tratam de forma pejorativa a linguagem utilizada por adolescentes que já cumpriram medidas de internação. Em suas opiniões, essas pessoas exaltam o caráter identificador dessa linguagem quanto ao pertencimento do falante a determinados grupos sociais. No contexto desta pesquisa, considerando que a comunidade de adolescentes em regime de privação de liberdade, por si só, representa um aspecto negativo da sociedade, a variedade linguística por ela praticada também será socialmente desprestigiada.

Assim, durante a aplicação das entrevistas narrativas foi possível identificar que quatro dos oito participantes dessa pesquisa relataram ter vivenciado situações de discriminação pela linguagem, conforme relatou o informante 3 (7 minutos e 44 segundos do áudio 3):

P: Já sofreu preconceito por causa da maneira que você fala?

R: Sim, com várias pessoas. Uma vez eu falei desse modo e a professora me chamou a atenção na frente de todo mundo, dizendo que isso não é jeito de falar, que eu tinha que falar do jeito certo. Que não era assim que se falava. Me senti desconfortável e envergonhado.

O informante 8 (10 minutos e 20 segundos do áudio 8) também relatou ter experienciado situações em que foi discriminado no ambiente escolar:

P: Você se lembra de ter sofrido alguma discriminação devido ao seu jeito de falar?

R: Uma vez eu falei ‘tô lígado’, ‘tipo assim’ e a mina que escutou ficou meio assim, me estranhando. Isso foi na escola e não foi a única vez.

Pela análise da fala dos informantes 3 e 8 é possível inferir que o ambiente escolar é um dos locais onde o preconceito linguístico também está presente. Tal ocorrência de discriminação pela linguagem relaciona-se com o fato de que no ambiente escolar, tradicionalmente, os alunos são condicionados a abandonar as práticas linguísticas que já utilizam e são forçados a aprender e praticar um modelo linguístico considerado “correto”, padrão, sendo que, qualquer manifestação fora desse modelo é considerada errada, e conseqüentemente, seu autor é reprimido, censurado e ridicularizado.

Esse condicionamento realizado dentro do ambiente escolar é um indício de que os usuários dessa variedade linguística já desenvolvem uma maneira de falar que acabam trazendo para a instituição socioeducativa, com posterior acréscimo de outros termos e expressões.

Nesse sentido, o combate ao preconceito linguístico também passa pelas práticas escolares, pois não é somente no ambiente familiar e social que tal discriminação se manifesta – ela também está presente no ambiente escolar – fato que convida as pessoas que compõem o cenário escolar a uma reflexão em torno dessa temática.

Para Bagno (2004) a discriminação pela linguagem é mais antiga que o cristianismo, visto que, desde longa data, a língua é instrumentalizada pelos poderes oficiais como um mecanismo de controle social, que se realiza quando um Estado escolhe uma determinada variedade linguística para se tornar a língua oficial. É evidente que esse processo de seleção implique em um processo de exclusão de outras variedades linguísticas.

Continuando a análise das entrevistas, tem-se a fala do informante 2 (registrado aos 6 minutos e 55 segundos do áudio 2):

P: Você já sofreu algum tipo de preconceito devido ao seu modo de falar?

R: Já! As pessoas dizem que eu falo que nem bandido né, tipo... por eu falar ‘é verdade’, ‘isso meu’... eles têm como uma coisa negativa... pra eles é feio, mas pra nós é normal. Minha mãe acha mais tranquilo, mas o resto não.

A resposta do informante 2 apresenta um detalhe importante: a pergunta foi direcionada ao entrevistado através do pronome de tratamento ‘Você’, mas a resposta foi construída utilizando o pronome pessoal ‘nós’. Esse detalhe reforça a posição de Preti (1984) quando este conclui que a gíria tem, como uma das principais características, a de representar a identidade do grupo social que a utiliza, proporcionando uma sensação de pertencimento do falante ao referido grupo.

Outro entrevistado, o informante 6 (11 minutos e 35 segundos do áudio 6), também relatou sua experiência com relação ao preconceito linguístico:

P: Você já sofreu discriminação devido ao seu modo de falar?

R: Já sofri bastante. Já perdi emprego por causa disso. Uma vez eu tava na região da Nova Rússia, passei numa (oficina) mecânica, e como eu tava desempregado, pedi serviço e fiquei uns quinze minutos conversando com o dono da oficina e ele percebeu que eu falava de um modo diferente, daí olhou minha tatuagem e falou que não ia precisar de ninguém, que já tava cheio de funcionário. Aí quando eu fui tomar água na torneira, escutei ele falando prum outro maluco lá que não ia aceitar vagabundo, maloqueiro. Acho que pelo meu jeito de falar ele achou que eu fosse maloqueiro. Minha tia e minha avó também implicam bastante comigo por causa do meu jeito de falar.

A narrativa anterior possibilita verificar o prestígio que a linguagem pertencente à norma padrão possui com relação ao uso da variedade linguística com sentido figurado praticada pelo entrevistado 6. Essa prescrição normativa que caracteriza a língua padrão e que sujeita as demais variedades linguísticas, e conseqüentemente seus usuários, a uma posição marginal e inferior, é explorada por Monteagudo:

O prescritivismo tradicional acha-se associado à sobrevivência de estruturas sociais e esquemas de valores autoritários e discriminatórios e repousa num emaranhado de preconceitos que afinal convertem a variedade padrão num elemento chave da hegemonia e do controle em mãos de um grupo de prestígio e a tornam um pesado fardo de exclusão sociocultural. (MONTEAGUDO, 2011, p. 43)

Pode-se inferir que, tal como as tatuagens e as vestimentas, a linguagem praticada pelos adolescentes que já cumpriram medidas de internação – a gíria de grupos ligados à marginalidade, não visa somente à comunicação secreta, mas também a uma forma de se identificar com um grupo social, através da atribuição de novos sentidos a termos e expressões que já faziam parte da língua Portuguesa.

Em seu estudo intitulado “A gíria comum na interação em sala de aula”, Luciene Maria Patriota (2009, p. 14-15) afirma que “apesar de todo o preconceito que sempre a cercou (e cerca!), essa linguagem é um fenômeno que tem, cada vez mais, invadido a sociedade em seus mais diversos segmentos e níveis – étários, sociais, econômicos e culturais”.

A autora conclui que esses

fenômenos chamados de linguagens especiais: formas e expressões linguísticas que, motivadas por fatores como idade, sexo, profissão, condição social, escolaridade, surgem como variações próprias de grupos que compartilham uma forma particular de comunicação. (PATRIOTA, 2009, p.31)

A entrevista continua com o mesmo adolescente:

P: Você acha que esse falar auxilia na comunicação de vocês?

R: Claro, com os piá que me entende aqui no Centro é bem mais fácil. Eu não vou mudar meu jeito de falar só pras pessoas gostarem de mim, vou continuar falando desse jeito.

A resposta anterior indica que, em decorrência da discriminação linguística, que, segundo Bagno (2004) provém de um preconceito maior, o social, com seus efeitos negativos que ocasionam um sentimento de inadequação e injustiça por parte de quem usa a gíria, o entrevistado faz uso dessa linguagem, de certo modo secreta, com o intuito de facilitar a comunicação com seus pares, que funciona como elemento de identificação, autoafirmação, defesa e proteção. A frase ‘Claro, com os piá que me entende aqui no Centro é bem mais fácil’ mostra a facilidade de entendimento que essa linguagem proporciona ao grupo formado pelos internos do CENSE, e a sensação de pertencimento a um grupo social específico. Nesse sentido, afirma Preti:

A gíria é caracterizada como um vocabulário especial, surge como um signo de grupo, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a gíria dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). Quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem gíria servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de auto-afirmação. (PRETI, 1984, p.3)

A afirmação ‘Eu não vou mudar meu jeito de falar só para as pessoas gostarem de mim’ revela que, além da importância de manter secreto esse vocabulário, o uso dessa linguagem é uma decorrência da dinâmica social e linguística que pode ser entendida como a expressão da insatisfação desse grupo minoritário em relação ao grupo dominante e a necessidade de agressão aos costumes do grupo social maior, institucionalizado. Esse tipo de atitude, comum em face da urgência de rompimento com os modelos herdados pelos meios sociais, revela a importância que é dada a essa linguagem, que proporciona ao falante um sentimento de autoafirmação.

As narrativas dos informantes 2 e 6 demonstram que a linguagem utilizada pelos entrevistados foi relacionada à prática de atos ilícitos, à bandidagem e vagabundagem. Desse modo, essa variedade linguística foi associada a uma maneira “errada” e “feia” de se comunicar, representando uma forma de distinguir as pessoas boas das más somente pela observação de sua linguagem. Isso ocorre devido à hierarquia dos grupos sociais, cujas variedades linguísticas destacam a posição social de seus falantes, consideradas superiores ou inferiores, e a diferença de posições no tabuleiro social faz surgir atitudes e comportamentos preconceituosos em relação às variedades da língua que fogem à regra padrão.

Dentro desse aspecto, afirma Bagno:

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente. (BAGNO, 2004, p. 38)

Historicamente, a tentativa de padronizar a língua teve início na Grécia antiga, no século III a. C. Nesse período, a padronização da língua tinha o objetivo de preservá-la das mudanças pelas quais o grego estava passando ao longo do tempo e nos lugares em que era utilizado (BAGNO, 2004). O estabelecimento da norma padrão foi feito sob dois equívocos: primeiro, a supervalorização da escrita em detrimento da fala, a qual representa o uso real da língua; e segundo, encarar as mudanças linguísticas como deterioramento e corrupção da língua ao invés de simples mudanças. O linguista Marcos Bagno (2002, p. 185) afirma que há no Brasil a “norma padrão luzitanizante”, usada como instrumento de repressão, policiamento e prescrição dos usos linguísticos.

A norma padrão é carregada de preconceitos em relação às demais variedades e tem como objetivo – como o próprio nome diz – a padronização da língua, considerando tudo o que é diferente a ela como errado (FARACO, 2002). Essa norma favorece a permanência de uma política linguística monolíngue, pois, é “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística” (FARACO, 2008, p. 73).

O fato de existirem inúmeras variedades do português falado no Brasil não é levado em consideração por muitas pessoas, muito pelo contrário, os usos linguísticos que não seguem as prescrições da norma padrão são vistos como errados, como também seus falantes são tidos como ignorantes, ou criminosos. Nesse sentido, declara Monteiro:

um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem e reforça que uma variação linguística pressupõe valor social, ou seja, variantes empregadas por falantes de estratos mais baixos da população em grande parte são estigmatizadas; todavia, à proporção que essas variantes passam a ser usadas por outros grupos, o estigma vai diminuindo até deixar de existir completamente, se aceita pela classe dominante. (MONTEIRO, 2000, p. 65)

Considerando o apontamento de Monteiro (2000) em relação à diminuição do estigma social que as variedades linguísticas sofrem à medida que vão sendo praticadas por outros grupos sociais, além daquele no qual se originou, a presença de alguns termos e expressões com sentido figurado no dicionário Houaiss forneceu subsídios para um melhor

entendimento do processo de migração dessa variedade linguística, enquanto restrita ao grupo social representado pelos adolescentes do CENSE, para a linguagem comum, socialmente aceita e registrada em dicionários.

O domínio dessa variedade linguística pelos adolescentes em estudo pode influenciar o modo como um professor trabalha na aprendizagem da Língua Portuguesa com esses indivíduos. Uma possível estratégia pedagógica consiste em aproveitar-se do domínio linguístico que esse adolescente já possui, para, a partir desse conhecimento, poder trabalhar com outras formas de linguagem como, por exemplo, aquela regida pela norma padrão da Língua Portuguesa

Numa sala de aula, o professor pode acionar tal conhecimento linguístico desses adolescentes, utilizando-o quando necessário e de várias maneiras. Tanto pode usar essa linguagem para chamar, prender a atenção desses adolescentes e para integrá-los de forma com que se envolvam no discurso do professor, como para facilitar o entendimento de determinado assunto, proporcionando uma maior interação entre eles e o professor, visto que, pela capacidade de criar uma linguagem peculiar e de fazer uso dela para sobreviver num ambiente, de certa forma, adverso e visto como opressor, esses adolescentes, ao carregarem consigo o domínio dessa variedade linguística, podem ser vistos tradicional e culturalmente como letrados.

Considerando que a língua é um fator primordial no estabelecimento da comunicação real e efetiva entre aluno e professor, o domínio dessa linguagem informal pode ser acionado no contexto escolar quando o professor sentir a necessidade de usar termos mais populares pra fazer com que esses adolescentes estejam mais próximos da compreensão, permitindo que esse diálogo informal traga estabilidade para a sala de aula, facilitando a explicação do professor e o entendimento por parte desses indivíduos.

Nessa interação, é importante que o professor trabalhe com uma simultaneidade de aspectos formais e informais da linguagem, facilitando a interação entre ele e esses adolescentes. Nesse sentido, aponta Travaglia:

[...] a educação linguística deve ser entendida como o conjunto de atividades de ensino/aprendizagem, formais ou informais, que levam uma pessoa a conhecer o maior número de recursos da sua língua e a ser capaz de usar tais recursos de maneira adequada para produzir textos a serem usados em situações específicas de interação comunicativa e para produzir efeitos de sentido pretendidos. (TRAVAGLIA, 2011, p.24)

Considerando a teoria de Coseriu (1982), que fundamentou o conceito de língua desse trabalho -a língua como atividade social, é possível apontar que o processo enunciativo entre professor e aluno apresenta um caráter essencialmente dialógico e polifônico, sendo que a enunciação só se torna possível a partir de um contexto sócio-histórico que determina as condições de produção do enunciado e o tipo de interação que se estabelece entre os interlocutores. Além disso, a enunciação é resultado de vários discursos que se entrecruzam entre a esfera individual e a esfera social (BAKHTIN, 2006).

Assim, o uso dessa linguagem em sala de aula pode ser uma ferramenta didática para facilitar a explicação de conteúdos e, em algumas disciplinas, essa linguagem pode ser usada para que os alunos se sintam mais familiarizados com determinadas nomenclaturas, as quais não entenderiam se fosse usada uma linguagem mais formal, visto que, é preciso considerar o conhecimento prévio que o aluno traz com seus valores, hábitos e comportamentos, dentro quais, o linguístico.

Os exertos apresentados demonstram que as gírias vêm acompanhadas de toda uma forma especial de falar (ex falta de concordância nominal ou verbal), sendo que, às vezes, parece que os informantes usam uma variedade da Língua Portuguesa balizada pela norma culta e colocam as gírias no meio de suas falas, o que na verdade não ocorre. Assim, este trabalho priorizou o estudo do léxico/gíria e sua relação com fatores extralinguísticos, porém, esse modo diferente de falar vai muito mais além.

Apesar de existir uma certa oposição ao uso dessa variedade linguística – a gíria, com a comunidade escolar, comumente, mantendo uma postura de crítica e de condenação com relação a essa linguagem, pois ela infringe os padrões linguísticos, opondo-se à norma mantida, Preti (1984) aponta que essa mesma comunidade pode demonstrar curiosidade com relação ao seu uso restrito, posto que, segundo o autor, toda reação às regras sociais vigentes causa admiração e um certo interesse.

Portanto, acredita-se que essa linguagem, por ser um elemento muito recorrente nos estudos da Sociolinguística, possa transformar-se em ferramenta para o trabalho de ensino de língua, somada ao ensino da variedade padrão, sendo seu uso orientado para aproximar o professor dos usuários dessa variedade linguística e facilitar a interação entre eles, visando afastar o olhar preconceituoso e estigmatizado que essa linguagem carrega.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise e a identificação dos sentidos do léxico que compõe a linguagem praticada pelos internos do CENSE permitem concluir que essa variedade linguística, também conhecida como gíria de grupo, é dinâmica, figurada e reflete o comportamento social dos indivíduos que a praticam, expressando seus sentimentos, pensamentos, emoções e desejos.

A classificação em nove campos conceituais e a análise do significado dos termos e expressões coletados possibilitaram concluir que essa variedade linguística tem como característica uma tendência à concretização das ações, dos objetos e situações que compõem o ambiente fechado de internação do CENSE, através da utilização de palavras com sentido diferente daquele registrado em dicionários, no intuito de serem somente compreendidas por quem faz parte desse grupo de falantes.

Os aportes teóricos de Sapir (1971 [1921]), como o que se fundamenta na relação entre língua e cultura, e que considera a linguagem como uma função cultural, direcionaram esse trabalho, no sentido de destacar a cultura de enfrentamento e oposição dos internos da instituição à sociedade civil - que se manifesta através da adoção de uma linguagem com sentido figurado, pois, para se compreender o comportamento linguístico desses adolescentes foi necessário conhecer o grupo social em questão, com seus valores e aspectos socioculturais.

Outro fundamento de Sapir(1987 [1947]) que direcionou essa pesquisa foi o que se baseia na relação entre ambiente e linguagem, visto que, propiciou a compreensão de que o contexto físico e socioambiental do CENSE também influencia nas escolhas lexicais dos falantes da instituição, sendo as principais características desse ambiente: a restrição de circulação, o afastamento do convívio familiar, a obediência às regras institucionais internas e às normas paralelas impostas pela população geral, a convivência forçada entre adolescentes com histórico de vidas diversos ligados à violência e a sensação constante de estar sob vigilância eletrônica e do corpo funcional.

A dimensão social da linguagem proposta por Coseriu (1982), que considera a linguagem intimamente relacionada àquilo que os interlocutores têm em comum, fundamentou o conceito de língua utilizado, considerando que a mesma não é algo que se apresenta pronta e que os internos têm em comum vários aspectos, como estarem segregados da convivência social, a obediência às regras institucionais e paralelas e terem vivenciado situações e praticado ações ligadas à violência.

O conceito de norma de Coseriu (1987), definida como uma sequência de manifestações obrigatórias e de imposições socioculturais, e como um conjunto de realizações

concretas de caráter coletivo, embasou interpretação e classificação das duas variantes linguísticas praticadas no CENSE, a de sentido figurado e a de sentido comum.

Os fundamentos da Sociolinguística Laboviana (LABOV, 1983, 2008 [1972]), principalmente o que diz respeito à heterogeneidade presente em todas as línguas, permitiram constatar que alguns fatores extralinguísticos podem influenciar e contribuir para o maior ou menor uso de uma linguagem caracterizada pela presença de palavras com sentido figurado, que constitui-se em uma variação semântico-lexical proporcionada pela heterogeneidade linguística.

A análise comparativa entre os termos e expressões coletados e sua possível dicionarização em Houaiss (2011) permitiu alguns apontamentos:

- Do total de 260 termos e expressões obtidas na entrevista semiestruturada, 156 não se encontram dicionarizados – o que aponta que 60% desse total ainda pode apresentar o caráter secreto dessa linguagem, a gíria de um grupo ligado à marginalidade, que, segundo Preti (1984), esse falar diferente da linguagem comum, que sinaliza uma agressão ao convencional, atesta o conflito desse grupo em relação à sociedade. Aqui é importante considerar a existência de termos e expressões, pertencentes ao vocabulário gírio, já conhecidos, porém, ainda não dicionarizados, visto que alguns desses termos e expressões podem estar em processo de transição de uma linguagem informal para a condição de linguagem comumente utilizada pela sociedade mais ampla.
- Os 64 termos e expressões que se encontram dicionarizados em Houaiss (2011) com sentido diferente do utilizado pelos colaboradores permitem inferir que esses 24,5% do total de termos obtidos ainda se restringem ao uso particular do grupo social em estudo, pois a sua presença no dicionário não indica que houve um movimento de transferência desses vocábulos para a linguagem comum, pois os significados desses vocábulos dicionarizados não coincidem com o sentido dado pelos colaboradores desse trabalho.
- Os 40 termos e expressões dicionarizados com o mesmo sentido do usado pelos entrevistados indicam que tais itens lexicais já migraram para a linguagem comum, e portanto, não apresentam mais o caráter secreto e restrito que caracteriza a variedade usada pelos internos do CENSE, visto que, apesar de alguns estudos sobre essa linguagem mencionarem que esse tipo de variedade social da língua é normalmente utilizada em contextos desprovidos de formalidade e, sobretudo pela população menos favorecida, cultural e economicamente, é preciso observar observar que, à medida em que ela passa a integrar o léxico geral e é registrada em dicionários de língua, ela ganha um

status diferente, sendo assim, uma palavra à disposição e à espera de um falante que a adeque à determinada situação de comunicação.

- Com base nas análises realizadas no *corpus* com o apoio do dicionário Houaiss (2011), nota-se que alguns termos e expressões utilizadas pelos internos são também conhecidos fora do âmbito institucional, como, por exemplo, as palavras ‘baseado’, ‘ducha’, ‘moeda’ e ‘galeto’, que têm, respectivamente, os sentidos de ‘cigarro de maconha’, ‘banho’, ‘dinheiro’ e ‘frango’, tanto para os adolescentes internos, quanto para outros falantes não pertencentes a esse grupo social.

A análise da relação entre os três fatores sociais e os usos exclusivos relativos a cada uma das duas variáveis que os representaram permitiu algumas constatações:

- A diferença de usos linguísticos entre as duas variáveis de um mesmo fator social, com a presença de termos e expressões utilizados exclusivamente por cada grupo, revelou a coexistência de duas formas linguísticas para se referir a um mesmo objeto, situação ou estado de coisas.
- Dessas duas variantes, a composta por termos e expressões de sentido figurado pertence à linguagem considerada não-padrão, normalmente praticada em situações informais de interação verbal; a outra, formada por itens lexicais com sentido comum, pertence à linguagem considerada padrão, regida pelas normas gramaticais e normalmente utilizada em um contexto formal de interação verbal.
- As seis variáveis utilizadas nessa pesquisa contribuíram para alguns usos linguísticos exclusivos de cada grupo que as representaram, sendo que a maior influência de um fator social sobre os usos exclusivos ocorreu com o fator ‘convívio’, em que a variável ‘possibilidade de convívio’ permitiu a maior amostra de itens exclusivamente utilizados pelo grupo que a representava: 47. Paralelamente, a variável ‘não convívio’ apresentou o menor uso exclusivo de termos e expressões com sentido figurado: 16. Esse resultado mostra que a rede social teve papel preponderante nas escolhas linguísticas de uso exclusivo, em comparação com as demais variáveis.
- O fator extralinguístico ‘tempo de internação’ foi o que apresentou menor influência sobre os usos exclusivos, visto que, a variável ‘tempo de internação de até seis meses’ possibilitou uma amostra de 23 itens lexicais com sentido figurado, utilizados exclusivamente pelos seus representantes, e a variável ‘tempo de internação superior

asesis meses' permitiu a obtenção de 32 termos e expressões com sentido figurado, usadas exclusivamente por seus representantes.

Paralelamente, a análise da influência entre as seis variáveis utilizadas e a soma total de termos e expressões pertencentes à linguagem praticada pelos internos possibilitou alguns apontamentos:

- O maior tempo exposto às influências ambientais e culturais do CENSE e da população de internos possibilitou que, através da variável 'tempo de internação superior a seis meses', se obtivesse o maior uso de itens lexicais pertencentes à linguagem dos internos.
- O contato com variados gêneros textuais no ambiente escolar, que favorece a ampliação do repertório vocabular do falante, possibilitou o segundo maior uso de itens lexicais com sentido figurado, que foi constatado através da variável 'nível de escolarização superior ao sexto ano do EF'.
- A formação de uma rede social entre os internos residentes em um mesmo alojamento permitiu o terceiro maior uso de termos e expressões com sentido figurado, através da variável 'possibilidade de convívio'.
- A impossibilidade de uma maior identificação como um membro da comunidade formada por toda a população de internos do CENSE – que dificulta o compartilhamento de ideias e valores (inclusive da linguagem) – possibilitou o quarto maior uso de termos e expressões com sentido figurado, através da variável 'tempo de internação de até seis meses'.
- O pouco contato com vários gêneros textuais, que possibilitariam um aumento do repertório linguístico do falante, somado à defasagem escolar que caracterizou todos os elementos do grupo com menor tempo de escolaridade, permitiu o quinto maior uso de itens lexicais com sentido figurado, através da variável 'nível de escolarização até o sexto ano do EF'.
- A impossibilidade de formação de uma rede social nos alojamentos em que o convívio entre os seus residentes não é permitido possibilitou o menor uso de palavras com sentido figurado, através da variável 'não possibilidade de convívio'.

Certamente, outros fatores não observados nessa pesquisa também podem contribuir para o uso dessa variedade linguística, mas o caráter sincrônico, a perspectiva etnográfica, o número e a característica dos participantes, e o perfil dos internos que a instituição comporta favoreceram a utilização desses três índices de enquadramento social. Assim, fatores sociais como ‘idade’ e ‘sexo’ dos falantes adolescentes também se apresentam importantes, mas o perfil dos internos do CENSE de Ponta Grossa não permitiu o estudo desses fatores extralinguísticos.

O presente trabalho apresentou algumas limitações, como por exemplo, o limitado número de colabores, considerando que Labov (1983) recomenda contar com o mínimo de 25 participantes em um estudo sociolinguístico, mas a autorização concedida pela direção do CENSE só nos permitiu entrevistar oito adolescentes. Outra limitação se refere ao tempo concedido para a realização das entrevistas, pois, se fosse possível um maior tempo para a aplicação da entrevista semiestruturada, um maior número de termos e expressões poderiam ter sido obtidos, o que, provavelmente permitiria uma análise mais abrangente do léxico utilizado pelos adolescentes.

Este trabalho pode contribuir para reforçar o entendimento de que as variedades linguísticas são consequência da heterogeneidade das línguas e são produto de fatores internos e externos ao sistema linguístico, levando-se em conta que existem aqueles que defendem que a melhor maneira de falar é aquela oriunda da norma padrão, e outros que acreditam que existem ocasiões que permitem o uso de variantes de menor prestígio. Segundo Bagno (2004), os primeiros favorecem a ocorrência de atitudes de discriminação e preconceito linguístico, pois defendem a existência de uma única forma de falar, a padronizada.

A variedade linguística usada pelos adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas de privação de liberdade está longe de ser somente uma questão de prestígio ou não, pois essas variações possibilitam maior liberdade na comunicação, sendo utilizadas no sentido de possibilitar mais segurança ao falante e um sentimento de pertencimento a determinado grupo.

O crescente número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas de internação, com o consequente aumento da população carcerária brasileira, não se constitui apenas em uma questão de segurança, mas também exige que seja tratado de maneira multissetorial, não somente por autoridades policiais, juristas, psicólogos e assistentes sociais, mas tendo a participação de outros profissionais, como o pesquisador sociolinguista, que, ao pesquisar a linguagem desses adolescentes pode trazer à tona questões sobre o uso desse código linguístico no trabalho pedagógico, na atenção básica à educação, bem como sobre as

estratégias didáticas e pedagógicas para promover o desenvolvimento de competências escolares que envolvam o processo educacional e a linguagem praticada por tal grupo social.

É nesse sentido que a presente pesquisa pretende contribuir para os estudos sociolinguísticos no sentido de possibilitar a criação de ferramentas pedagógicas que auxiliem tanto o processo de ensino-aprendizagem escolar desses adolescentes, quanto a desconstrução do preconceito linguístico, o qual acaba por reforçar a posição social (marginal) desses adolescentes, pois é preciso considerar que estes, se não forem assistidos no tocante à educação escolar e não receberem uma atenção especial por parte de educadores e das demais pessoas que lidam com esse grupo social, futuramente terminarão por engrossar o número de sentenciados nas penitenciárias brasileiras, como tem acontecido regularmente nas últimas décadas segundo os dados mais recentes do INFOPEN (BRASIL, 2016).

As investigações entre linguagem e fatores extralinguísticos e sua relação com o comportamento social dos falantes podem contribuir para a compreensão do universo vocabular dos adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, e colaborar com as práticas daqueles que trabalham com jovens, buscando compreender melhor suas particularidades, com a finalidade de auxiliá-los e conduzi-los nessa constante busca de experimentação de novas sensações e de tudo que se apresenta como novo.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. D. A.; MOTA, J. A.; MILANI, G. A. L. **Documentos I: Projeto do Atlas Linguístico do Brasil**. Salvador: Ed. da UFBA, 2004.

ARAÚJO, S. S. F. **A concordância verbal no português falado em Feira de Santana – BA: sociolinguística e sócio-história do português brasileiro**. 2014. 342 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal da Bahia, Bahia.

BAGNO, M. **Norma linguística**. Edições Loyola, São Paulo, 2001.

_____. **Linguística da norma**. Edições Loyola, 2002.

_____. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 29 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Frateschi Vieira. 12ª edição. São Paulo: Hucitec, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação – uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Posto Editora, 1994.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2003.

BORTONE, M. E. **Comunicação interdialeto: um retrato de diversidades culturais**. 1993. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

_____. **Nós chegemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

BRASIL. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. **ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente**.

_____. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Justiça. Departamento Penitenciário Nacional. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias - INFOPEN**. Dezembro, 2017. Disponível em <https://www.poder360.com.br/wp-content/uploads/2017/12/relatorio_2016_Junho.pdf>. Acesso em 19 de janeiro de 2017.

_____. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH). **Levantamento Anual SINASE 2014**. Brasília: 2015a.

_____. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**, 2015b. Disponível em <http://cnj.jus.br/files/conteudo/destaques/arquivo/2015/07/577d8ea3d35e53c27c2ccc265cd62b4e.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2016.

_____. Ministério da Justiça. Conselho Nacional de Justiça. **Cadastro Nacional de Adolescentes em Conflito**. Brasília, 2016.

BRIGHT, W. **Sociolinguistics: proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference, 1964**. Vol. 20. Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 1985.

_____. **As dimensões da sociolinguística. Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

CARLOS, V. G. **O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai**. 2015. 289 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

CELLA, S. M. Camargo D. M. P. **Trabalho pedagógico em adolescentes em conflito com a lei: feições da exclusão/inclusão**. Educação Social. Edição de janeiro. N. 106. V. 30. 2009, p. 281-99.

CICOUREL, C. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, A. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1992.

COELHO, L. P.; MESQUITA, D. P. C. D. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **EntreLetras**, v. 4, n. 1, 2013.

CORREIA, J. C. P. **O universo linguístico de adolescentes infratores do Paraná**. 2008. 200f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

COSERIU, E. **O homem e a sua linguagem**. Tradução de Carlos Alberto Fonseca. Rio de Janeiro: Presença, 1982.

COSERIU, E. **Teoria da linguagem e lingüística geral**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Presença, 1987.

COSTA, S. J. D. Métodos. In: COSTA, S. J. D. **Configurações de transação na produção e comércio de álcool no centro-norte do Brasil**. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Agronomia) - Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília: Brasília.

COUTINHO, M. F. G.; BESERRA, I. C. R. Desenvolvimento puberal normal e suas alterações. In: COUTINHO, M. F. G; BARROS, R. R. **Adolescência: uma abordagem prática**. Editora Atheneu. São Paulo, 2001. p. 33-47.

DA SILVA, E. R. A.; DE OLIVEIRA, R. M. **Nota Técnica nº 20. O adolescente em Conflito com a Lei e o Debate sobre a Redução da Maioridade Penal: esclarecimentos necessários**. 43 p., 2015. Disponível em

<<http://www.maioridadepenal.org.br/arquivos/Nota%20t%C3%A9cnica%20-%20O%20Adolescente%20em%20Conflito%20com%20a%20Lei%20e%20o%20Debate%20sobre%20a%20Redu%C3%A7%C3%A3o%20da%20Maioridade%20Penal.pdf>>. Acesso em 01 de janeiro de 2018.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-39.

DONAS, S. Marco epidemiológico – conceptual da saúde integral do adolescente. In: Rocha E. M. F. M. **O mundo de ponta cabeça: sexualidade e orientação sexual na visão de adolescentes**. 2001. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2001.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Unesp, 2005.

ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.

ERIKSON, E. H. **Identity: Youth and crisis**. Nova Iorque: Norton & Company, 1994.

EVANS, B. **The role of social network in the acquisition of local dialect norms by Appalachian migrants in Ypsilanti, Michigan**. Language Variation and Change, Cambridge, V. 16, p.153-167, julho 2004.

FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 37-61.

_____. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. 2ª edição. São Carlos: Editora Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. B. Língua e patrimônio: a palavra como lugar de onde se vê o mundo. In: ISQUERDO, A. N (Org.). **Estudos geolinguísticos e dialetais sobre o português: Brasil e Portugal**. Campo Grande: Editora UFMS, 2008. p. 289-311.

FIORIN, J. L. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

FLICK, U. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Tradução Magda Lopes. Porto Alegre: Penso, 2013.

GUMPERZ, J. P.; HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: métodos de investigación**. Barcelona: Espanha. Editora Paidós, 1981.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão. In: **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, 2006.

HALL, G.E. **Ethnographers and ethnographic data, an iceberg of the first order for the research manager**. Trabalho apresentado na reunião da AERA, Toronto, 1978.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. D. S. **Dicionário Houaiss Conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

ISQUERDO, A. N. Léxico em tempo e espaço: a questão dos regionalismos. In: MARIN, J. R.; VASCONCELOS, C. A. D. (Orgs.). **História, região e identidades**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2003. p. 165-181.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Editora Cultrix, 1985 [1973].

JOHNSTONE, B. **Qualitative methods in sociolinguistics**. New York: Oxford University Press, 2000.

LABOV, W. **Modelos sociolinguísticos**. Madrid: Cátedra, 1983.

_____. **Principles of linguistic change – social factors**. Oxford: Blackwell, 2001[1972].

_____. **The social stratification of English in New York City**. 2. ed. New York: Cambridge University Press, 2006 [1966].

_____. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972], 391p.

_____. **Principles of linguistic change: cognitive and cultural factors**. Malden/Oxford/Sussex: Wiley-Blackwell, 2010.

LOPES, A. C. **Narrativas das adolescentes em conflito com a Lei**. 2003. 199 f. Dissertação (Mestrado em Linguística, Línguas Clássicas e Vernáculas) – Universidade de Brasília, Brasília.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARTELOTTA, M. E. Conceitos de gramática. In: MARTELOTTA, M. E. (Org.). **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, p. 43-70.

MATOS, S. C. D. **A língua dos “filhos errantes da sociedade”: uma análise sociodiscursiva das gírias do sistema penitenciário do interior do Tocantins**. 2014. 203 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, J. **Linguistic Variation and Change**. Blackwell, 1992.

MINAYO, M. C. D. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 61-77.

MIRIAM H. **Adolescência e saúde: uma visão preventiva para profissionais de saúde e educação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MODESTO, A. T. T. Resgatando a polêmica: os limites da teoria variacionista. In: **Revista de Letras**, nº 26, vol. 1/2 - jan/dez. 2004. p. 57-59. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl26Art09.pdf>>. Acesso em 13 de abril 2017.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 9-14.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

MONTEAGUDO, H. Variação e norma linguística: Subsídios para uma (re)visão. In: BAGNO, M.; LAGARES, X. C. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011, p. 43.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

MORALES, H. L. **Sociolinguística**. 2ª edição. Madrid: Gredos, 1993.

NARO, A. Idade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística - o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

OLIVEIRA, A. M. P. P. D.; ISQUERDO, A. N. (Orgs.). **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2ª edição. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

ORGANIZACIÓN PAN-AMERICANA DE LA SALUD. **Proyecto de desarrollo y salud integral de adolescentes y jóvenes em America Latina y el Caribe 1997-2000**. Washington, D. C, 1998.

PAIVA, M. DA C. Sexo. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística - o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2004.

PATRIOTA, L. M. **A gíria comum na interação em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2009.

PERES F, R. C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. In: **Saúde e Sociedade**. V. 7. N. 1. 1998, p.53-86.

POSSENTI, S. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 1997.

PRETI, D. **A gíria e outros termos**. São Paulo: T.A. Queiroz Edusp, 1984.

PRETI, D. **Sociolinguística: Os níveis de fala**. São Paulo: Edusp, 1994.

RASPANTI, L. M. P. D. S. **A abordagem sociodramática com grupos de adolescentes**. 2002. 134f. Dissertação. (Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

REMENCHE, M. L. R. **As criações metafóricas na gíria do sistema penitenciário do Paraná**. 2003. 107 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Estudos de Psicologia: Campinas, 2005.

SANTOS, R. L. de A. **A concordância verbal na fala de menores carentes que vivem em entidades filantrópicas de Maceió.** 2010. 144f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SAPIR, E. D. **A linguagem: introdução ao estudo da fala.** 2ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971 [1921].

_____. **Linguística como ciência: uma introdução.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1987 [1947].

SILVA, M. E. T. **Os sentidos da liberdade... A gíria prisional como resultado de uma produção léxica criativa e significativa.** 2008. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

SOUSA, R. M. **Gênero discursivo mediacional, da elaboração à recepção: uma pesquisa na perspectiva etnográfica.** 2006. 257 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade de Brasília, Brasília.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística.** São Paulo: Ática, 2003.

TRAVAGLIA, L. C. **Gramática ensino plural.** 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

VICENTIN, M. C. G. **A vida em rebelião: jovens em conflito com a lei.** São Paulo: Hucitec, 2005, p.17-60.

VOTRE, S. J. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2004, p. 51-57.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística.** Parábola, [1968] 2006.

WENGER, E. **Communities of practice: Learning, meaning and identity.** Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WERNER, H., & KAPLAN, B. **Formação de símbolos: uma abordagem de desenvolvimento organísmico para o idioma e a expressão do pensamento.** New York: John Wiley, 1963.

ANEXO I**FICHA DO INFORMANTE****1 – DADOS DO INFORMANTE**

Iniciais do nome:

Idade:

A – DADOS PESSOAIS

Nome: (iniciais)

Local de nascimento: Sexo: M () F ()

Idade:

B – GRAU DE INSTRUÇÃO

Ensino Fundamental ()

Ano concluído:

Ensino Médio ()

Ano concluído:

C – PERÍODO DE TEMPO DE INTERNAÇÃO

Tempo de unidade no CENSE PG:

Menos de 6 meses ()

Data da primeira internação:

Mais de 6 meses ()

Idade da primeira internação:

Passou por outras unidades () Qual (s) unidade (s) já passou:

Tempo total de internação já cumprido:

D - TRABALHO

Já trabalhou ():

Em que:

Quanto tempo:

E –ALOJAMENTO EM QUE RESIDE

Casa: Alfa () Bravo () Charlie () Delta () Eco () Fox () Golf () Hotel ()

No alojamento em que reside é permitido/possibilitado o convívio? () Sim () Não

2 – DADOS DA ENTREVISTA

Local:

Data:

Entrevistador:

3 – DADOS DE REGISTRO

Número da pasta:

Áudio nº:

Tempo de gravação:

Transcritor:Revisor:

Data:

ANEXO II

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Parte I – Entrevista Narrativa

INFÂNCIA - Objetivos: relaxar o informante (em geral, as pessoas gostam de falar de sua infância); obter informações sobre local de nascimento, relações familiares, amigos de infância:

1. Conte um pouco sobre sua infância. Que momentos ficaram mais marcados na sua memória?
2. Brincava com outras crianças? Quais eram as brincadeiras que mais gostava? Mantém contato com algumas delas até hoje?
3. Assistia desenhos na televisão? Quais? Jogava videogame? Quais tipos de jogos preferia?
4. Quais hábitos você se lembra de ter na infância e que mantém até hoje?

FAMÍLIA - Objetivos: obter informações sobre a família do entrevistado:

5. Quantas pessoas compõem sua família? Tem filhos? Quantos?
6. Você tem irmãos? Qual a idade deles? Tem algum deles que você convive mais? Conte alguma lembrança que tenha do convívio com seus irmãos.
7. Fale um pouco sobre seus pais. Conte como era seu relacionamento com eles.
8. Quais as boas recordações que você guarda da sua família?
9. Onde seus pais nasceram? Quantos anos eles têm?
10. E o resto da família, você tem muitos tios e primos? Como é sua relação com eles? Onde moram? Recorda de algum momento que marcou sua relação com algum parente?

ESCOLARIDADE – Objetivos: verificar o grau de instrução escolar do informante:

11. Você estuda? Qual ano escolar frequenta? Gosta de estudar? Recorda de alguma situação que te marcou no ambiente escolar? Comente a respeito.

12. Você costuma ler? Se sim, qual o tipo de leitura que prefere? Quanto tempo você se dedica à leitura diária?

COTIDIANO DO AMBIENTE SOCIOEDUCATIVO – Objetivos: compreender o dia a dia do adolescente em relação às atividades socioeducativas proporcionadas pela instituição:

13. Já esteve cumprindo medidas de internação em outras Unidades Socioeducativas? Se sim, por quais unidades já passou?
14. Como é seu relacionamento com os outros adolescentes? Você se sente pertencente a um grupo?
15. Como é sua rotina diária? Conte-me como você passa o dia, desde o momento em que acorda? Existe algum momento preferido? Qual, ou quais?
16. Você executa algum trabalho dentro da instituição? Se sim, qual? Se sim, gosta dessa ocupação? Como você acha que ela poderá te auxiliar no futuro?
17. Você recebe visitas regularmente? Se sim, quais e quantas pessoas vêm te visitar? O que elas trazem na visita? Quais benefícios você vê na visita dos familiares? Se não recebe visitas, quais prejuízos você vê na ausência da visita de familiares?
18. Quais atividades oferecidas pela instituição você frequenta? Qual atividade mais gosta? Por quê?

19. Já aconteceu alguma coisa aqui que te marcou profundamente? O que aconteceu?

LINGUAGEM – Objetivos: verificar como o entrevistado considera a linguagem utilizada pelos adolescentes internos e se já sofreu com atitudes de preconceito linguístico em virtude da linguagem utilizada:

Você saberia me dizer por que, no modo de falar dos adolescentes, algumas palavras têm um significado diferente do usual?

20. A maneira que vocês falam auxilia a comunicação entre vocês?

21. Você aprendeu essa forma de falar aqui na instituição? Ou já a conhecia antes de vir pra cá?

22. Você já sofreu preconceito devido ao jeito de falar? Se sim, conte-me o que aconteceu.

23. Quais consequências negativas esse episódio de discriminação causou em sua vida?

24. Você acha que a maneira de falar influencia no tratamento que o adolescente recebe na sociedade?

25. Você acha fácil aprender essa linguagem?

Parte II – Questionário semântico-lexical

26. Como os internos chama um adolescente recém-chegado?

27. Os adolescentes aqui no CENSE se comunicam entre si através de bilhetes?

PARTE III
No dia a dia, como vocêalaria para outro adolescente que:
28. Está limpando o alojamento;
29. Está escovando os dentes;
30. Está almoçando ou jantando;
31. Está dormindo, descansando;
32. Está zuando, ou tirando o sarro;
33. Está tudo bem com você?
34. Está com fome;
35. Está com saudades da família;
36. Está assistindo um filme muito bom;
37. Comeu algo muito gostoso durante a visita;
38. Está cansado de fazer alguma coisa;
PARTE IV
Como você pediria a alguém para:
39. Chamar alguém que está longe;
40. Te ajudar;
41. Trocar algo com você – comida ou objetos;
42. Emprestar algo pra você;
43. Dar um recado para alguém;
44. Entregar uma roupa ou objeto quando você não consegue alcançá-la;
45. Sair dali de onde está – ir embora;
46. Trocar de ala;
PARTE V
Em uma conversa natural, como vocêalaria para um outro adolescente que ele está:
47. Concordando com uma opinião errada, diferente da sua;
48. Seguindo a opinião dos outros;
49. Copiando outro colega;
50. Mentindo;
51. Te atrapalhando;
PARTE VI

Como você chamaria algum adolescente que, para você:
52. Não fala a verdade
53. É medroso;
54. É falso amigo;
55. Faz coisas erradas na instituição;
PARTE VII
Quando chega um adolescente novo, como você perguntaria para ele:
56. O motivo dele ter ido parar na instituição;
57. Quem ele conhece do bairro dele, ou da cidade;

PARTE VIII

Considerando que aqui na instituição os adolescentes e os educadores dão outros significados para algumas palavras, se você também utiliza desse recurso de mudança linguística, qual palavra você utiliza para se referir à:

Banheiro; banho; porta; janela, cama, colchão; buraco para fuga; chão do alojamento; casa, alojamento; alojamento de contenção; aparelho de barbear, desodorante, marmitex; sobra de comida; pão, banana; sobremesa; suco; frango; linguiça; margarina; colher; televisão; corda improvisada, cobertor; lápis; caneta; carta; bilhete; relógio; isqueiro; recado; carro; atividade fora da Unidade; roupa; calçado; camiseta; cueca; calça; óculos; dinheiro; nota de um real; cinco reais; dez reais; cinquenta reais; maconha; cocaína; cigarro de filtro; bebida alcoólica; cigarro de fumo; arma de fogo; arma artesanal; cabeça; pernas; nádega; cabelo; pênis; ânus; espelho; briga entre os internos; revista nos alojamentos; revista pessoal; namorada; bola.

PARTE IX

Aqui na unidade, os adolescentes e funcionários utilizam muitas variações linguísticas, dessa forma, você sabe o que quer dizer:

A pampa; Abraçar ideia; Adianto; Agá; Aliado; Alimentar; Areieiro; Badalo; Bagulho; Banca; Barrado; Baseado; Bocuda; Boga; Bolar ideia; Borsa; Botinho; Boy; Brasa; Buti; Bronca; Cabuloso; Caçar assunto; Cair com; Calçar o peito; Cambau; Caneco; Caneta; Cano; Cena; Sua cara; Catatau; Chapado; Chocar; Clarear; Cofre; Condena; Considerado; Corda; Correr com; Coroa, Coruja; Dar a letra; Dar gesto; dar ideia; Dar milho; Dar um pega; Dar nome; dar peão; Dar raio; Dar um rolê; Dar um tapa; Dar um tiro; De boa; De mil grau; Debater; Deixar falando; Desacordo; Descalço; Dezesesseis; Dormir na pedra; Doze; Duque; Duque treze; Encaixotar; Enquadrar; Estar azul; Estar de lança; Estar ligado; Externa; Fazer a cabeça; Fazer gesto; Fazer jogo; Feinha; Ficar na corda; Fininho; Fino; Fita; Fitinha; Fuja; Fuja louco; Fumar; Funça; Função; Gambé.